



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MULHERES E LEITURA NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX:
UM ESTUDO DE CASO DE *A ESTAÇÃO* (1888)

Luana Pereira Luz

Rio de Janeiro/ RJ
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**MULHERES E LEITURA NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX:
UM ESTUDO DE CASO DE *A ESTAÇÃO* (1888)**

Luana Pereira Luz

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó

Rio de Janeiro/ RJ
2010

**MULHERES E LEITURA NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX:
UM ESTUDO DE CASO DE *A ESTAÇÃO* (1888)**

Luana Pereira Luz

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

Prof. Dr. Mário Feijó – orientador

Prof.^aDr^a Cristiane Costa

Prof.^a Dr^a Isabel Travancas

Aprovada em: 17/12/2010

Grau:

LUZ, Luana Pereira.

Mulheres e leitura no Rio de Janeiro do século XIX: um estudo de caso de *A Estação*/ Luana Pereira Luz – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2010.

58 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2010.

Orientação: Mário Feijó

1. Imprensa Feminina. 2. Práticas de Leitura. 3. Século XIX. I. FEIJÓ, Mário (orientador) II. ECO/UFRJ III. Produção Editorial IV. Título

À minha mãe por ser o exemplo que é,
por me apoiar e incentivar incondicionalmente.

AGRADECIMENTO

Sem os meus pais não estaria aqui em todos os sentidos, eles sempre valorizaram o estudo e a responsabilidade acima de tudo e dentro das suas possibilidades me proporcionaram a oportunidade de me aventurar nas leituras e nos estudos pelos quais me interessei. E em todos os tropeços e mudanças de rumo, apoiaram-me mesmo quando não tinham mais a obrigação: deram-me todo o suporte quando decidi trocar o jornalismo pela produção editorial, mesmo não sabendo muito bem do que se tratava a última. Agradeço também à minha mãe por, na minha infância, deixar-me brincar na sua biblioteca e por entupir a casa de livros para crianças: praticamente todo o lugar da casa tinha pelo menos um.

O entusiasmo do professor Mário Feijó quando lhe expliquei o tema deste trabalho me proporcionou grande alegria. Além disso, toda a sua atenção, disponibilidade e conhecimento fizeram com que este trabalho ganhasse muito em termos de qualidade e com que eu me mantivesse menos estressada possível.

Aproveito para agradecer toda a atenção, profissionalismo e respeito dos funcionários da sala de consultas da Fundação Casa de Rui Barbosa que por vários meses me ajudaram com o acesso ao arquivo de periódicos dessa instituição. A Prof^a Maria Helena Vicente Werneck, também da Fundação Casa de Rui Barbosa, apesar de não ter nenhum contato direto comigo, emprestou-me dois trabalhos valiosos sobre imprensa feminina; sou muito grata por sua gentileza e atenção.

Também agradeço às professoras Isabel Travancas e Cristiane Costa por dedicarem parte do seu tempo em ler estas páginas e por contribuírem com os seus apontamentos para o aprimoramento deste trabalho.

Não poderia deixar de citar meus amigos, pois além de contribuírem com seus comentários e discussões sobre as minhas pesquisas, sempre estiveram ao meu lado, mantendo-me de pé e sã. O que eles são me dá força e fê para continuar, e sua diversidade de pensamento aguça continuamente a minha curiosidade, diminuindo os meus preconceitos. Nunca serei capaz de agradecer apropriadamente aos meus companheiros: Maria Fernanda de O. C. Rodrigues, Michele Gomes, Phellipe Marcel e Tassia Lima. A minha amiga Juliana Pitanga teve a bondade de revisar estas páginas, mesmo tendo o seu próprio trabalho para

escrever: muito obrigada!

Não era mais uma menina com um livro:
era uma mulher com seu amante.

Clarice Lispector

LUZ, Luana Pereira. Mulheres e leitura no Rio de Janeiro do século XIX: um estudo de caso de *A Estação*. Orientador: Mário Feijó. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação Em Produção Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 58 f.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco os jornais produzidos para mulheres no Rio de Janeiro do século XIX, baseada no estudo de caso de um dos periódicos femininos mais famosos da época: *A Estação*. O objetivo é mostrar como ocorreu a ascensão da mulher brasileira como leitora: a conjunção de fatores econômicos, sociais, culturais e políticos relacionados com o trabalho de editores empreendedores que se arriscaram nessa nova vertente de publicações. Além de tentar desvendar as estratégias editoriais, os mecanismos de formação do hábito de leitura e o perfil de leitora (e mulher) que era “vendido” por esses veículos. Esta investigação também se propõe a colaborar com os estudos sobre jornais femininos, cuja uma das, se não a maior, pesquisadora é Dulcília Buitoni. Outras fontes de pesquisa foram o trabalho sobre história do livro no Brasil realizado por Hallewell; os livros sobre Educação de Lajolo e Zilberman; as pesquisas sobre gênero e feminismo de Goldenberg; e os relatórios de pesquisa de Monteiro e Moreira sobre os jornais *A Estação* e *Jornal das Famílias*. Por meio deste trabalho foi possível descobrir que a introdução da mulher entre os leitores teve a contribuição da ascensão da burguesia; da produção em massa de produtos culturais; da vinda da Corte para o Rio de Janeiro; do avanço das comunicações e do desenvolvimento das técnicas de impressão; e da necessidade de se controlar a mulher por meio do que esta lia. Em suma, por trás da feitura de singelos jornais para mulheres havia uma rede de interesses comerciais, políticos e sociais que contrastam com a forma como os veículos de comunicação para mulheres são encarados até hoje: como produtos bobos e descompromissados.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. IMPRESSOS PARA MULHERES: BREVE DEFINIÇÃO E SUA RAZÃO DE SER.....	5
2.1 A EXCLUSIVIDADE FEMININA.....	5
2.2 ROMANCE PARA MULHERES.....	9
2.3 A ASCENSÃO DO ROMANCE E DO FOLHETIM.....	10
2.4 A RELAÇÃO ENTRE JORNAIS E LIVROS FEMININOS.....	12
2.5 A REMUNERAÇÃO DO AUTOR BRASILEIRO.....	13
2.6 A BUSCA POR MAIS LEITORES.....	13
2.7 CENSURA ECONÔMICA E DE GÊNERO.....	14
2.7.1 A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO.....	16
2.7.2 A MULHER DA ELITE X A MULHER REMEDIADA.....	19
3. CONTEXTO HISTÓRICO	
BRASILEIRO.....	23
3.1 O MONOPÓLIO DA IMPRENSA RÉGIA.....	24
3.2 O FIM DA CENSURA DO GOVERNO E DO MONOPÓLIO DA IMPRESSÃO RÉGIA.....	24
3.3 OS EDITORES QUE PUBLICARAM PARA AS MULHERES NO SÉCULO XIX.....	27
3.3.1 PLANCHER.....	27
3.3.2 PAULA BRITO.....	28
3.3.3 GARNIER.....	29
3.3.4 LAEMMERT.....	31
3.4 OS PRIMEIROS ROMANCES E OS LIVROS PARA MULHERES PRODUZIDOS NO BRASIL.....	32
4. A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL DO SÉCULO XIX.....	33
4.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA IMPRENSA FEMININA.....	35

4.1.1 TEMPORALIDADE.....	35
4.1.2 A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO.....	36
4.1.3 O PAPEL DO ESPECIALISTA.....	37
4.1.4 A FANTASIA E O DOMÍNIO DA ESFERA DO PRIVADO E DO DOMÉSTICO.....	38
4.1.5 A SEGMENTAÇÃO DO PÚBLICO.....	39
4.1.6 O PERIÓDICO COMO OBJETO A SER COLECIONADO.....	39
4.1.7 O USO DA LINGUAGEM MAIS PRÓXIMA À LEITORA.....	40
4.1.8 O INDIVIDUALISMO.....	41
4.1.9 OS CONTEÚDOS SENTIMENTAIS.....	41
4.1.10 A BUSCA PELA ETERNA ATUALIZAÇÃO.....	42
5. O PERIÓDICO <i>A ESTAÇÃO</i>.....	43
5.1 MODA X LITERATURA.....	44
5.2 A QUESTÃO DA TEMPORALIDADE: O COLUNISMO SOCIAL DE ARTHUR AZEVEDO	44
5.3 CRÔNICA SOCIAL DE TEATRO.....	49
5.4 CONTOS DE I.S. E OS DE ARTHUR AZEVEDO: A NORMATIZAÇÃO DO AMOR CONTRA A CRÍTICA SOCIAL.....	50
5.5 A LITERATURA COMO NOTÍCIA E OS PERFIS PUBLICADOS PELO JORNAL.....	3
4	
5.6 <i>QUINCAS BORBA</i>	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	
1. Introdução	
<p>Nos últimos anos, muitas autoras de livros têm fugido de um rótulo pejorativo utilizado por editoras e principalmente pela mídia: o de escritoras de livros “mulherzinha” ou <i>chick lit</i>. Estes seriam</p>	

livros voltados para mulheres na faixa dos vinte a trinta anos, preocupadas com a carreira, mas principalmente concentradas na sua vida amorosa, na aparência física e no seu relacionamento com as amigas. Tais autoras afirmam que não existe uma literatura voltada exclusivamente para determinado gênero, que ao escreverem não o fazem adequando o conteúdo de sua obra a um determinado público leitor.

Contudo, é notório o peso desses ditos livros para mulheres no faturamento das editoras e na lista dos mais vendidos. O que surpreende, na verdade, é o fato de essa categoria ser vista como um fenômeno recente e só possível por meio das mãos de escritores do sexo feminino. Pois tal movimento teve sua origem na segmentação do público leitor em gêneros, quando os investimentos dos mecenas na produção literária diminuíram e os livreiros surgiram com uma postura mais mercadológica em relação aos livros, preocupando-se mais com o lucro e volume de vendas do que com o valor do texto enquanto arte.

Desse modo, para aumentar o faturamento, os livreiros, editores e autores procuraram encontrar novos nichos de mercado a serem explorados e viram na mulher letrada, ociosa e vinda de famílias com posses um alvo promissor. Além de ser um mercado latente, as mulheres das camadas mais abastadas da população também começaram a frequentar cada vez mais os espaços públicos, o que gerou uma preocupação maior com a normatização da sua conduta. Fora o grande medo que os pais de família tinham daquilo que suas mulheres liam.

Assim, como será mostrado detalhadamente no decorrer deste trabalho, com o objetivo de entreter e de educar a mulher com os valores dominantes, e almejando cativar um público leitor maior e supostamente menos exigente, os editores passaram a encomendar obras a escritores de aluguel, já lhes passando as diretrizes que os textos deveriam seguir. Estes eram publicados sob a forma de capítulos que ocupavam geralmente o rodapé dos jornais produzidos também por editores, e aqueles que obtinham grande repercussão eram encadernados e vendidos em códice.

Esta pesquisa, longe de tentar esgotar o tema da produção de editores para o mercado do público feminino, almeja mostrar um panorama dos primórdios do trabalho desses empreendedores para as mulheres brasileiras. Desse modo, o estudo ficou restrito ao trabalho dos primeiros editores instalados no Brasil responsáveis pelo desenvolvimento dos primeiros livros e jornais voltados ao público feminino ao longo do século XIX. Como não seria possível analisar todos os tipos de

impressos da época, a investigação focou os jornais femininos já que estes alcançaram grande popularidade no período estudado e por eles apresentarem mais nitidamente o papel do editor na escolha de conteúdos, de colaboradores, no tratamento gráfico de cada seção, no apuro da impressão e do visual estético da publicação. Para exemplificar melhor todos esses aspectos foi feito um estudo de caso do jornal *A Estação*, tendo por base todos os exemplares do ano de 1888, consultados na Fundação Casa de Rui Barbosa. Para entender melhor tal periódico, foram fundamentais os trabalhos de Dalva Maria Silva Monteiro e Sonia de Sousa Moreira, ambos orientados por Maria Helena Vicente Werneck.

Também foi realizado um levantamento sobre o contexto histórico do Brasil na época do surgimento e sucesso desses produtos para descobrir as condições políticas, econômicas e sociais que geraram um ambiente favorável ao investimento dos editores nesse tipo de publicação. Assim, a obra de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*, contribuiu para o entendimento do contexto da cidade do Rio de Janeiro e para levantar os perfis e as histórias dos editores e do governo enquanto impressor no século estudado.

Sobre a história específica dos jornais e revistas femininos, foram utilizadas as obras *Imprensa feminina* e *Mulher de papel* de Dulcília Buitoni. Apesar de a pesquisadora deixar claro que teve pouco acesso aos exemplares de periódicos femininos do século XIX, as suas obras seguem fundamentando o trabalho de diversos estudiosos da imprensa feminina, pois Buitoni detalhou todo o desenvolvimento desta imprensa no Brasil e no mundo, além de ter classificado as características desses veículos e seus mecanismos de sedução desde o século XIX até o século XXI.¹

Também enriqueceu a pesquisa o livro *Quotidiano e poder em São Paulo do século XIX* de Maria Odila Leite da Silva Dias que, apesar de focar o cotidiano das mulheres pobres e remediadas paulistas, foi primordial para mostrar como a figura de mulher para a qual os jornais pesquisados se direcionavam estava longe de ser maioria, aliás, tal figura não passava de um mito, uma construção social do ideal de ser mulher.

1 A autora também é criticada por ter deixado de fora de sua análise os textos jornalísticos e o colonismo social. (MELO, 2006)

Tal mito só foi combatido com maior êxito a partir de uma categoria desenvolvida pelo movimento feminista da década de 1970 como forma de denunciar a opressão sofrida pelas mulheres: a categoria “gênero”, diferenciada de “sexo”.

O surgimento de tal categoria é considerado uma inovação no campo das pesquisas que têm a mulher como tema por levar em conta os aspectos sociais e culturais que perpassam a construção da mulher e do homem e das suas interações; em contraposição à prática de se analisar ambos e as relações entre eles a partir do “sexual”, limitando-se à dimensão biológica. Ao sair do modelo que prende e naturaliza os papéis sociais de homens e mulheres na sua biologia, os estudos de gênero abriram caminho para o questionamento da condição feminina já que entendem as características atribuídas à mulher e ao homem como social e culturalmente construídas (GOLDENBERG, 2004). Tal conceito, desse modo, adequa-se ao conceito de “mito” elaborado por Roland Barthes, já que o mito funciona como a naturalização daquilo que é construído no campo do social e do cultural, é o ideológico apresentado como o natural que sempre esteve ali e por isso não é passível de questionamento (BARTHES, 2009).

A imagem padrão do que se espera da mulher é, dessa forma, uma construção histórica naturalizada e reforçada constantemente nas dinâmicas internas de cada indivíduo e nas esferas de interação social, incluindo os meios de comunicação de massa. Desse modo, os periódicos femininos também vêm propagando o modelo a ser seguido, já que se apresentam como o melhor recurso a ser

utilizado para que a leitora acompanhe o seu tempo, esteja sempre atualizada e não saia do padrão do que é considerado uma mulher aceita, digna, bela, e educada.

Ou seja, o trabalho tomou como base pesquisas do campo da antropologia, história, comunicação social e literatura – o que demonstra a riqueza e importância do tema. Ela se apoiou ainda na busca de exemplos e na descrição, o que poderia ser considerado um defeito por muitos. Mas isso se deve principalmente à consciência de não ser possível esgotar o tema numa monografia de conclusão de curso e ao desejo de se montar um panorama geral do objeto impresso feminino, mostrando a razão de sua criação tanto da perspectiva comercial e histórica quanto cultural e social.

Por trabalhar com campos e perspectivas tão diferentes, o texto deste trabalho acabou assumindo um modelo de “colcha de retalhos”, chegando em alguns momentos ao confronto direto de opiniões, como acontece entre Buitoni e Hallewell. Por isso optou-se por uma maior fragmentação do texto com o uso de muitos subitens, para evitar a sensação de ida e volta.

E tentou-se ao máximo usar exemplos retirados da imprensa da época e principalmente do próprio *A Estação*, além da preocupação com a transcrição de alguns textos dos exemplares analisados e a reprodução de páginas de alguns volumes do periódico nos anexos. Apesar de constatar que tal procedimento aumentou significativamente o volume de páginas do presente trabalho, julgou-se que a omissão desse material prejudicaria a compreensão das análises e conclusões da pesquisa, já que se trata de material que pouco circula na academia e cujo acesso não é tão fácil. Além de usá-lo para exemplificar e contextualizar as observações, a reprodução dos textos e páginas serve também para preservar a memória desse tipo de publicação que ano após ano vê os seus exemplares mais antigos se danificarem e desaparecerem dos arquivos e das bibliotecas públicos. Por essa mesma razão procurou-se preservar a grafia dos textos originais.

Sobre a reprodução dos exemplares de *Jornal das Famílias*, *Mulher do Simplicio* e *O Espelho*, além da questão da memória, acredita-se que ao olhar cada um até se chegar aos exemplares de *A Estação*, há uma compreensão melhor do avanço gráfico que este último representou para a sua época².

No segundo capítulo são apresentados os principais motivos que levaram as mulheres a serem vistas como um público latente. São enumerados de forma sucinta os prós e contras da leitura

2 Todas as fotos dos anexos foram tiradas por Bernardo Andrade no estúdio fotográfico da Fundação Casa de Rui Barbosa. Por causa das limitações de luz e espaço do estúdio, não foi possível tirar as fotos sem que as páginas estivessem inclinadas, o que comprometeu muito a reprodução delas neste trabalho.

por parte das mulheres. Já o terceiro capítulo é dedicado ao contexto histórico brasileiro, ou seja, nele estão as questões de ordem política, principalmente a vinda da família real, a censura e o monopólio da Impressão Régia, que moldaram de certa forma os primeiros impressos femininos. Nesta seção também se encontra uma breve biografia dos primeiros editores que se dedicaram ao público feminino brasileiro. Já o quarto capítulo trata especificamente dos jornais femininos do século XIX: ele traz as principais características de um veículo voltado para as mulheres e um panorama desse tipo de imprensa no período estudado. Já o último capítulo foca o estudo de caso do jornal *A Estação*, apresentando brevemente a sua história e a de seus criadores, passando para uma análise mais detida de seu conteúdo, relacionando-o com tudo o que já foi apresentado ao longo deste trabalho.

Em outras palavras, o objetivo da presente pesquisa é saber o motivo de serem criados jornais exclusivos para mulheres com características próprias; buscando descobrir quais eram os interesses dos editores e como eles se relacionavam com o contexto social de sua época.

2. Impressos para mulheres: breve definição e sua razão de ser

No mundo e no Brasil, a produção de impressos voltados exclusivamente para o público feminino só foi possível devido a uma conjuntura de fatores, principalmente: a crescente passagem da mulher do campo da vida privada para a vida pública; a necessidade de entreter e educar as mulheres da elite letrada da época; a busca dos livreiros por um público leitor maior; a ascensão do romance enquanto gênero literário; o crescimento da capacidade de produção das casas editoriais etc.

Antes de tudo, é preciso definir o que é considerado um produto impresso especificamente voltado para o público feminino. Há uma corrente minoritária de pesquisadores que acredita que apenas os impressos produzidos por mulheres e para mulheres podem ser considerados

verdadeiramente femininos. Contudo, será adotada a linha majoritária que caracteriza esses produtos em decorrência de seu público alvo, ou seja, o impresso pode ser desenvolvido tanto por homens quanto por mulheres, o importante é ele seguir uma série de prerrogativas que definem o seu direcionamento ao público feminino.

Também é preciso entender o porquê de criarem impressos só para mulheres e para qual tipo de mulher esses textos eram escritos.

2.1 A exclusividade feminina

O surgimento de um periódico destinado exclusivamente ao público feminino data do final do século XVII,³ momento no qual a distinção dos livros e jornais por público segmentado estava longe de ser uma prática comum. De fato, os jornais da época tinham como público alvo os indivíduos de ambos os sexos, apesar de serem lidos majoritariamente por homens – por estes terem maior acesso à alfabetização e serem socialmente estimulados a praticarem tal tipo de leitura.

No que tange aos livros, optou-se por considerar como primeiro livro destinado a mulheres os chamados *lais*. Isso levando em consideração as suas características principais: o foco nos valores morais como a honra, a caridade e a virtude, o crescimento pessoal e/ou felicidade por meio da superação das adversidades e forte presença do amor cortês. Tais textos fundamentados na cultura oral não eram destinados exclusivamente às mulheres, mas não citá-los seria de certa forma uma negligência já que neles há características que permeiam os periódicos femininos até hoje. Como a ênfase no amor romântico entre homem e mulher, a superação, a moral e o papel central e ativo que as mulheres ocupavam nas histórias.⁴ Era subentendido que as mulheres lessem tais textos por suas características, contudo, o primeiro livro que abertamente declarava a sua destinação ao público

3 A primeira publicação destinada ao público feminino com tiragem regular foi a inglesa *Ladies' Mercury*, lançada em 1693.

Vale lembrar o papel do desenvolvimento dos correios para o surgimento desta imprensa, pois só a partir daí foi possível garantir uma razoável distribuição desses jornais e revistas. Estas só se libertariam do correio a partir de 1869, quando nos EUA, as revistas passam a ser vendidas em lojas comerciais e livrarias; sendo a venda sem ser por assinatura adotada na Europa na mesma época. BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.

feminino foi *Pride and Prejudice* (*Orgulho e preconceito*) de Jane Austen, publicado em 1813 na Inglaterra. Nos romances de Austen as figuras centrais são mulheres, as ações se passam majoritariamente em ambientes domésticos e o foco está na busca da felicidade – esta sempre ligada ao amor.

Sobre isso, deve-se ter em mente que antes da entrada da mulher no mercado de trabalho em decorrência da Segunda Guerra Mundial e de certas conquistas do movimento feminista, tais como o direito ao voto, a instituição do divórcio e o reconhecimento legal da mulher como indivíduo capaz e pleno, a mulher era tida como limitada à esfera do privado. Ela era vista como a responsável pela manutenção da harmonia e do bem-estar da família, sendo suas principais “missões” na sociedade garantir um ambiente digno e aconchegante ao marido e aos filhos, e perpetuar os valores e a moralidade vigentes por meio da sua conduta e da educação e vigilância dos filhos.

Em contraposição, a esfera pública era um território pensado como exclusivamente masculino: cabia ao homem garantir o sustento da família e participar e/ou acompanhar a vida política e econômica da sociedade. Sendo o provedor e tido como o mais capaz dentro do seu núcleo familiar, era o homem “chefe de família” o responsável legal pelos seus dependentes e definidor das regras a serem seguidas por estes. Desse modo, a mulher devia obediência primeiro ao pai, na falta deste ao irmão mais velho e depois ao marido.⁵

4 Enquanto as aventuras e conquistas do homem eram os temas principais dos romances de cavalaria, nos quais a mulher ocupava o papel de aquela que sofria com a distância e às vezes com a privação até o retorno do amado, nos lais as mulheres tinham papel ativo e muitas vezes eram as vilãs das narrativas. Além do fato de diversos lais serem creditados a mulheres, como ocorre com os Lais de Maria. (COLASSANTI, 2001)

5 As únicas exceções eram algumas viúvas que conseguiam impor-se e negavam o recolhimento cobrado por sua situação. Há exemplos dessas figuras no trabalho de Maria Odila quando esta faz um contraponto entre as mulheres remediadas e as viúvas de grandes fazendeiros que assumiram o controle dos negócios. Sonia de Sousa Moreira também faz uma análise interessante da figura da viúva nos contos de Machado de Assis. De certa forma, ela seria uma mulher mais “livre” pois já teria cumprido o seu papel ao casar com aquele que lhe foi imposto pela família; agora viúva, ela teria a herança deixada pelo finado e a liberdade de usá-la como quisesse e de escolher o próximo companheiro, caso desejasse casar-se novamente. Mas deve-se ter em mente que tal tipo não era uma regra, muitas heranças eram deixadas para o filho homem mais velho ou as mulheres delegavam a administração dos bens herdados a um homem de confiança. (MOREIRA, 1991: 83)

Pelos papéis sociais impostos a homens e mulheres no século XVII, fica claro que a leitura de jornais destinados ao público em geral não era incentivada entre as mulheres e tampouco bem-vista. Já que as notícias dessas publicações poderiam servir como distração e, pior, pôr em risco a virtude daquela que deveria servir apenas ao lar e à família no dia a dia, visto que algumas dessas notícias continham teor político e outros conteúdos como folhetins e anedotas, podendo, assim, contaminá-la com ideias que supostamente seriam alheias ou contrárias aos seus interesses, ou com as quais ela não seria capaz de lidar.

O surgimento e especificação de livros e jornais como “femininos” seria dessa forma a resposta a uma demanda social: a existência de publicações que servissem de entretenimento às senhoras letradas da época, atendendo aos seus supostos interesses e cujo conteúdo, além de não representar um risco à moral dominante, pudesse ser um instrumento normativo da conduta feminina.

Seguindo essa premissa, os primeiros jornais femininos trabalhavam assuntos como literatura, aconselhamento sentimental e previsões astrais. Já em meados do século XVIII, os jornais femininos franceses mostraram um maior desenvolvimento do segmento: poemas e crônicas são publicados; o teatro e a moda passam a ser abordados; e a publicidade surge aos poucos com anúncios de fábricas, editoras e lojas do ramo da moda (LAMOUNIER; GONZALES, 2006). Assim, as publicações passam também a orientar as mulheres a se portarem nos ambientes de interseção entre o privado e o público (teatro, antessalas, salões etc.) e dão início ao seu longo relacionamento com a

indústria da moda, da propaganda e do entretenimento de massa.

Porém, não se pode encarar a imprensa feminina como limitada à sua função de entretenimento e mecanismo de manutenção do *status quo*, pois isso significa ignorar o papel político dos veículos de comunicação como mecanismos de visibilidade/ocultação dos sujeitos e das demandas sociais: o público receptor não é totalmente passivo e tampouco os veículos estão imunes às tensões políticas e sociais de sua época.

Nesse sentido, o surgimento de veículos com propostas de abordar unicamente conteúdos ligados ao que se entendia como universo da mulher (e não do todo) pode ser encarado como a abertura de um espaço no qual a mulher pôde sentir-se individualizada e representada como categoria.

Isso devido a duas estratégias trabalhadas por esse tipo de publicação: tais veículos sempre primaram por exacerbar ao máximo a sua destinação única e exclusiva ao público feminino, além de se mostrarem abertos para o recebimento de manifestações de suas leitoras, muitas vezes possibilitando o diálogo entre elas (e não apenas entre uma leitora e o jornal) por meio de colunas que respondiam às dúvidas enviadas por cartas ou pela publicação de poesias e sonetos produzidos pelas leitoras.

A título de demonstração, segue a carta de uma leitora publicada no periódico

brasileiro *Jornal das Senhoras*.

Em dias deste mês, estava eu passando pelos olhos o Jornal do Commercio, sem deparar nele coisa que me interessasse mais intimamente, quando vi de repente um anúncio – o Jornal das Senhoras. Corri à sala de meu pai e pedi-

lhe que o mandasse buscar. Apenas chegou, fui devorando-o, e logo no princípio acho um convite para todas as que quizerem concorrer com seu cabedal, e ocupar um lugarsinho nas páginas do jornal. Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me oferecesse um sorvete [...] A senhora veio-nos abrir um campo de atividade, em que podemos exercitar as nossas forças e sair do nosso estado de vegetação. Como lhe agradecemos? Demais, que prazer o de alguma coisa em letra redonda; saber que outras lêem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me oferece uma oportunidade. Aceito pois o seu convite, e me animo a remeter-lhe por princípio duas pequenas poesias [...] (Jornal das Senhoras, tomo I, 1852) (BICALHO, 1988: 45)

Tais mecanismos de visibilidade e comunicação entre as mulheres tiveram sua expressão mais explícita com o surgimento de jornais produzidos única ou majoritariamente por mulheres e que além do conteúdo de entretenimento passaram a introduzir cada vez mais temas políticos. Como demonstram os jornais da França durante a Revolução Francesa (*L'Athénée des Dames*, *La Voix des*

Femmes e *L'Opinion des Femmes*); as revistas italianas criadas a partir da luta pela unificação do país (*Circolo delle Donne Italiane* e *Um Comitato de Donne*) e os periódicos alemães cuja principal bandeira era a criação de uma estrutura estatal e jurídica de proteção e organização do trabalho feminino (Neue Bahnen, 1866-1920) (BUITONI, 1990: 30-33).

Desse modo, chega-se à conclusão de que os periódicos femininos não podem ser encarados apenas como entretenimento, ferramenta normativa, catálogo de produtos ou espaço exclusivo de questionamento político da condição feminina. Ou seja, cada publicação que pretende dirigir-se ao público feminino pode absorver todos esses aspectos na sua linha editorial. A eleição de alguns deles como prioridade ou tabu deve ser entendida como uma escolha política, mercadológica e/ou ideológica.

Além disso, há a questão da polifonia, conceito criado por Bakhtin: no interior de um impresso há várias “vozes”, posicionamentos que não necessariamente concordam entre si. E qualquer criação obrigatoriamente dialoga com textos externos e com aqueles que vieram antes dele. O que quer dizer que nenhum texto é totalmente inédito, neutro ou homogêneo, no seu interior há espaço para tensões e contradições.

2.2 Romance para mulheres

No que tange aos livros para mulheres, estes acompanharam o furor da ascensão do

romance na Inglaterra do século XVII. Em contraposição às brochuras de caráter religioso, aos manuais de profissão e, principalmente, aos livros consagrados que tentavam levar o leitor à reflexão e ao crescimento intelectual, e gerar polêmica, o romance “trouxe para os livros a vida doméstica cotidiana, amores e problemas com os quais os leitores podiam se identificar” (LAJOLO, 2004: p. 30). Isso utilizando a linguagem narrativa e abusando da descrição de cenários, personagens e emoções – fazendo com que o texto fosse assimilado mais facilmente por aqueles que não estavam acostumados com um grande volume de leitura ou que não possuíam um grau de instrução suficiente para compreender textos de estrutura e vocabulário complexos.

Além da função de entreter, o romance procurava instruir moralmente os seus leitores por meio do exemplo e da identificação. Num primeiro momento, tal objetivo aparecia logo nas primeiras páginas dos exemplares, como demonstra o trecho de *As aventuras de Diófanés*, obra escrita por Tereza Margarida da Silva e Orta (apud LAJOLO, Ibid.: 31) e publicada em 1777, em Portugal:

Procuo infundir nos ânímos [...] o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza, e a constância nos trabalhos, porque foi só este fim, que me obrigou a desprezar as vozes, com que o receio me advertira a própria incapacidade [...].

Neste ponto cabe salientar que o romance não é sinônimo de livros premeditadamente produzidos para mulheres. Um romance pode ser histórico, heroico, de aventura etc, mas, naquela época, livros para mulheres significavam histórias de heroínas com foco em seus sentimentos, principalmente o amor. Os cenários eram majoritariamente domésticos e o enredo supostamente procurava não desafiar o intelecto das leitoras – eles são simples já que servem mais para a distração.

Já os sofrimentos da mocinha na mão de vilões ou devido a erros cometidos por ela tentam alertar suas leitoras para os “riscos da vida”. Voltando à questão da moral, os finais das histórias nos quais invariavelmente o bem vence o mal e o desvio de conduta é severamente punido tentam educar de forma menos direta do que a adotada por Tereza Margarida da Silva e Orta. O intuito é fazer com que a leitora, mais do que torcer pela protagonista, coloque-se no lugar desta e aprenda com os erros e sofrimentos da ficção para não repeti-los na vida real. Há ainda o fato de os sofrimentos da mocinha serem usados como uma espécie de catarse, de alívio das tensões e conflitos do cotidiano, o que Adorno, na sua crítica aos *mass media*, mais tarde identificaria como uma forma

de alienação, já que desvia o foco da origem de tais tensões e conflitos.

2.3 A ascensão do romance e do folhetim

A popularidade do romance teve início na Inglaterra com as obras de Sir Walter Scott e Ann Radcliffe. Contudo, ele só se tornou um gênero muito difundido na França somente no fim da década de 1830, com os livros de Balzac, Dumas (pai), Alphonse Karr, Paul de Kock, Soulié e Eugène Sue. A sua expansão começou na França quando os jornais tiveram que garantir sua renda com a venda de publicidade, fazendo com que os anunciantes exigissem uma maior circulação dos periódicos. Para aumentar o público leitor, por volta de 1827, os editores dos jornais passaram a publicar o *roman-feuilleton* (a ficção em série). Um bom exemplo do impacto dessa estratégia é o caso do jornal *Constitutionnel*, cuja circulação subiu para 25.000 exemplares em 1845-1846 graças ao *Juif errant*, de Sue. Antes a circulação havia caído de 9.000 exemplares em 1836 para 3.600 em 1844 (HALLEWELL, 2005).

A publicação de histórias em pedaços favorecia os enredos rocambolescos e cada capítulo deveria terminar com um momento de ansiedade ou dúvida, deixando o leitor ávido para comprar a edição seguinte com o próximo episódio da obra. Como geralmente os romances fracionados ocupavam o rodapé das páginas dos jornais, eles ficaram conhecidos como “folhetins” e a sua estrutura sobrevive até hoje com as telenovelas e alguns seriados. No rodapé dos jornais também ficavam as variedades, crônicas mundanas, pequenas notas sobre teatro, resenhas literárias etc (ver anexo XII).

Outro apelo do folhetim era o fato de ele poder ser colecionado. Por isso, o seu formato facilitava a encadernação dos números de um ano em código e a publicidade enfatizava o volume de páginas somadas ao longo de um ano. Como pode ser visto na descrição feita pela casa Laemmert do que a leitora ganhava ao colecionar os números de um ano de *A Estação*, que além de 350 páginas de texto trazia:

[...] cerca de 2.000 gravuras de moda e delicados trabalhos de senhora, 24 lindos figurinos coloridos a aquarela, 12 folhas grandes reproduzindo 300 moldes em tamanho natural e grande número de riscos, monogramas, modelos etc. O texto, clara e minuciosamente, explica todos esses

desenhos, indicando os meios de executá-los *de per si*; além da parte literária, noticiosa, recreativa e útil escrita especialmente para as leitoras deste jornal.⁶

Buitoni (1990: 38) afirma que no Brasil a tradição dos folhetins teve início em 1838, com a publicação de *O capitão Paulo*, traduzido do francês, no *Jornal do Commercio*. Já Hallewell data o início dos folhetins em 1839 com as traduções de Justiniano José da Rocha, entre elas *Mistérios de Paris* e *O conde de Monte Cristo*. Uma grande parcela dos folhetins era composta por traduções, entre os autores nacionais se destacaram Martins Penna, Gonçalves de Magalhães e os historiadores Varnhagen e Pereira da Silva. Segundo Hallewell, por volta de 1870, um escritor desconhecido poderia receber cerca de 70\$000 por mês pela tradução de folhetins franceses, já um nome consagrado que produzisse originais nacionais poderia ganhar 200\$000 mensais.

O folhetim sobreviveu ainda no século XX, mas seu declínio se iniciou no final do século XIX, quando os jornais começaram a usar o sensacionalismo como forma de cativar leitores. O principal reimpressor de folhetins em forma de livro foi Garnier; contudo, Paula Brito, com alguns jornais, com os próprios autores e com outras firmas tipográficas também os imprimiam em menor escala (HALLEWELL, 2005: 210-214).

Garnier também foi o responsável pela padronização do formato dos romances de sua época, a segunda metade do século XIX, com o chamado formato francês que tinha dois tamanhos: o *in-oitavo* (16,5 x 10,5 cm) e o mais frequente *in-doze* (17,5 x 11 cm). O editor também cristalizou o costume de os romances serem publicados num único volume. Na época também era comum exigir dos escritores um volume de escrita suficiente para que os folhetins pudessem gerar um ano de publicação em capítulos.⁷

6 Buitoni (1990: 39) não diz qual é a data da citação. Infelizmente, os moldes em tamanho natural citados no trecho não foram encontrados no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa – isso porque eles vinham dobrados e podiam ser destacados do jornal.

7 Como comparação, vale lembrar que o hábito na Inglaterra era a publicação de romances divididos em três volumes (*three-decker*). (HALLEWELL, 2005: 218)

A livraria de Garnier também foi a responsável por introduzir os preços de capa fixos, baseada na teoria de que todo livro tem o seu próprio e limitado mercado. Como o público leitor brasileiro era pequeno, de acordo com Garnier, independente do preço, os livros não teriam mais que trezentos compradores por ano, e mesmo os livros de boa vendagem não superariam os seiscentos ou oitocentos exemplares anuais.

2.4 A relação entre jornais e livros femininos

Como já foi insinuado, no século XIX a literatura e o jornalismo mantinham uma relação simbiótica. De modo geral, os editores que trabalhavam com livros também imprimiam jornais e usavam estes como meio de testar autores e histórias que depois seriam encadernadas se se saíssem bem nas vendas de assinaturas. Os jornais também eram usados como veículos de propaganda dos livros que seriam lançados pelo editor por meio dos comentários dos colunistas. Aliás, esses colaboradores também usavam a sua assinatura no jornal como forma de autopromoção, ganhando visibilidade e podendo mais tarde imprimir seus livros nas casas que imprimiam as suas colunas.

Aqui cabe adiantar que na análise dos exemplares de *A Estação* chamou a atenção a recorrente citação de títulos de livros e também de autores (não necessariamente em função de suas obras, mas numa espécie de colunismo social literário). Pode-se entender tal recorrência como um meio de popularizar nomes e obras e criar nos leitores uma necessidade de ler os títulos e autores comentados para se sentir atualizado ou culto.

Sobre tal questão, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2002: 90-104) comentam que nas primeiras obras de ficção da nossa literatura autores como Álvares de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis inseriam seus personagens em situações nas quais comentavam autores e obras considerados importantes e/ou populares. Para as autoras isso era feito como forma de “ensinar” ao leitor o que ele deveria ler e para mostrar a leitura como uma atividade prazerosa e enriquecedora, algo nada fácil num país no qual poucos eram alfabetizados e tinham interesse por obras nacionais.

Outro entrelaçamento das duas áreas era o próprio modelo de jornalismo em voga na Europa: o modelo francês que se contrapunha ao americano.⁸ No modelo europeu as notícias são dadas como narrativas e também são valorizados o comentário e a contextualização do tema, além da valorização do jornal como incentivador da cultura: publicando contos, poesias, críticas literárias etc. Nesse sentido, o jornal também “educava”, já que o leitor ia se habituando aos poucos com um

⁸ Posteriormente o modelo francês seria classificado como jornalismo interpretativo enquanto que o americano, como jornalismo informativo, que procurava ao máximo alcançar os ideais de objetividade e imparcialidade. A separação entre jornalismo informativo nos jornais e o interpretativo nas revistas e suplementos se daria na virada do século XIX para o XX, quando determinados jornais adotaram um modelo de gestão empresarial, imprimindo grandes tiragens e racionalizando cada vez mais as suas rotinas. Os literatos migraram dos jornais para as revistas ilustradas e paralelamente os jornais passaram a acentuar o seu caráter informativo.

volume não muito extenso de literatura. O raciocínio era o de que primeiro o leitor lia jornais para depois passar a ler livros inteiros.

2.5 A remuneração do autor brasileiro

Tal ligação entre livros e jornais também teve a contribuição da baixa remuneração econômica dos autores brasileiros do século XIX. Como Lajolo e Zilberman relatam ao longo de *A formação da leitura no Brasil*, a questão dos direitos autorais naquela época ainda estava engatinhando e era comum que autores não muito conhecidos custeassem a impressão de suas obras. Há vários exemplos de autores que recorreram ao auxílio do governo, à subscrições, ao financiamento por parte de alguém de posses, à influência de escritores mais famosos junto aos editores e à criação de associações que angariavam fundos para financiarem os seus livros.

A necessidade de se recorrer a algumas formas de mecenato é ironizada por Machado de Assis num trecho de *Quincas Borba*, no qual o narrador descreve a relação do matuto Rubião com as Letras:

Rubião protegia largamente as letras. Livros que lhe eram dedicados entravam para o prelo com a garantia de duzentos e trezentos exemplares. Tinha diplomas e diplomas de sociedades literárias, coreográficas, pias, e era juntamente sócio de uma Congregação Católica e de um Grêmio Protestante, não se tendo lembrado de um quando lhe falaram do outro; o que fazia era pagar regularmente as mensalidades de ambos. Assinava jornais sem os ler. (ASSIS apud LAJOLO; ZILBERMAN, 1996: 77)

Desse modo, muito dificilmente um autor daquela época conseguia sobreviver apenas com o que ganhava da venda de seus livros. Por isso a grande maioria desempenhava outras funções como funcionários públicos, professores particulares ou de escolas, jornalistas e escritores de aluguel. Nesse último caso, os autores escreviam artigos e poesias sob encomenda, muitos para periódicos femininos.

2.6 A busca por mais leitores

Também colaborou para a disseminação dos livros e jornais para mulheres o papel dos livreiros ingleses e franceses do século XVII que tomaram o lugar dos antigos mecenas.⁹ Visando muito mais ao lucro do que a elevação da cultura, esses livreiros procuraram aumentar o número de compradores de livros, focando assim na parcela da população que sabia ler, mas não se interessava ou supostamente não entendia a complexidade das publicações até então em voga. Para atender essa parcela de público latente, foi solicitado a certos escritores que escrevessem histórias seguindo a fórmula do romance: textos comoventes, emocionantes e de fácil compreensão. Num determinado momento, descobriu-se o nicho das histórias “açucaradas” para as mulheres ociosas e obras com a mesma estrutura se espalharam.

Assim, a “descoberta” do público feminino se relaciona com a evolução dos meios de comunicação como sendo de “massa”. Ou seja, mais do que o valor do texto como criação artística elevada, o que se almeja é atingir o máximo de consumidores; e para tanto se estuda o que agrada este grupo de possíveis compradores para adequar a oferta à demanda. Além de se desenvolver mecanismos de sedução de alcance amplo para que novas “necessidades” sejam criadas. Como foi mostrado por Theodore Adorno, é o foco na quantidade e na maior padronização do produto cultural, em detrimento da qualidade superior e do caráter único da obra de arte.

2.7 Censura econômica e de gênero

Contudo, apesar do caráter pedagógico das histórias e do potencial econômico da exploração do mercado do público feminino, a leitura por parte das mulheres não era vista com bons olhos por censores e moralistas. Como já foi dito, as mulheres não eram incentivadas a ler.

9 Lembrando que além de financiar os artistas, era papel do mecenas protegê-los e prestigiá-los socialmente, legitimando as atividades que estes exerciam. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 45)

Antes de tudo, na Europa daquela época o acesso ao livro era dificultado pelo seu preço. Além de a impressão de livros gastar muito em insumos e haver a necessidade de manter o preço de capa alto devido aos poucos compradores para tentar garantir algum lucro, a população em geral não dispunha de uma renda que lhe permitisse gastar com artigos que não fossem considerados de primeira necessidade. Só aos poucos, com as máquinas de impressão mais econômicas e produtivas, tintas melhores, desenvolvimento de tipos mais compactos e crescente diminuição do tamanho físico do livro foi possível o seu barateamento. Por isso, o romance desde o seu surgimento era impresso em papel inferior e encadernado sem luxo justamente para tentar cativar cada vez mais leitores; e a popularidade dos jornais também pode ser creditada por ele ser mais barato em relação ao livro.

Há ainda o fato de a educação das pessoas de modo geral ter sido baseada na cultura oral. As poucas pessoas que sabiam ler aprendiam as primeiras letras com tutores ou pequenos grupos de instrução ligados à Igreja, e elas geralmente eram de camadas mais abastadas da sociedade.

Isso se deve também em grande parte à vivência do tempo de forma diferenciada pelas parcelas da sociedade. Pois as camadas mais pobres não dispunham de muito tempo para o lazer já que tanto homens como mulheres eram obrigados a além de desenvolver atividades que gerassem renda, exercer aquelas que garantissem a subsistência da casa, como a fabricação de velas, tecidos, aguardente, procura de lenha e de alimentos naturais em terrenos baldios etc. Foram a ascensão da burguesia e a instalação das manufaturas as responsáveis por um maior fluxo de capital, uma certa mobilidade social e um ganho de tempo por parte da população em geral.

Outro fator importante era a questão ideológica: o analfabetismo era uma forma de controle social. Restringindo o acesso à informação, diminuía-se as possibilidades de contato entre indivíduos descontentes e a circulação de ideias que pudessem gerar revoltas. No caso das mulheres, isso era mascarado como medo de elas se desvirtuarem moralmente, trocando bilhetes com namorados ou lendo textos “sujos”.

Por isso, os primeiros impressos endereçados a elas tinham que primeiro conquistar a confiança do pai ou do marido para depois tentarem adquirir o gosto da leitora. O medo era que as mulheres entrassem em contato com histórias que pudessem mostrar a elas outras formas de ser mulher, que questionassem a divisão de papéis entre os gêneros ou as incentivasse a cometer “delitos” contra as instituições consagradas da época: a família baseada no enlace homem-mulher, patriarcal, católica e branca. Sobre isso, vale a pena conferir as palavras do reitor do Externato de

Pedro II na ocasião da inauguração do curso gratuito de ensino secundário para mulheres:

A mulher, educada e civilizada como filha, para esposa e mãe, não para os misteres e funções da vida civil, que só cabe ao homem; a mulher educada e civilizada para a grandiosa missão que lhe assinou a Providência nos destinos do mundo, não para a vaidade, para o pedantismo e para a corretagem política e administrativa; a mulher educada pelo livro que instrui, não pelo jornal que mutila e fragmenta a ciência; a mulher educada e civilizada pelas lições e exemplos que edificam e elevam, não pelo folhetim, que abate e arruína. (MOREIRA, 1992: 29)

Desse modo, como já foi dito, as histórias para mulheres deveriam seguir certos padrões de conduta e aquelas que não se enquadrassem eram condenadas e os autores sofriam grande pressão da crítica. Como ocorreu, por exemplo, com Flaubert (e sua adúltera Madame Bovary) acusado e processado em 1857 por atentar contra a moral e os bons costumes: um dos principais argumentos de sua defesa contra os críticos foi o final trágico da personagem (LAJOLO, 2004: 34).

Interessante notar que tal divisão entre o que podia e o que não podia ser lido por mulheres também aparecia no interior de vários romances: segue a transcrição do diálogo entre Estácio e Helena, protagonista da obra homônima de Machado de Assis, publicada em 1876 e cuja história se passa em 1859.

- Pensa que gastei toda a tarde em fazer *crochet*? – perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.
- Não?
- Não senhor; fiz um furto.
- Um furto!
- Fui procurar um livro na sua estante.
- E que livro foi?
- Um romance.
- *Paulo e Virgínia*?
- *Manon Lescault*.
- Oh! – exclamou Estácio. – Esse livro...
- Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.
- Não é livro para moças solteiras...
- Não creio mesmo que seja para moças casadas – replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. – Em todo caso, li apenas algumas páginas.¹⁰

2.7.1. A questão da educação

No caso da mulher brasileira, as barreiras ao acesso à leitura eram ainda maiores, já que até 1808 a impressão de qualquer obra ou mesmo um documento era proibida pela Coroa portuguesa. Isso significava que os livros produzidos no Brasil deveriam ser remetidos a Portugal para obter a autorização do Estado e da Igreja para só depois serem impressos em tipografias lusitanas e voltarem ao Brasil para serem comercializados.¹¹ Desse modo, a mulher brasileira que quisesse ler um livro recorria principalmente às traduções de romances europeus contrabandeados, vindos nas bagagens

10 O romance *Paulo e Virgínia* foi publicado em 1787 por Bernadim de Saint-Pierre e narra os amores infelizes e platônicos dos protagonistas que dão nome ao livro e que circunstâncias excepcionais os reuniram numa colônia francesa. Já *Manon Lescault* foi publicado em 1753 por Prevost e narra as aventuras de uma mulher que possui diversos amantes.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Biblioteca Digital (Biblioteca Nacional), s/d. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/helena.pdf>. Acesso em: out.-nov. 2009.

de estudantes que voltavam à terra natal ou aqueles que eram vendidos em locais escassos dentro do Brasil colonial (HALLEWELL, 2005: 103-104).

Em relação à educação, poucas mulheres eram incentivadas a ler pelos motivos já citados. O que era agravado ainda pela nossa economia fortemente rural, fazendo com que muitas mulheres ficassem confinadas aos espaços da fazenda. Além disso, mesmo em relação aos filhos homens, a educação era dada para a formação de um futuro religioso, administrador de fazenda ou qualquer outro tipo de trabalho (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 53). Ou seja, para a mentalidade da época a educação teria que ter um propósito, e no caso das mulheres não se via um benefício da educação para as tarefas domésticas e a criação dos filhos.

De acordo com Hallewell, no que tange à educação, no século XIX, o governo estava mais preocupado com o ensino superior, a instrução secundária era constituída mais por aulas avulsas do que por escolas regulares e o ensino primário continuava pouco desenvolvido. Para se ter uma ideia desse atraso, só em 1927 foi instituída uma lei de instrução pública que estendia o direito à alfabetização às mulheres. A primeira escola para moças no Rio de Janeiro só foi aberta em 1816, mas apenas em meados do século XIX se tornou “normal” que as meninas brasileiras bem-nascidas frequentassem escolas elegantes dos grandes centros urbanos da época (HALLEWELL, 2005: 160 e 215).

Sobre o ensino das primeiras letras no início do século XIX, Lajolo e Zilberman afirmam haver uma política educacional precária, que poderia ser atestada pelas palavras de John Luccock (apud LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 109-110):

Não havia escolas na colônia. [...] Não havia nenhuma das instituições comuns para a primeira educação das crianças. De longe, a grande maioria crescia e vivia sem a menor familiaridade com os primeiros rudimentos de aprendizagem; o que eles sabiam era, via de regra, aprendido com os caixeiros de seus pais, em geral jovens portugueses que emigraram para explorar ao máximo suas habilidades. [...] Suas acomodações eram acanhadas e seus métodos de estudo imperfeitos; ainda assim, produziam bons efeitos. As crianças eram amontoadas em casas fechadas e abafadas, onde todos liam em voz alta, ao mesmo tempo, para grande desconforto de cada um. Para a escrita, o processo era melhor: quando um certo número de meninos, de mesmo nível, terminava suas cópias, eram mandados à rua e pediam a opinião de um transeunte qualquer, que pela aparência fosse considerado capaz de decidir sobre o mérito de suas próprias respectivas produções.

11 Em 1576 foi baixado um decreto pela Coroa portuguesa proibindo a circulação de qualquer obra que não passasse pela aprovação do bispo local, do Santo Ofício e do Desembargo do Paço (que representava a Coroa). De acordo com Hallewell, no século XVIII a viagem de ida e volta do Brasil a Portugal levava de quatro a cinco meses, fora o tempo de produção do livro.

Ainda sobre o ensino primário, as pesquisadoras utilizam anúncios de jornal para ilustrar as casas de ensino para moças e os estrangeiros que se ofereciam como professores particulares:

No largo da Lapa nº 24, abriu-se um colégio de educação de Meninas, onde se ensina a ler, escrever, contar, gramática francesa e inglesa, e a cozer, marcar, bordar de todas as qualidades, dança e música. (Gazeta do Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1817). (RENAULT apud LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 110)

Um sujeito europeu, que tendo-se exercitado nas ciências da aritmética, álgebra, geometria, pilotagem, geografia e história [dá] lições em casas particulares, por meio da língua francesa e italiana; e ainda ensina duas trigonometrias sem socorro algum de livros, tábuas, escalas, compassos, etc. (Gazeta do Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1820). (Loc. cit.)

População e educação no Brasil, 1800-1900¹²

População (em milhões)						Matrícula escolar	
Ano	Total	Livres	Brancos	Alfabetizados		Primário	Secundário
				Total	Acima de 15 anos		
1600	0,07	0,05	0,01				
1700	0,30	0,18	0,10				
1750	1,20	0,60	0,40				
1775	1,90	0,95	0,63				
1800	2,50	1,50	0,83				
1810	3,00	1,75	1,00				
1820	4,00	2,00	1,30	0,20			
1830	5,34	2,70	1,60				

12 Versão reduzida da tabela apresentada por Hallewell (2005: 249).

1840	6,22	3,40	1,87				
1850	7,23	4,70	2,25				
1855	7,80	5,20	2,49				
1860	8,45	5,63	2,70				
1863							8.600
1865	9,08	6,05	3,18				
1869	9,65	7,72	3,67			115.735	
1872	10,10	8,60	3,79	1,56		139.321	9.389
1875	10,69	8,99	4,07			172.802	
1878						175.714	
1880	11,75	10,46	4,41				
1883							10.427
1885	12,92	12,19	4,90				
1888	13,67	12,95	5,47			258.302	
1890	14,33		6,30	2,12			
1895	15,96						
1900	17,32			4,45	3,38		

Lajolo e Zilberman afirmam no último capítulo de *A formação da leitura no Brasil* que além da questão do aumento do público leitor, a educação das mulheres passou a ser um problema devido a necessidade de expandir a educação para a população em geral, tendo em vista a melhoria dos quadros de trabalho e desenvolvimento do país enquanto indústria. Para tanto, foi defendida a ideia de as mulheres estarem naturalmente talhadas para o magistério já que este seria uma extensão da sua função de mãe: aquela que educa e instrui os menores. Nesse sentido, a mulher foi usada como instrumento num projeto maior de desenvolvimento da nação.

2.7.2 A mulher da elite x a mulher remediada

Neste ponto cabe ressaltar ainda mais de que tipo de mulher se está falando. Pois como já foi mencionado, os impressos femininos tinham como bandeira o ideal de mulher letrada, branca, católica, com o casamento e a maternidade como objetivos de vida e presa ao ambiente doméstico. Tal figura é o resultado da construção de um mito que tinha como oposição as escravas, as mestiças e

as brancas pobres e remediadas dos espaços rurais e dos centros urbanos que se desenvolveram ainda mais depois da chegada da família real.

Já foi explicado como era feita a divisão entre pobres analfabetos e os abastados letrados. E também se exclui logo as negras e mestiças por causa da sociedade escravista da época. Por meio da leitura do trabalho de Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo do Século XIX*, fica claro como o casamento oficial e duradouro é um privilégio de uma parcela pequena de mulheres brancas. Pois a economia deficiente dos centros urbanos que se desenvolviam ao longo dos séculos XVIII e XIX criou um contingente de mulheres brancas pobres e remediadas que viviam em concubinato ou passavam por diversas relações curtas, sendo comum uma mesma mulher ter filhos de diferentes pais.

Isso ocorria devido ao alto custo de vida que fazia com que os homens não se ligassem por muito tempo a uma mesma mulher para não ter que sustentar a ela e aos filhos, além da questão do constante deslocamento da mão de obra masculina pobre que impedia a sua fixação por muito tempo num mesmo local.

Em virtude dos sucessivos abandonos de parceiros e do alto custo de vida, era comum várias gerações de mães solteiras morarem numa mesma casa sob a proteção e chefia da mulher mais velha, ou seja, elas se organizam dentro do espaço doméstico sob o domínio do poder patriarcal – e mesmo quando havia filhos homens e com alguma renda, estes deviam obediência à mulher chefe do grupo. Devido à luta diária pela subsistência, essas mulheres também recorriam a relações de ajuda mútua com suas vizinhas e muitas vezes acolhiam outras brancas pobres, mestiças e negras libertas como agregadas. As remediadas também conseguiam comprar escravos ainda crianças, inclusive meninos, que mais tarde cresciam e eram herdados pelas filhas dessas senhoras (gerando uma certa rotatividade de escravos entre as senhoras pobres). Ou seja, havia mulheres que realmente eram donas de escravos.

A luta árdua pela sobrevivência também tornava os abortos, os infanticídios, os abandonos e doações de crianças relativamente comuns. Com medo de sacrificar a sua jornada de trabalho e de ter mais uma despesa, as mulheres matavam ou davam seus filhos para famílias com condições melhores criarem, e a mulher chefe de uma casa tinha o poder de pegar seus netos e deixá-los na rua – costume que deu origem à roda dos enjeitados. Tais atos são frequentemente usados nas discussões sobre o mito do instinto materno: as mulheres são biologicamente preparadas para serem mães, mas não necessariamente são geneticamente programadas para quererem ter filhos. Ou seja, ser mãe seria uma escolha, não um destino imutável.

Ao contrário das mulheres a quem os jornais femininos se destinavam, as das camadas mais humildes, por sua convivência com as negras e mestiças, tinham forte contato com as religiões africanas, o que ia contra a Igreja Católica e, por tabela, contra o poder instituído. Assim, a maioria dessas mulheres praticava um sincretismo religioso, sendo algumas delas consideradas intermediárias entre as entidades dos cultos negros e os devotos, ganhando assim notoriedade dentro do seu grupo. De todo o modo, as devotas eram vigiadas na sua prática religiosa e era cobrada delas a participação nos cultos católicos, inclusive doando parte do fruto do seu trabalho para a realização de procissões de dias santos.

Para garantir a sua sobrevivência, essas mulheres exerciam atividades como costureira, quitandeira, jornaleira, lavadeira e atravessadora de produtos vindos do campo ou produzidos por elas próprias (como panos, velas etc). E suas agregadas e escravos também exerciam essas atividades e muitos eram alugados para casas mais abastadas. Ou seja, a maior parcela do contingente de mulheres brancas estava longe de ficar presa ao ambiente doméstico e à ociosidade, o que irritava as autoridades a ponto de estas desenvolverem uma série de artifícios para coibir o seu trânsito pela cidade – como taxas para suas atividades, toques de recolher, passes etc.

O poder dominante também tentou coibir as uniões entre homens brancos e mulheres negras e mestiças, e temiam o exemplo dado pelos senhores das áreas onde a mineração se desenvolveu. Por isso, o ideal de mulher branca como esposa e mãe deveria ser exaltado, e isso era feito por meio do discurso dos religiosos, histórias populares, cantigas e pela pele alva da maioria das heroínas de romances.¹³

Já a mulher de classe alta era confinada dentro do espaço doméstico e nas raras vezes que saía de casa era acompanhada por um responsável (além de ser comum o uso de mantas e tecidos diversos para cobrir ao máximo o corpo). Havia ainda o costume de se construir capelas e oratórios dentro das casas-grandes ou muito próximos a estas para que o deslocamento das senhoras ficasse ainda mais limitado.

Isso porque a virtude da mulher deveria ser preservada para honrar o nome da família e principalmente para possibilitar alianças políticas por meio do casamento entre famílias importantes. Além da questão da garantia de que os herdeiros gerados pelas mulheres da família fossem filhos legítimos. Desse modo, a mulher tinha um importante papel na continuidade da família e da herança, e na construção de alianças entre os grupos da elite.

Apesar de ficar presa ao lar, a mulher da elite dispunha de diversos criados que realizavam o serviço pesado da casa. Suas tarefas estavam ligadas ao gerenciamento dos criados que ficavam confinados ao serviço doméstico, parte do cuidado com os filhos e o desenvolvimento de “prendas” domésticas. Estas eram as habilidades domésticas que uma mulher deveria ter para ser considerada um bom partido (daí a expressão “mulher prendada”): desenhar, bordar, cantar, dançar, pintar, cuidar da toalete etc. Ressaltando que nenhuma delas estava ligada à ideia de trabalho necessário, essencial. Ou seja, a mulher de posses não deveria ter um trabalho e sim gastar seu ócio com passatempos, dando um ar de superficialidade ao que era ligado ao feminino.

Só com a chegada da família real, a transformação do Rio de Janeiro em sede do reino e o decorrente agito da vida cultural da cidade, há uma maior demanda pela moda e pela visibilidade social da mulher como garantia de *status* das famílias. Assim, a mulher da elite passa a consumir mais e a frequentar espaços públicos como teatros, lojas, saraus etc. A moda foi um dos pilares do desenvolvimento dos jornais femininos quando foi criada a necessidade de a cidade mostrar-se menos provinciana e assumir os preceitos de uma sede de governo com a presença de uma corte real. As mulheres da corte deveriam vestir-se como as de Paris e por isso devoravam avidamente os

13 Não à toa heroínas como Iracema eram usadas como forma de afirmação da identidade brasileira em contraposição ao domínio lusitano.

moldes, figurinos e dicas de modas e do que era considerado de bom-tom impressos nos periódicos femininos.

Desse modo, a mulher branca da elite era criada com vista ao casamento que fortaleceria os laços de duas famílias de posses, geraria herdeiros que dariam continuidade às duas linhagens. Além de garantir a não miscigenação das classes altas e difundir a moral católica e a dominante por meio da educação de seus filhos.

3. Contexto histórico brasileiro

No Brasil, a produção de jornais para mulheres surgiu no início do século XIX, o que pode não surpreender já que antes da chegada da família real ao Rio de Janeiro em 1808 qualquer tipo de impressão na Colônia era proibida.¹⁴ A elevação do Rio de Janeiro a Corte do reinado de Portugal deu prosseguimento ao maior desenvolvimento urbano da cidade, este iniciado principalmente em decorrência da transferência da sede do governo administrativo do Brasil Colônia de Salvador para o Rio em 1763, acompanhado da maior rapidez na troca de informações com o exterior proporcionada pela intensificação da navegação a vapor e mais tarde pelo advento do cabo submarino – por volta de 1850 – o que facilitou as trocas comerciais e culturais da cidade com o restante do país e do mundo.

Contudo, foi só com a chegada da família real que o acesso dos navios estrangeiros aos nossos portos foi liberado e se extinguiu a proibição de se instalar manufaturas em terras brasileiras. Há ainda o fato de os impostos recolhidos no Brasil que antes iam para Portugal, agora beneficiarem a cidade.

Além disso, houve a necessidade de a cidade colocar-se à altura de uma corte europeia. Para tanto, D. João VI criou diversas instituições com o intuito de desenvolver a cultura e a instrução na cidade, tais como o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, o Museu Nacional, a Academia de Belas-Artes, uma escola de medicina e um laboratório de química.

Houve ainda o impacto da chegada de um grande contingente populacional a ser somado à população da cidade. De acordo com Hallewell, estima-se que entre dez e quinze mil pessoas vieram nos navios fugidos de Portugal – grande parte membros da elite e de setores do governo acostumados aos serviços e distrações comuns na Europa (HALLEWELL, 2005: 107). Outro acréscimo importante foram os artistas franceses que migraram para o Rio e que diversos historiadores chamam

14 Desde 1754 o Marquês de Pombal havia proibido a impressão de qualquer texto nas colônias portuguesas. Tal medida tinha como alvo as prensas administradas por jesuítas que imprimiam principalmente catecismos e guias nas línguas locais. Nesse mesmo século, a educação das colônias espanholas era assumida pelos jesuítas, universidades foram criadas e estas atraíram impressores. Contudo, os autores locais preferiam imprimir na Europa por conta da mão de obra especializada, dos equipamentos e matérias-primas melhores e do preço em conta das viagens. Tal proibição não quer dizer que não houve experiências clandestinas de impressão no Brasil, como prova o caso de Isidoro da Fonseca. Porém, todas as iniciativas sofreram forte repressão e não duraram muito.

de “a missão francesa de 1816”, entre eles se destacam Jean-Baptiste Debret, Grandjean de Montigny e Auguste Taunay (SCHWARCZ, 2008: 66-69).

3.1 O monopólio da Imprensa Régia

A Corte também trouxe consigo 60 mil livros da Biblioteca Real que mais tarde se tornaria a nossa Biblioteca Nacional. E para suprir a papelada inerente à uma sede de governo, foi instituída a Impressão Régia, a única autorizada a imprimir qualquer texto dentro do Brasil. Ela imprimia principalmente cartazes, volantes, sermões, panfletos e outras publicações secundárias. Tais impressos estavam relacionados aos problemas do governo e às matérias do currículo da academia militar: economia, política, geografia, agrimensura, medicina, saúde pública, desenho e astronomia.

Mas ela tinha como importante fonte de renda as encomendas de autores e livreiros da cidade, principalmente de Paulo Martin. Porém, Hallewell (2005: 114) afirma que os preços cobrados pela Impressão Régia eram altos e a sua capacidade, limitada. Por isso, logo que as tropas de Napoleão se retiraram de Lisboa, o hábito de os brasileiros enviarem manuscritos para serem impressos em Portugal voltou.

Desse modo, a chegada da família real não teve grande impacto no número de livrarias da cidade: em 1808 eram duas; em 1809, cinco; em 1812, sete; e em 1816, doze. Hallewell credita isso ao fato de a impressão de livros estar restrita à Impressão Régia e ao forte contrabando que se desenvolveu devido ao fato de não ser permitido imprimir nada em Portugal (ocupado por Napoleão). Segundo ele, houve “o crescimento, em Londres, de uma considerável indústria editorial em língua portuguesa e, após 1814, de outra ainda maior em Paris, que trabalhavam para suprir um comércio ilegal grandemente estimulado pela abertura dos portos”.¹⁵

O principal livreiro da cidade era Paulo Martin que também era um dos principais distribuidores da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o jornal oficioso da Impressão Régia e o primeiro periódico brasileiro produzido dentro do país. Ele enviava romances, contos, folhetos políticos,

15 Entre os itens contrabandeados está aquele que é considerado por muitos o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa (HALLEWELL, 2005: 108).

poemas e orações fúnebres para serem impressos na Impressão Régia (Cf. HALLEWELL, 2005: 115-116).

3.2 O fim da censura do governo e do monopólio da Impressão Régia

Com Lisboa libertada do jugo de Napoleão, os portugueses que permaneceram na capital proclamaram no ano de 1821 uma nova constituição que abolia a censura política e religiosa. Tal carta foi ignorada pelo governo sediado no Rio de Janeiro até janeiro de 1822, quando José Bonifácio foi nomeado ministro-chefe. Desse modo, apenas a blasfêmia, os ataques à religião católica, a violação da moral cristã, a difamação do ministro-chefe e a incitação à rebelião eram considerados crimes que davam margem a processos depois da constituição portuguesa de 1821.

No mesmo ano foi abolido o monopólio da Impressão Régia (naquela época conhecida pelo título de Typographia Nacional). Tal fato, unido ao fim da censura e por causa das tensões políticas entre portugueses e brasileiros, fez com que surgissem inúmeros impressos efêmeros feitos sob encomenda às tipografias então existentes e que vinculavam as demandas sociais dos cidadãos mais abastados. É também em 1821 que as Cortes de Lisboa pressionam D. João VI a voltar a Portugal e, no ano seguinte, tal pressão é exercida sobre D. Pedro que declara a independência do Brasil. Às vésperas da emancipação, o Rio de Janeiro já contava com sete oficinas tipográficas. De acordo com Halleswell, as publicações impressas na cidade refletiam o interesse do público leitor por política, economia, governo e as jovens nações latino-americanas.

Livrarias, gráficas e fundições de tipos no Rio de Janeiro do século XIX				
Ano	Livrarias	Tipografias	Litografias	Fundidoras de tipos
1801	2	0		0
1808	2	1		0
1810	6	1		1
1820	16	1	1	1
1823	13	7		1

1829	9	7		1
1842	12	12		1
1847	13	18	4	?
1850	12	25		2
1856			13	2
1860	17	30		2
1863	17	32		3
1870	30	35		3
1880	27	35		3
1890	45	67	16	3

Fonte: HALLEWELL, 2005: 121.

O início das relações comerciais certas e fáceis do Rio de Janeiro com as demais províncias, devido à navegação à vapor (a partir de meados do século XIX) e um pouco menos devido às ferrovias, fez com que a produção de impressos da capital suplantasse a das províncias.¹⁶ Além disso, por ser a capital da nação, o Rio de Janeiro atraía a nata do talento literário e intelectual do país, favorecendo ainda mais a sua produção literária.

Tais circunstâncias tornaram a cidade atraente aos olhos de estrangeiros que quisessem tentar a sorte no mercado editorial por aqui. Entre eles se destacaram os livreiros franceses cujo predomínio se iniciou em 1840 e se tornou incontestável a partir de 1880. Além disso, o mercado editorial francês se beneficiava das inovações desenvolvidas na Europa pós-Revolução Francesa que ampliavam a produção, principalmente o prelo de ferro, o papel feito à máquina e a estereotipia (HALLEWELL, 2005: 198).

16 Antes, como existiam poucas estradas que ligavam as diversas províncias do país e aquelas que existiam tinham condições precárias e eram inseguras, o mercado interno das localidades afastadas da capital era favorecido, incluindo o de livros. As comunicações eram feitas principalmente por navios à vela que circundavam a costa.

É também em meados do século XIX que todas as condições para o fortalecimento de uma literatura nacional são criadas, além da maior preocupação com a alfabetização das crianças. Pois, com a estabilidade vivida no regime monárquico,

a literatura parecia ter engrenado pela estrada que, nos países que tomávamos como modelo, viabilizava os elementos essenciais e insubstituíveis para o pleno funcionamento do sistema literário: a imprensa enquanto técnica, as tipografias, editoras e livrarias enquanto atividade econômica, o jornal enquanto mídia, bibliotecas, gabinetes de leitura e sociedades literárias enquanto espaços culturais. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 97)

Entre as entidades e associações criadas na época com o intuito de incentivar a cultura e a educação estão: Sociedade Jovial Literária (1829); Sociedade Amante da Instrução (1831); Biblioteca Fluminense (1847); Gabinete Português de Leitura (1837); Sociedade Germânica (1821); e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838).

Sobre a importância de tais instituições para o incentivo da prática da leitura e para a literatura nacional, cabe ressaltar que essas

associações, clubes, gabinetes de leitura e similares não são iniciativas isoladas. Integram, no seu conjunto, o movimento em direção a uma cultura letrada, que precisava tanto viabilizar-se, quanto visibilizar-se. Por isso, sociedades, institutos e bibliotecas constituem uma rede; e é seu trançado, no qual se repetem nomes e redundam objetivos, que fortalece leitura e escrita enquanto práticas sociais. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002: 115)

3.3 Os editores que publicaram para as mulheres no século XIX

Sobre qual seria o primeiro periódico feminino brasileiro, há controvérsia entre os pesquisadores. Convencionou-se considerar o pioneiro como sendo o *Espelho Diamantino*,¹⁷ lançado pelo editor francês Pierre Plancher em 1827. Contudo, há aqueles que entendem que a imprensa

¹⁷ Como prova de sua existência, Buitoni (1990: 37) cita o trabalho do historiador Gondin da Fonseca, intitulado *Biografia do jornalismo carioca* e lançado em 1941 pela Livraria Quaresma.

feminina só pode ser produzida por mulheres e por isso consideram o *Jornal das Senhoras* (1852)¹⁸ a primeira publicação feminina do país.

Curiosamente, Hallewell não cita a existência do *Espelho Diamantino* e afirma que o primeiro jornal feminino do país foi *Mulher do Simplício* ou *A Fluminense Exaltada* (1832-1846), cuja primeira página está reproduzida no anexo VI, do editor Francisco de Paula Brito, ressaltando que este fora impresso nas máquinas de Plancher.

3.3.1 Placher

Por conta de problemas com as autoridades francesas, Plancher emigrou para o Brasil no ano de 1824. Devido a problemas com a imigração, o editor pediu ajuda a D. Pedro I, conseguindo ainda outras facilidades como uma isenção especial de impostos de importação para o seu equipamento tipográfico e a permissão para imprimir a constituição do Império do Brasil (vencendo a Typographia Nacional que, pela lógica, deveria imprimir todos os textos de caráter oficial).

O francês também foi o primeiro a lançar uma novela brasileira: *Statira e Zoroastes* (1826), de Lucas José de Alvarenga.¹⁹ Isso tendo em mente que o mercado de ficção no Brasil ainda era limitado: como já foi dito, depois da queda de Napoleão, ele voltou a ser abastecido principalmente com importações de Portugal.

Plancher publicava principalmente livros sobre política e administração, além de muitos guias. Porém, a parte mais lucrativa de seu negócio eram os periódicos. Ele começou com o

18 Segundo Buitoni, Gondin da Fonseca credita o periódico à D. Cândida do Carmo Souza Menezes, enquanto Nelson Werneck Sodré afirma que este jornal foi fundado por Violante Ataliba Ximenes de Bivar Velasco. Já os *Anais da Biblioteca Nacional* (1965: 73) identificam como sua redatora Joanna Paula Manso de Noronha. De todo modo, *Jornal das Senhoras* é tido como o primeiro a contar com mulheres na redação.

19 A Imprensa Régia e livreiros como Paulo Martin imprimiam um certo número de novelas por aqui, mas todas eram reimpressões de obras lançadas em Portugal. Uma lista delas pode ser encontrada em HALLEWELL, 2005: 143.

Spectador Brasileiro (1824-1827) que apresentava opiniões moderadas pró-governo. Também lançou a primeira revista brasileira “das sciencias, artes e industrias” e a revista de medicina *Propagador das Sciencias Medicas*. Em 1827 adquiriu o *Diário Mercantil* e mudou o seu nome para *Jornal do Commercio*, que logo se tornou o periódico carioca de maior prestígio, sobrevivendo até os dias atuais.

Assim, apesar da dificuldade de acesso aos exemplares do *Espelho Diamantino*, a sua criação por Plancher faz sentido ao levar-se em conta o caráter empreendedor e principalmente os seus investimentos em periódicos voltados a nichos específicos de leitores. De acordo com Gondin da Fonseca (apud BUITONI, 1990: 37), os assuntos do periódico feminino eram: política, literatura, belas-artes e moda, acrescentando o atributo “dedicado às senhoras brasileiras”.

Em 1832, o editor vendeu a sua firma para Jônio Constâncio de Villeneuve e Réol-Antoine Mougnot, e embarcou para Le Havre em 1834.

3.3.2 Paula Brito

Já Paula Brito foi o nosso primeiro editor brasileiro de fato. Era mestiço, autodidata e de origem muito humilde, conseguindo entrar num mercado dominado por estrangeiros.²⁰ A sua loja era o ponto de encontro de vários intelectuais da época, incluindo os escritores do movimento romântico, o que deu origem à “Sociedade Petalógica”.

Antes de abrir o seu próprio negócio, ele foi tradutor de Plancher, aprendiz na Typographia Nacional, livreiro e impressor de René Ogier. Em seguida, foi compositor do *Jornal do Commercio* até chegar a diretor responsável. Assim como Plancher, ele imprimia principalmente jornais e para melhorar a distribuição de suas publicações, ele criou agências em todas as partes do Império. Em 1851, entrou para o ramo da litografia, imprimindo regularmente o encarte de figurino de *A marmota da Corte*.

20 De acordo com Hallewell (2005: 155), em 1863 menos de um quinto das empresas comerciais do Rio de Janeiro pertencia a brasileiros.

Ainda segundo Hallewell, Paula Brito, ao contrário de Plancher, produzia para o “leitor comum” e foi praticamente o primeiro editor não especializado do país.²¹ A sua produção não periódica estava focada nos livros de medicina e nos dramas (na sua maioria, folhetos de ópera). Ele também foi considerado o primeiro editor a incentivar a literatura nacional, já que publicava diversas obras por sua própria conta (invés de fazê-lo pela conta do autor, como era de praxe).²² De acordo com o *Anuario Brasileiro de Literatura* de 1937, “qualquer artista, quer nacional, quer estrangeiro, que caía em miséria, o primeiro protetor que encontrava era Paula Brito: a sua pessoa, a sua bolsa, o seu prelo, os seus periódicos, tudo oferecia ao artista desgraçado” (GALENO apud HALLEWELL, 2005: 161).

Como já foi dito, Paula Brito foi o responsável pelo lançamento de *a Mulher do Simplício* ou *A Fluminense Exaltada* (1832-1846) e de sua sucessora, *A marmota* (1849-1864). Chama a atenção a longa duração (para os padrões da época) das duas publicações.

Enfrentando dificuldades financeiras, Paula Brito abriu a sua empresa ao mercado de ações em 1850; porém, em 1857 os acionistas insatisfeitos conseguiram a liquidação da sua principal empresa, a Typographia Dois de Dezembro. Assim, os seus negócios e produção ficaram reduzidos, até que ele morreu em 1861; sendo que sua firma subsistiu até 1875 numa sociedade entre a sua viúva e o seu genro.

3.3.3 Garnier

21 Isso também pode ser creditado ao fato de a estabilidade do Segundo Reinado ter tirado de certa forma o ardor da política entre os leitores. Outra questão relevante é a busca dos “nobres improvisados” pela cultura como forma de afirmação da sua nobreza já que os títulos de nobreza eram ao portador e só tinham validade enquanto este estivesse vivo. A classe média acabou seguindo o exemplo dos novos nobres.

22 Hallewell (2005: 162) afirma que outro incentivo aos escritores era o hábito de o governo do Segundo Reinado oferecer cargos públicos àqueles que se destacavam para que pudessem continuar a escrever com uma certa segurança financeira. Tal costume durou até pelo menos o final da República Velha.

Em 1844, o francês Baptiste Louis Garnier abriu sua firma no Rio de Janeiro. No início, a loja também negociava artigos de papelaria e importados (como bengalas, charutos e pílulas) e por muitos anos manteve o hábito de terceirizar o serviço de impressão das suas publicações. Ele ainda fez algumas encomendas a firmas brasileiras, contudo, concentrou a impressão de suas publicações em tipografias francesas – o que gerou a antipatia e muitos protestos dos tipógrafos nacionais.

As vantagens do hábito de Garnier eram: a maioria das encomendas era impressa pela firma de seus irmãos instalada na França; o navio a vapor garantia os prazos de entrega; e supostamente as impressões francesas tinham mais qualidade e eram uma forma de publicidade das obras vendidas por aqui. Além disso, houve a elevação do custo de vida na cidade do Rio de Janeiro, isso somado à dependência de produtos importados gerou uma inflação que tornava mais caro imprimir no Rio de Janeiro do que na Europa a partir da década de 1840.

Um dos itens a ser importado da Europa por ser mais barato do que a versão nacional era o papel para impressão. Durante o século XIX houve tentativas de se usar fibras de plantas brasileiras para se fabricar papel empreendidas pelo Barão de Capanema e pelos donos de uma fábrica de Salvador. Porém, estas fracassaram e o papel brasileiro continuou sendo feito a partir de trapos velhos de algodão ou linho puros que garantiam uma qualidade maior, mas o tornavam mais caro do que o papel feito a partir da madeira, importado da Bélgica e de outros países europeus.²³

A contribuição de Garnier para a leitura por parte das mulheres foram as reimpressões feitas por ele de sucessos anteriormente publicados em folhetins, entre eles as obras de Machado de Assis *Histórias da meia-noite*, publicada no *Jornal das Famílias* em 1873, e *Helena*, publicada em *O Globo* em 1876. Garnier também editou José de Alencar, Bernardo Guimarães e Joaquim Manoel de Macedo cujas obras agradavam o público feminino.²⁴

23 Além disso, a questão da manutenção do suprimento de trapos velhos era preocupante, fazendo com que por volta de 1850 as fábricas europeias buscassem novas matérias-primas como a madeira e o esparto. O método mecânico de preparo da polpa de madeira foi inventado em 1840, já o método da soda cáustica, em 1851 (HALLEWELL, 2005: 204).

24 Garnier foi o primeiro editor da maioria das obras de Machado, mas em relação aos outros autores, era comum o editor publicar obras já editadas por outras casas editoriais.

O editor lançou ainda o prestigiado *O Jornal das Famílias* (1862-1878),²⁵ tendo como frequente colaborador Machado de Assis. Nas palavras de Lúcia Miguel Pereira (apud BUITONI, 2009: 41),

[...] como o nome indica, [o jornal] era dedicado às mulheres; entre figurinos, receitas de doces, moldes de trabalho e conselhos de beleza, para ocupar os ócios e a imaginação das senhoras elegantes, um pouco de literatura, quase sempre da lavra de Machado de Assis. E a despeito do nome do autor, correspondia, certamente, à expectativa das leitoras: literatura amena, de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade.

A sua produção só seria afetada com a chegada da velhice, apesar de ele ser conhecido como um *workaholic*. Ele faleceu em 1893, e sua firma passou para as mãos do seu irmão François-Hippolyte, que residia em Paris; voltando assim a ser uma filial da Garnier Frères.

3.3.4 Laemmert

Também naquela época, o jovem Eduard Laemmert chegou ao Brasil na qualidade de agente dos livreiros Bossange-Aillaud e fundou em 1833 a Livraria Universal Laemmert. Em 1838 chegou ao Brasil o seu irmão Heinrich e a firma passou a denominar-se E. & H. Laemmert. Além dos livros, os irmãos passaram a publicar folhinhas e em 1844 iniciaram a sua obra mais famosa: o *Almanack Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro, Almanack Laemmert*, considerado o mais completo de todos do gênero que circulavam na época.

O seu maior concorrente foi Garnier. Tal rivalidade foi constatada tanto por Hallewell quanto por Lajolo e Zilberman (2002: 121), cuja citação segue:

Dominando o negócio livreiro, Garnier e Laemmert dividiam o mercado: enquanto o primeiro ficava com a literatura, a divulgação científica e os guias práticos, o segundo abarcava a história, a ciência e as obras de referência. Morto Baptiste Louis e com a firma novamente ligada à distante

²⁵ Ver anexo VIII.

matriz francesa, abriu-se considerável oportunidade para a Laemmert enveredar pelo campo da ficção, o que lhe permitiu o sucesso sem precedentes de *Flor de sangue*, de Valentim Magalhães.

A contribuição dos Laemmert para a leitura femina foram os seus livros de economia doméstica, etiqueta e culinária. Eles também lançaram livros de medicina autoinstrutivos, entre eles há alguns escritos por Theodone Langaard que continham conselhos sucintos às jovens mães para o tratamento racional de seus filhos (HALLEWELL, 2005: 239). Em sua pesquisa, Buitoni localizou uma coleção de fascículos publicados em 1851 intitulados *Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas* publicados pelos Laemmersts. Segue a descrição do que era abordado pelos fascículos, de acordo com a sua propaganda:

As composições mais afamadas dos melhores autores modernos da escola romântica sobre novellas, assumptos e recordações dos mais brilhantes factos da historia dos povos, viagens, memorias, anedotas e charadas; poesias; revistas das ultimas modas, theatros, bailes, reuniões etc.

Buitoni (2009: 37) afirma que tais peças traziam belas gravuras em cores de trajes para festas, passeios etc, e internamente havia outro título: o *Folhetim do Novo Gabinete de Leitura ou Revista das Modas*. Nele, o redator escrevia sobre modas, descrevendo em tom de crônica as vestimentas de cada gravura. A pesquisadora também credits *O Espelho Fluminense*²⁶ aos editores, publicado em 1843 e que trazia moda, literatura e charadas (BUIIONI, 2009: 33).

3.4 Os primeiros romances e os livros para mulheres produzidos no Brasil

O primeiro romance escrito por um brasileiro e notoriamente voltado para o público feminino foi *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, cujas primeira e segunda edições (publicadas em 1844 e 1845) foram impressas pela Tipografia Francesa, mas acabou entrando para o catálogo da Garnier a partir de 1869. O romance conta a história de Augusto e D. Carolina, dois jovens que quando crianças juraram casar-se quando

²⁶ Ver anexo VII.

crecessem e sofrem ao se reencontrarem pois se apaixonam (sem saber que cada um é o prometido do outro) e julgam que não podem ficar juntos devido ao compromisso já assumido. E um dos primeiros livros feministas do Brasil foi *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* de Nízia Floresta, publicado sob o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto em 1832, em Recife. Tal obra foi apresentada como uma tradução de *Vindication of the Rights of Women*, de Mary Wollstonecraft, contudo, é notória a intervenção de Nízia sob a influência de feministas consideradas mais radicais que Wollstonecraft. A obra só ganhou notoriedade em 1939, quando a autora passou a viver na Corte e confiou os exemplares remanescentes da impressão pernambucana à Casa do Livro Azul (HALLEWELL, 2005: 128).

4. A imprensa feminina no Brasil do século XIX

De acordo com a pesquisadora Evelyne Sullerot (apud BUITONI, 2009), considerada por Buitoni a maior especialista em imprensa feminina do mundo, a história deste tipo de imprensa na França pode ser dividida em três fases: a da “senhora”, a da “mulher” e a da “consumidora”.

A fase da “senhora” é representada pela imprensa conservadora do primeiro século de imprensa no Brasil. Assim como se usa “Senhora” e “Dona” para as moças, a mulher é tratada com formalidade devido ao papel imposto à ela como mãe de família.

Pelo fato de a imprensa brasileira ter surgido com atraso em comparação com a europeia, esta primeira vertente da imprensa feminina no Brasil conviveu com a do tratamento “mulher”, surgido nos jornais que defendiam os direitos femininos – diferentemente da França, onde cada fase pôde ocorrer separadamente.

Em seu início, a imprensa feminina era feita basicamente de moda e literatura. Esta representada pelos contos, poesias e folhetins. As mulheres também tinham espaço aberto para desenvolverem sua produção em contos e poesias enviados por carta aos jornais ou ao se unirem em sociedades de leitura que produziam as suas próprias folhas.²⁷ Desse modo, a dupla moda-literatura cativava leitoras ao fazer com que cada edição dos jornais fosse ansiosamente aguardada, já que traria a continuação do romance seriado e as últimas novidades da moda de Paris.

A partir da segunda metade do século, surgiram periódicos que também faziam apologia à expansão da educação para as mulheres por entender que apenas uma mulher instruída poderia constituir um indivíduo pleno e dotado de ideias próprias. Apesar do tom inovador, os textos reafirmavam a função da mulher como guia da moral da família e da sociedade, principalmente pelo seu papel na formação dos filhos – assim, apenas mulheres educadas assegurariam a preservação dos costumes, da integridade da sociedade e o desenvolvimento da nação.

De todo modo, a imprensa feminina começou a desenvolver-se junto ao clima de efervescência política e cultural promovido pela independência do país, trazendo moda, literatura e o noticiário cultural (bailes, teatros etc) em panfletos que não duravam muitos

²⁷ Como não havia mulheres donas de oficinas tipográficas e de casas editoriais, e devido à natureza braçal do trabalho de impressão, supõe-se que os jornais desenvolvidos por mulheres encomendassem a sua impressão a terceiros.

números. O que era comum à época: todas as semanas surgiam e desapareciam panfletos que encampavam campanhas por pequenas e médias demandas de grupos de cidadãos, ou promoviam determinada corrente política nas polêmicas mediadas pelos jornais (LUSTOSA, 2000).

Contudo, a principal tarefa assumida pelas folhas femininas neste início era zelar pela erudição e educação das damas da época, e para tanto tentavam vencer a barreira imposta pelos pais e maridos às leituras feitas pelas suas mulheres.

Na década de 1840, com o início do governo de D. Pedro II, a imprensa, especificamente os jornais maiores, começa a se estabilizar. O telégrafo passa a integrar cada vez mais as regiões, e a agricultura, a indústria e o comércio se desenvolvem. Além disso, há um maior peso das Letras e artes na cultura nacional – ocasionando a proliferação de folhas literárias. A indústria gráfica também se aprimorou tendo como expoentes os irmãos Laemmert: os periódicos e livros são bem impressos e passam a conter belas ilustrações. Como o outro periódico feminino produzido pela casa Laemmert, *Correio das Modas* (1839-1841), cujos figurinos vindos da Europa eram pintados à mão.

Posteriormente, Francisca Senhorinha da Mota Diniz lançou o semanário *O Sexo Feminino* (1875-1877) tendo um caráter mais comprometido com a luta pelos direitos das mulheres. Sua fundadora-redatora lançaria mais tarde jornais mais engajados politicamente. A título de ilustração, segue o trecho da matéria *O que Queremos*, publicada em 25 de outubro de 1873.

Queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes; Queremos reaver nossos direitos perdidos; Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos; Queremos a instrução para conhecermos nossos direitos, e dele usarmos em ocasião oportuna; Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administra-los quando a isso formos obrigadas; Queremos enfim saber o que fazemos, o porque, o pelo que das coisas; Queremos ser companheiras dos nossos maridos, e não escravas; Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa; Só o que não queremos é continuar a viver enganadas. (O Sexo Feminino, 1873: 1-2) (HAHNER apud BUITONI, 1981)

Outros periódicos adotaram o tom do feminismo que nascia no país, destacando-se *A Família* (1889-1897) de Josefina Álvares de Azevedo e *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1890-1896), também de propriedade de Francisca Senhorinha da Mota Diniz. Suas principais bandeiras eram a emancipação, a instrução e a educação femininas, trazendo ainda artigos pela abolição da escravatura e notícias do movimento sufragista pelo mundo – tais assuntos sendo publicados junto aos tradicionais artigos de literatura e entretenimento. Era comum também o uso de pseudônimos ou a ocultação da autoria de

certos artigos como proteção das autoras da reação masculina – como fez o *Jornal das Senhoras* em suas matérias de tendência feminista.

É importante lembrar também que a imprensa feminina do século XIX não foi um fenômeno restrito aos grandes centros urbanos (cf. BUITONI, 2009; BICALHO, 1988), contudo, invariavelmente ela se apresentou em duas vertentes: a conservadora, que enaltecia as “virtudes” femininas e restringia a ação da mulher à esfera do lar; e a progressista, que visava a conscientização das mulheres para a tomada de seus direitos, principalmente o voto e a educação.

Outra característica de toda a primeira imprensa do Brasil, além do seu caráter artesanal, é o predomínio das ideias em relação à informação, sendo mais opinativa do que informativa: ela era marcada pelos artigos assinados, embates políticos e um tom mais combativo. Contudo, com a proximidade do final do século, alguns veículos passaram a assumir uma estrutura crescentemente empresarial e, por isso, aumentaram em volume de páginas e conseguiam sobreviver por mais tempo, completando décadas de vida. Estes passaram para o outro século demonstrando uma maior interferência da política e da publicidade nas rotinas da produção jornalística. Houve ainda a multiplicação de publicações especializadas nesta virada de século: revistas esportivas e religiosas, jornais em italiano, alemão, francês, inglês; revistas de medicina, música, direito; não esquecendo a imprensa operária que surgia principalmente nas capitais.

4.1 Principais características da imprensa feminina

Obviamente, um jornal feminino não é igual a outro, cada um possui particularidades e uma linha editorial determinada. Todavia, há certas características que os unem e os diferenciam dos demais tipos de impressos. Desse modo, segue uma breve lista de prerrogativas, retirada das obras de Buitoni, que definem um veículo como feminino e que ainda são encontradas nas revistas femininas que ocupam atualmente as bancas de jornais.

4.1.1 Temporalidade

Um dos fatores que marcam a imprensa feminina é a questão da sua temporalidade. Alguns críticos até afirmam que ela não poderia ser chamada de “imprensa” já que não haveria o predomínio do elemento-chave do jornalismo: a notícia. Pois os periódicos para mulheres valorizam, como já foi

mentionado, o jornalismo mais interpretativo, a opinião e o comentário. É um conteúdo mais “frio”, não relacionado a fatos novos, como o conteúdo de literatura e os artigos sobre assuntos que não estão presos a um acontecimento ocorrido no momento imediato, e que por isso não têm data certa para serem publicados, não ficam datados.

Pode-se argumentar que a moda seria um conteúdo fortemente atual, porém, tal atualidade é pré-fabricada e determinada por ditames mercadológicos, assim como a culinária e a decoração, que se adaptam ao momento econômico e cultural do público-alvo e da indústria, mas dificilmente dão partida a uma avaliação da realidade empírica.

Tal temporalidade se reflete na periodicidade das publicações: até hoje é raríssimo ver um periódico impresso feminino (no caso atual, as revistas) que tenha um intervalo inferior a 30 dias entre um número e outro. No caso do século XIX ainda havia o agravante do intervalo entre a impressão dos moldes e das figuras dos periódicos femininos feita na França, a sua chegada ao Brasil e sua posterior reprodução. Na seção de cartas de *A Estação* é comum encontrar respostas às reclamações das leitoras sobre o atraso entre o que chega aqui pelo jornal e o que é moda em Paris. Além da questão da diferença entre o clima europeu e o brasileiro, que obrigava as leitoras a fazerem adaptações de tecidos e cortes:

Comquanto se annunciem no começo de cada estação novos tecidos, não são estes que constituem propriamente a moda, mas sim os feitos. Assim é que sem usarmos n'esta quadra as fazendas que se usam actualmente em Paris, o que seria um absurdo, podemos aproveitar as combinações modernas, adptando-as, quanto possivel seja, aos tecidos que convem usarmos no verão. E' o modo intelligente de seguirmos a moda sem ridiculo, porém, que exige forçosamente algum gosto e empenho. (*A Estação*, 15 nov. 1888: 86)

4.1.2 A prestação de serviço

Além disso, os veículos femininos geralmente apresentam seções de prestação de serviço ligadas aos papéis tradicionais impostos às mulheres: dona de casa, esposa e mãe. O chamado jornalismo de serviço pode ser explicado sucintamente como a divulgação de informações de caráter utilitário, ou seja, que poderão ser usadas por cada leitora em seu cotidiano, que lhe poupam trabalho e tempo, além de preveni-la contra riscos.

Mas nem tudo o que é explicado de forma didática e pode ser útil à leitora é classificado como jornalismo de serviço. As receitas culinárias e dicas de trabalhos manuais que apenas ensinam como fazer determinado prato ou objeto, por exemplo, não

são considerados serviços já que não diminuem o esforço ou gasto da leitora nem tornam a vida desta mais prática – são uma “utilidade” pura e simples.

Também são consideradas prestação de serviço as seções de resposta às cartas das leitoras por estas publicarem recomendações de como agir em uma determinada situação apresentada na carta. Tendo em mente que cada carta publicada é usada como caso-chave para a veiculação de recomendações de como sair da melhor maneira possível de um determinado problema padrão. Tais seções são conhecidas como “consultórios” especializados em determinadas áreas como sentimental, puericultura, médica, beleza, etiqueta etc.²⁸

4.1.3 O papel do especialista

Nos jornais femininos de grande circulação há o predomínio da assinatura do especialista. Os artigos não podem ser assinados por “qualquer um”, pois para dar credibilidade ao jornal quem escreve para ele deve ser uma pessoa pública; um escritor conhecido ou um médico, cuja notoriedade pública ou a profissão, por si só, assegurariam a legitimidade e validade de suas opiniões (MOREIRA, 1992: 19). Lembrando que o hábito de o periódico veicular notícias sobre a vida e as obras independentes dos seus colunistas alimentava a fama destes, que por sua vez dava mais credibilidade ao jornal.

No caso do século XIX a maior figura de especialista era a do médico higienista. Isso porque, de acordo com o pesquisador Jurandir Freire, o médico higienista se infiltrava no meio familiar apoiado pelo seu saber científico e por isso era o responsável por operar uma ponte entre a família oitocentista (cuja organização ainda seguia os moldes coloniais) e o jovem Estado brasileiro. Ao associar à saúde e à prosperidade um sentimento de nacionalidade até então fraco, o médico solidificava o poder do Estado e efetuava um processo de modernização dos costumes das famílias, tendo em vista o ritmo capitalista que o novo Estado desejava imprimir à sua população.

28 Nos exemplares de *A Estação* pesquisados não se encontrou seções de prestação de serviços, porém, em algumas respostas de cartas das leitoras há recomendações de onde adquirir produtos e aconselhamento sobre moda. Um exemplo melhor de prestação de serviço nos periódicos do século XIX é o *Jornal das Famílias*, que possuía colunas de aconselhamento espiritual, de jardinagem, de economia doméstica etc (cf. MONTEIRO, 1991).

Mas para permitir a aceitação e a assimilação do poder do Estado pela população, a medicina precisava desbancar a autossuficiência da família colonial e diminuir o poder absoluto do patriarca sobre os membros da família. É por isso que o médico passou a “recrutar” como aliados aqueles cujo papel era visto como inferior diante do patriarca, e assim passou a engrandecer, por exemplo, a função social da mulher, um dos principais alvos do discurso higienista (MOREIRA, 1992: 27).

Já Monteiro (1991: 13) afirma que tal papel de ligação entre o Estado e a família também era exercido pelo escritor devido também ao seu acesso à intimidade do lar, permitindo que a sua palavra chegasse até a mãe de família e lhe incutisse a moral dominante e o conformismo.

Entretanto, Lajolo e Zilberman (1996: 15) afirmam que o papel social da mulher como intermediária entre a sociedade e a família já vinha sendo gradativamente enaltecido com a ascensão da burguesia. Já que para esta era interessante a organização da sociedade em grupos familiares com interdependência, o que era garantido pelo papel da mulher como aquela que organiza e mantém a esfera doméstica confortável e que aglutina os demais membros da família.

4.1.4 A fantasia e o domínio da esfera do privado e do doméstico

Tanto em seus artigos quanto em suas figuras, os jornais femininos tendem a focar o universo doméstico. Dificilmente serão vistas nos textos e nas gravuras cenas nas quais uma mulher está num ambiente fora de uma casa, e nessas poucas ocorrências é raro que ela seja retratada sozinha.

Sobre as gravuras de *A Estação* feitas a bico de pena e que mostram mulheres com feições doces e plácidas em espaços domésticos aconchegantes, Moreira (1992: 36) afirma que o periódico cria um mito:

Um mito do universo “protegido” que existiria na vida em família, no “doce lar” que seria o “reino” feminino. Um universo tranquilo e amoroso que nem a pobreza [...] e nem a morte [...] seriam capazes de destruir, pois a maternidade, esta missão sublime que enche de ternura e alegria os corações femininos, faz com que tudo o mais seja superável.

É assim que se constrói a imagem do lar como a maior ventura que uma mulher deve desejar, e é justamente para encobrir a ideia de confinamento que esta imagem poderia sugerir que se passa a

encarar o lar com o “reino”, o “castelo” governado pela mulher. Ainda de acordo com Moreira, entrelaçada à exaltação do doméstico, está a fantasia que transforma um espaço tão limitado em prazeroso, que leva a mulher a expandir-se para além dos muros de casa, sem sair de lá fisicamente.

Assim, ao estimular o aperfeiçoamento doméstico, ao enaltecer seu papel no seio da família e ao romantizar as particularidades do seu cotidiano doméstico, os periódicos alimentavam as duas faces do mecanismo do mito: a doméstica e a fantasiosa – que existem numa relação de interdependência. Nesse ponto, Moreira defende que mesmo as gravuras do jornal são ficcionais, pois estão mais ligadas à fantasia do que ao real, nomeando tal mecanismo como “real a bico de pena” – ou seja, o real visto sob a cortina da fantasia (ver anexo IX)²⁹.

Sobre a preocupação com o aspecto gráfico e a capacidade deste de distrair a leitora, segue um trecho de um exemplar de *Jornal das Famílias* de janeiro de 1864.

Envidamos todos os esforços, não nos poupamos a despesas e sacrifícios, a fim de dar aos leitores, e sobretudo às gentis leitoras que se dignão dispensar connosco algumas horas e lançar os olhos ás paginas que escrevemos, um volume nítido, variado, elegante, digno de arrar, pela amenidade de seus artigos, pela perfeição de seus desenhos, pelo fino de suas gravuras, pela delicadeza de sua impressão, as estantes dos litteratos, os gabinetes dos artistas, e o perfumado camarim de nossas amáveis leitoras. (MONTEIRO, 1991: 34)

4.1.5 A segmentação do público

Como já foi citado, as publicações femininas tentam passar para o seu público em potencial a imagem de principal fonte de conhecimento capaz de mantê-lo atualizado com o seu tempo e tornar a sua vida melhor. Para tanto, além de ressaltar a sua destinação ao público feminino, principalmente por meio de seus títulos e de sua diagramação, os jornais tendem a segmentar ainda mais o seu público, apresentando-se como literários, educativos, de modas etc.

4.1.6 O periódico como objeto a ser colecionado

²⁹ Um exemplo interessante dessa idealização do universo doméstico é a crônica de Júlia Lopes D’Almeida publicada em *A Estação* e que se encontra no anexo IV.

Como já foi mencionado, há a forte presença de conteúdo “frio” e de conselhos utilitários nos periódicos femininos, o que faz com que esse material leve mais tempo para “envelhecer”, ficar datado. Além disso, os jornais femininos tendem a valorizar a sua parte gráfica. O intuito é fazer com que as páginas se tornem uma espécie de arte, algo para ser admirado e contemplado. Tudo isso aliado ao número de folhas e o tamanho das publicações faz com que o seu conteúdo possa ser guardado pela beleza das figuras e pelo conteúdo de literatura e aconselhamento que não ficam desatualizados.³⁰

Já foi citado um trecho no qual os editores de *A Estação* fazem propaganda do volume de páginas, moldes e figuras que uma leitora adquiriria ao comprar todos os números de um ano completo do jornal. Além disso, nos exemplares pesquisados a numeração da seção de moda e a da seção de literatura são independentes, o que leva a crer que as leitoras poderiam encadernar cada seção como uma brochura independente.

É interessante notar também o costume de a primeira página do número de janeiro de cada ano ser diferente dos números restantes, pois ela funcionava como uma folha de rosto do volume que seria formado com a reunião de todos os exemplares.

4.1.7 O uso de uma linguagem mais próxima à leitora

As publicações dirigidas às mulheres usam recorrentemente o vocativo, a linguagem narrativa e o discurso direto; chamando a leitora de “você”, “querida” e “amiga”. No caso do século XIX, há uma aproximação mais cerimoniosa, com o uso de “senhora”, “cara leitora”, “leitora amiga”.

As informações na imprensa feminina são passadas num tom íntimo e coloquial, com um vocabulário ameno e popular, simulando um diálogo direto entre a publicação e a leitora. Ou usando-se o imperativo, principalmente nos aconselhamentos e nos títulos das matérias. Moreira, na sua análise de *A Estação*, cita ainda o costume de alguns artigos virem camuflados, como se fossem uma carta de uma amiga endereçada à outra, fazendo com que no lugar da opinião de um jornalista, a leitora visse o conselho sincero de uma amiga (MOREIRA, 1992: 18-19).

30 Tal hábito persiste até hoje, como provam as coleções mantidas pelas leitoras assíduas, o mercado de venda de revistas usadas e os revisteiros dos consultórios médicos e dentários – pois a cultura vigente faz com que mesmo os leitores ocasionais sintam dificuldade em descartar revistas. Além das dicas e conselhos que dificilmente perdem a atualidade e o ciclo de tendências imposto pela moda que sempre se renova.

Buitoni defende que esse tipo de tratamento faz com que a mulher fique desarmada, não tenha tanto senso crítico em relação ao que lê, já que encara tudo como uma conversa inocente dela com um veículo que lhe é tão íntimo. Isso faz com que a leitora desenvolva um sentimento de fidelidade com o periódico, o que também fortaleceria a sensação de encarar tudo o que é publicado como verdade e alimentaria o desejo de colecionar o material.

Sobre o caráter mais narrativo das publicações femininas, há o que Evelyne Sullerot (apud BUITONI, 1986: 13) já na década de 1960 classificava de “atualidade romanesca”: a presença de pessoas ligadas a acontecimentos atuais – geralmente personalidades importantes para cada época – nas matérias de tais publicações numa perspectiva de mistura entre ficção e fantasia em torno de biografias, fatos e sentimentos. Há sempre uma história de vida envolvendo sucesso ou superação a ser narrada nesses periódicos.

Já Moreira (1992: 39) afirma que o tratamento ficcional dado aos textos noticiosos e opinativos de *A Estação*, ou seja, o tratamento quase literário dado a esses textos, faz com que os motivos e os objetivos das mensagens sejam alienados. Isso é percebido com mais clareza em determinados anúncios que recebem o mesmo tratamento gráfico e de estilo das notas e colunas, fazendo com que a leitora não tenha muito claro o que é propaganda e o que é notícia.

4.1.8 O individualismo

Uma das maneiras de as publicações femininas alienarem as mulheres, segundo seus críticos, é a forma como elas centram seu conteúdo na busca pela satisfação e desenvolvimento de cada indivíduo em separado, evitando polêmicas e questionamentos profundos. Assim, os problemas envolvendo a sociedade não teriam lugar nesse tipo de imprensa, por esta apresentar uma visão otimista da vida ao transferir a solução da maior parte dos problemas da esfera pública para a privada.

Uma crítica recorrente feita por Buitoni, por exemplo, é a mentalidade propagada por estas publicações (como fazem todos os produtos de massa) de que “é preciso *ter* para *ser*”; ou seja, para a mulher enquadrar-se no padrão aceito e assim alcançar a felicidade e o reconhecimento, ela precisa consumir e possuir toda uma gama de produtos – incluindo os próprios jornais que a ensinarão o que deve ser consumido e como combinar, usar e se comportar com os bens adquiridos.

4.1.9 Os conteúdos sentimentais

Há ainda o volume considerável de conteúdo relacionado aos temas “do coração”, como flerte, formas de sedução, romance, amor aos filhos etc. trabalhados em crônicas, consultórios e matérias. Enquanto o jornal voltado ao público em geral trabalha o social, a imprensa feminina cuida da vida íntima das pessoas, mais especificamente a da mulher: seus desejos, angústias, relacionamentos etc. Esse é o maior argumento usado pelos detratores da imprensa feminina: enquanto os jornais sem distinção de gênero tratam de assuntos ditos “sérios”, como economia, política e noticiário, os jornais femininos trabalhariam com “bobagens”, como namoro, moda, sentimentos, qualidade de vida, espiritualidade, cuidados domésticos etc.

Para além da questão do que seria conteúdo “sério” ou não, há de se ter em mente que ao dar conselhos e ao publicar crônicas sobre relacionamentos, os jornais de certa forma constroem uma figura “certa” de ser mulher, como será mostrado no capítulo seguinte.

4.1.10 A busca pela eterna atualização

Nas páginas femininas transparece uma eterna busca pela re-atualização; há o apelo à novidade, à última tendência e ao modismo do momento. A maior parte do espaço das páginas dessas publicações dedica-se a certos conteúdos que se intercalam ao longo do tempo sem apresentar mudanças significativas.

A própria mulher é apresentada como um indivíduo que necessita de renovação constante para adequar-se ao padrão: ela precisa estar por dentro das últimas novidades em termos de moda, comportamento e lançamentos da indústria do entretenimento; mas sem descuidar da aparência e da vitalidade, não deixando transparecer em si a passagem do tempo – reflexo da busca pelo ideal de juventude e de energia que não lhe permite demonstrar cansaço, tristeza ou qualquer sinal de descuido com sua aparência (tudo nela combina, todo o seu corpo deve estar bem cuidado). Até para levar uma conversa, a mulher deve saber o mínimo sobre as peças que estão em cartaz e outros produtos culturais, as novidades do *showbizz* envolvendo artistas, sob risco de não parecer “antenada”.

É a eterna luta atrás de um novo que não é “revolucionário, crítico, conscientizador. Não é a busca da modernidade que instaura novas formas de apresentação da realidade. É o novo pelo novo, por fora, de

superfície” (BUIIONI, 1981: 130). Em outras palavras, é uma busca que consome o tempo e a energia da mulher e tira o foco de questões mais relevantes.

5. O periódico *A Estação*

O seu responsável foi o belga Jean Baptiste Lombaerts, um encadernador e livreiro que junto com o seu filho Henri Gustave trabalhava principalmente com jornais e revistas importados e com impressões sob encomenda. O principal periódico vendido por eles era a revista francesa *La Saison*. O seu sucesso foi tão grande que a partir de janeiro de 1879 Henri Gustave passou a imprimir sua própria edição brasileira da revista: *A Estação* (HALLEWELL, 2005: 229) – o seu pai falecera em 1875.³¹

De acordo com Buitoni, a revista era bem impressa e tinha excelentes figurinos, e foi a mais importante revista feminina do fim do século XIX.³² Outro destaque foi *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado em série na revista de 15 de junho de 1886 a 15 de setembro 1891. Lombaerts também imprimiu a versão em livro de *Quincas Borba e Histórias sem data*, também de Machado de Assis, para Garnier.

A publicação consistia basicamente de crônicas e moldes sobre moda e uma parte literária. Mas com o passar do tempo, o periódico abria mais espaço para o entretenimento (com mais literatura, jogos, charadas etc.) e textos utilitários (receitas de cozinha, conselhos de economia doméstica e afins).³³

As assinaturas, semestrais ou anuais, poderiam ser feitas na loja dos editores ou pelo correio, por meio de carta registrada com declaração externa do valor. De acordo com a seção de cartas do jornal, havia assinantes de estados distantes como Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Nesse espaço, os editores também divulgavam que vendiam números antigos e moldes de costura avulsos. Também era possível fazer encomendas de livros por carta.

Nos exemplares analisados, além dos anúncios dos classificados, há a presença de propagandas de uma perfumaria parisiense: as suas imagens ocupam uma ou duas páginas inteiras e

31 Além das edições francesa e brasileira, havia a inglesa, a alemã, a italiana, a espanhola, a portuguesa a holandesa, a dinamarquesa, a russa, a sueca, a polonesa, a croata, a húngara e no idioma eslavo.

32 Buitoni (1990: 39) afirma que *A Estação* era publicada pela casa Laemmert, contudo, além de Hallewell creditou a revista a Lombaerts, o cabeçalho de todas as edições traz a inscrição “editores-proprietários: H. Lombaerts & Comp”.

33 O editorial do primeiro número da revista se encontra no anexo I.

são as únicas coloridas de todo o jornal. O seu traçado a bico de pena é similar ao das outras imagens do periódico, o que poderia fazer com que fossem confundidas com a parte editorial (ver anexo XI).

5.1 Moda x literatura

Pela análise dos números do ano de 1888 ficou clara a divisão do conteúdo do jornal em duas seções: Correio da moda e Litteratura, cada uma possuindo, inclusive, numeração de páginas independente uma da outra. Pelo o que era divulgado pelo jornal, o conteúdo de moda vinha direto da matriz da revista em Paris e posteriormente o texto era retrabalhado por uma senhora francesa. Para o presente estudo, mais do que o texto de moda em si, interessa a importância gráfica deste material em relação ao literário: a seção de moda ocupa uma média de nove páginas enquanto que a parte de literatura está confinada a uma média de quatro por número.

Além disso, nessas quatro páginas, os textos brigam com as propagandas³⁴ (que ocupam metade de uma página) e algumas ilustrações avulsas, e sua diagramação não é tão bem trabalhada quanto a da seção de moda. Nesta, há uma quantidade considerável de figuras pintadas a bico de pena acompanhadas das explicações e do passo a passo de cada trabalho, ou seja, texto e imagem se complementam. Não esquecendo que havia também folhas destacáveis de moldes em tamanho natural que acompanhavam o periódico.

A parte literária da publicação não tinha um esquema fixo de espaços destinados a certos conteúdos, sendo os contos, poesias e editoriais distribuídos de forma irregular pelos meses. E mesmo os capítulos dos romances não eram obrigatoriamente publicados todos os meses, como ocorreu com *Quincas Borba* (ver anexo II).

De todo o modo, o conteúdo literário do jornal se encontra dividido em: contos: 20 aparições; romance, 11; poesia, 13; correspondência e editorial, 5; perfil e avisos, 3; notícias, 2; e obituario, comentário de livro e crônica, 1 cada.³⁵

34 A maioria é de produtos de perfumaria e remédios, ou seja, bens atrelados ao estigma da mulher vaidosa e “cuidadora” da família.

35 Foi utilizado o termo “aparição” para designar quantas vezes cada gênero apareceu no jornal. Como romance, por exemplo, *A Estação* só teve *Quincas Borba*; e já que alguns contos eram publicados fracionados, apesar de terem sido 14 no total, apareceram 20 vezes. Como as seções Theatros e Chroniqueta apareceram em todos os números, elas não foram contabilizadas.

5.2 A questão da temporalidade: o colonismo social de Arthur Azevedo

No periódico estudado, o colonismo social era feito por Eloy, O Herói, pseudônimo de Arthur Azevedo, que falava de artes, cultura, vida mundana, eventos sociais e, “assim como quem não quer nada”, acabou trazendo pequenas notas sobre política e economia. Em relação às outras seções do jornal, ele é o que mais cumpre o papel de “repórter” por tentar inserir, sempre pedindo licença e desculpas, as últimas notícias do que ocorreu na cidade e entre os políticos.

Moreira (1992: 57) destaca que as agitações do conturbado ano de 1894 fizeram com que pequenas notícias e comentários políticos ganhassem cada vez mais espaço em *A Estação*, e assim a realidade do país estaria começando a aparecer nas páginas do jornal. Contudo, na análise realizada foram encontradas diversas menções a acontecimentos da Câmara Municipal, da política internacional e também discussões sobre a abolição da escravidão e a possível instalação do regime republicano no país, como atestam os trechos abaixo escritos por Eloy.

A leitora não me perdoaria se eu fizesse do principal assumpto da quinzena o assumpto principal da chroniqueta. Não sei, mesmo, se me perdoará esta ligeira referencia ao emprestimo levantado em Londres pelo Governo Brasileiro.

– Que tenho eu com isso? dirá a leitora, e dirá muito bem. Fallemos de coisas frivolas e alegres.

Pois fallemos. [...] (*A Estação*, 30 abr. 1888: 30)

Se este periodico de modas não fosse exclusivamente dedicado ás senhoras, eu começaria a chroniqueta pelo registro e commentario do facto mais curioso do dia: a alta do cambio. Mas já estou d’aquí a ver que a leitora encrespa os lindos sobrolhos, enfastiada do meu artigo sem o ter lido.

Tranquillise-se, minha senhora: não lhe fallarei do cambio, se bem que com elle a 27, como se acha, póde V. Ex. comprar mais barato o luxo que acompanha a sua extrema elegancia e surprender no querido esposo um semblante menos carregado quando lhe pedir que pague conta da modista.

Mas como as mulheres e os poetas se habituaram a considerar o commercio como a negação positiva da poesia e do ideal, falaremos de outra coisa. [...]

A propaganda republicana tem ainda muito que fazer para conseguir desarragar a sympathia que o povo brasileiro consagra menos á monarchia que á familia imperial.

O incontestavel talento de Silva Jardim tem ainda que se espraia em numerosos discursos e o republicanismo pittoresco do deputado Monteiro Manso tem ainda que perguntar muitas vezes á custa de quem viajam os principes – antes que caia o throno brasileiro... (A Estação, 15 out. 1888: 74)

Deve ter sido muito grata a Leão [ilegível] a notícia de que, para commemorar-lhe o Jubileu foram aqui libertados duzentos e cinquenta animais pensantes. Duvido que, entre os innumeros e sumptuosos presentes de todo o orbe catholico enviados a Sua Santidade, fosse algum recebido com mais satisfação do que essa noticia alegre e consoladora.

O maior e mais legitimo prazer que póde sentir um homem de bem, é contribuir, directa ou indirectamente, para a liberdade do próximo, e esse prazer maiores proporções deve tomar no coração do chefe visivel da egreja fundada pelo Christo.

O Papa seria o primeiro a desejar que a mesma piedosa applicação tivesse todo o dinheiro que no Brasil se angariou para brindal-o.

Se os brasileiros, ou antes, as brasileiras (*Quæ sunt Cæsarir, Cæsari*) não aproveitassem o ensejo para a libertação dos captivos, seria o caso de ir a Roma e não ver o Papa.

Os desgraçados que naquelle dia de jubilo, ou de Jubileu, encontraram a liberdade que tão longe suppunham talvez, e cujo captivero não se parecia nada – creiam VV. EEx – com o do Vaticano, serão outros tantos ensejos do prestigio universal de Sua Santidade, e de hoje em diante os primeiros a sustentar até o insustentável, isto é, a infalibilidade do Papa. (A Estação, 15 jan. 1888: 3-4)

Nas actuaes circumstancias políticas não póde haver idéa mais odiosa do que esta da indemnisação; mas durante o illustre bate-bocca o que mais impressão causou foi o silencio profundo dos liberaes, emquanto o Sr. Lafayette fallava da ruina do paiz, causada pela lei de 13 de Maio...

Tenho um dedinho político que me está dizendo que a indemnisação deve ser feita mais cedo ou mais tarde... pelos liberaes. Não será um acto de liberalismo, mas será um acto de liberalidade. Está dentro do programma. (A Estação, 31 out. 1888: 76)

Chegou o sympathico Lopes Trovão arrancado aos bellos *boulevards* parizienses para auxiliar o serviço da propaganda republicana, e ia já causando quasi uma revolta na Escola Militar.

Já lhe desejei a boa vinda como amigo velho e saudoso; de politica não trato... Uma vez que não temos um bom dictador que em tres tempos endireitasse isto, qualquer governo me serve, comtanto seja feito por homens habeis e honestos. (A Estação, 15 nov. 1888: 80)

Éloy também traz na sua coluna notícias sobre o lado mais “cru” da vida. Traz assuntos que seguindo a lógica de Buitoni, não teriam espaço num periódico feminino por atacarem a fantasia, tais como a decadência econômica de uma senhora e os lugares menos elegantes da cidade.

Bello somno que não se gozará de certo nas espeluncas do bairro da Misericordia, as taes que offerecem pousadas aos peregrinos mediante cem, duzentos e trezentos réis por noite.

Foi preciso que o senhor Ferreira Vianna entrasse para o ministerio da Justiça para que os fluminenses soubessem da existencia de semelhantes antros, dignos da penna de um Dickens. A visita de Sua Ex. a esses fetidos refugios do Becco dos Ferreiros e intermundios adjacentes é um capitulo interessante do romance que se poderia intitular *Mysterios do Rio de Janeiro*.

A desaparição dessas vergonhas é mais um serviço que os fluminenses ficarão devendo ao piedoso e ilustre Ministro. (A Estação, 15 set. 1888: 67)

Neste jornal, dedicado ao bello sexo, não posso deixar de registrar o fallecimento de Dona Maria Eugenia da Gama Jones, que no seu tempo foi, dizem-me, a brasileira mais elegante e uma das mais formosas.

N’esse tempo chamava-se Guedes Pinto. Este nome, mais que o de Jones, poderá a leitora ligal-o á pessoa de quem se trata.

Maria Eugenia foi a rainha da moda; os seus bailes eram outros tantos acontecimentos; nas suas recepções encontrava-se quanto o Rio de Janeiro tinha então de mais distincto e elevado; todos a cortejavam, todas a adulavam.

Distribuiu esmolas e beneficios a torto e a direito; se cada um de quantos mereceram os seus favores pedirem para a sua alma a misericordia de Deus, e se Deus os quizer attender, ella será lá em cima tratada com todas as atenções.

Foi muito rica, foi muito bella, foi muito adulada: morreu pauperrima, velha e esquecida. He quatorze annos que estava demente. (A Estação, 15 maio 1888: 33-34)

O cronista faz ainda a propaganda da cena literária da cidade, enaltecendo principalmente os contribuidores do jornal.

Parabens egualmente á chronica e á poesia. Filinto de Almeida ahi está de volta do seu passeio á Europa. Vem gordo, fero e até – quem diria? – bonito!... Ah, Pariz! Pariz!...

Filinto foi solteiro e veio casado. E' sua esposa D. Julia Lopes, a escriptora de merito a quem se deve os *Contos infantis* (escriptos de collaboração com Adelina Vieira, sua irman) e os *Traços e illuminuras*.

O auctor da Chroniqueta comprimenta os ditosos noivos. (A Estação, 31 ago. 1888: 62-63)

Tambem me associo á manifestação de que foi alvo Machado de Assis n'um banquete do hotel Globo.

Trinta amigos cotisaram-se para comprimental-o *inter pocula* pela sua nomeação de official da Ordem da Rosa: eu comprimento, não o commendador, mas o amigo, o conselheiro, o mestre, e folgo de o fazer nestas paginas honradas pela sua penna illustre. [...] Noticia que me deu muita satisfação foi a da proxima nomeação de Escragnolle Taunay para director da Academia de Bellas-Artes. O Governo não poderia escolher nome melhor: este nome de Taunay – que é legendario n'aquella casa – transformará certamente a Academia n'um estabelecimento de utilidade publica.

*

Pequeno movimento litterario e jornalistico:

Appareceram os dous annunciados orgams Tribuna Liberal e Diario do Commercio. Têm ambos, cada qual no seu genero, agradado bastante.

O Sr. Horacio de Carvalho publicou um romance, o Chromo, cujo o defeito é o de ser muito longo e afastar-se constantemente da missão fundamental do livro. No mais é muito aceitável.

A nota comica do movimento litterario foi a Noiva, romance do Sr. Adherbal de Carvalho, ou de Karvalho, como escreve o autor. Este livro extraordinario é uma renovação das glorias do Mal das Vinhae e do Barreto Bastos. (A Estação, 31 dez. 1888: 92)

Ele toca também em questões sobre a condição feminina, escrevendo sobre uma tentativa de suicídio (que hoje é tabu na imprensa nacional) e sobre o trabalho feminino.

Fóra da politica não ha nada, absolutamente nada com que entreter as leitoras, a não ser uma infinidade de raptos e outras scenas escandalosas, mas pouco interessantes.

Sobre os raptos eu tenho uma opinião que pode desgostar a Suas Excellencias; ninguem me venha dizer que taes delictos se commettam sem plena aquiescencia da parte mais fraca, sendo que em muitos casos os homens é que são os raptados.

Nos tempos romanticos amordaçava-se uma mulher e lá ia a misera desmaiada ao collo do seu Dom Juan e ao galope de um cavallo; hoje não ha nada d'isso: as meninas saem de casa por seu pé, tomam o bonde , tomam a barca, e lá vão pelo braço do seductor como se fossem para o mais honesto *conjugo vobis*. (A Estação, 31 out. 1888: 76)

Este principio de anno tem sido funebre; o 88 come, ou como terminou o 87. Já tivemos uma explosão, um naufragio, muitas eleições, e não sei quantos suicidios. E' raro o dia em que a chronica não faz menção de mais um voluntário da Morte.

Entre os ultimos, contam-se dous meninos, um dos quaes se matou pelo receio de ser reprovado n'um exame da Escola Naval, um francez septuagenario, que deu cabo da existencia por dever duzentos e tantos mil réis de alugueis de casa, e uma pobre moça, a quem o noivo roeu infamemente a corda.

Ter casamento tratado e de repente ser abandonada pelo noivo é, realmente, uma das maiores semsaborias que podem acontecer a uma senhora honesta; mas a coitadinha da moça de quem se trata tinha uma grande compensação ao seu infortúnio: não se casar com o infame que a illudíra. Deveria consolal-a a ideia de que esse miseravel seria um pessimo marido. Amava-o? Ora adeus! O procedimento d'elle acabaria por supprimil-

o completamente da memoria d'ella, pois do coração nem se falla, e outro noivo occuparia mais tarde o logar vago pela deserção do primeiro.

A leitora, se quizer aceitar o conselho mais serio que tenho dado em dias de minha vida, não se mate nunca, mas sobretudo não se mate por nenhum homem. E' um homem quem lh'o diz. Não sou suspeito. (A Estação, 15 fev. 1888: 10)

Já que me referi ás *Notas á margem*, recommendo com muito empenho ás leitoras algumas considerações que lá vêm a propósito da necessidade de se empregarem as mulheres em occupaões entre nós exercidas exclusivamente por indivíduos do bello sexo masculino. Os marmanjos apoderaram-se despodicamente de todos os logares. Usurpadores do trabalho e do salário, não deixam ás mulheres o direito de fazer alguma coisa. Nesse sentido é urgente uma reforma nos nossos costumes: é preciso que a mulher viva tambem á sua custa, independentemente da costura ou de quaesquer meios deshonestos a que a exponham difficuldades de subsistencias.

Essas considerações foram provocadas ao meu distincto collega pela inauguração de um botequim servido por moças.

Nesse facto, que por emquanto, tem unicamente servido de pasto á curiosidade de numerosos basbaques, descobre o autor das *Notas á margem* um princípio de reforma, que não é certamente para desprezar. O novo botequim não fez uma revolução nos costumes, mas estou certo que, pelo menos, produziu certo movimento. A apostar como já a estas horas novos botequineiros pretendem contractar pessoal feminino, muito mais attrahente e delicado que o outro; a apostar em como muita moça sem recursos deseja a estas horas empregar-se no serviço de um café!...

A proposito lembra-me que aqui há tempos o ministerio da agricultura auctorizou a directoria do Correio a engajar mulheres, para o serviço da distribuição da correspondencia. Não me consta que tenha sido aproveitada essa auctorização. Pois, meus caros senhores, em toda a parte do mundo é a mulher... quem dá as cartas. (A Estação, 15 jan. 1888: 3-4)

Tivemos estes ultimos dias duas senhoras queimadas vivas, como nos tempos de Santa Inquisição!

No primeiro caso trata-se de um suicidio, e no segundo caso trata-se de um mysterio.

No primeiro é uma esposa que ensopa as vestes em petroleo e atêa-lhes fogo... por ter ciumes do marido; no segundo é uma senhora casada e mãe de filhos, que entra para o seu quarto ás 11 horas da noite, e é encontrada no dia seguinte, a 1 hora da tarde, completamente carbonisada, sem que a família até então de nada suspeitasse!

Sobre o segundo caso não tenho direito de escrever enquanto não vir convenientemente esclarecido; quanto ao primeiro limitar-me-ei a aconselhar ás leitoras que não se queimem com as falcatruas de seus queridos esposos ao ponto de se queimarem. (A Estação, 30 nov. 1888: 84)

5.3 Crônica social de teatro

As notícias sobre o que acontecia nos teatros da cidade eram dadas por X.Y.Z., cuja verdadeira identidade não foi citada em nenhuma das fontes pesquisadas. De todo modo, além de situar a leitora sobre o que estava em cartaz, o cronista anunciava o que estava em ensaio e os artistas e peças que poderiam vir ao Brasil; além de elaborar críticas às vezes nada simpáticas sobre as atuações e montagens. Abaixo há a transcrição integral da coluna de 31 de outubro:

Nada de novo, nada de bom. No Recreio continúa em scena o milagroso Santo Antonio; no Variedades a Degolação dos innocentes e as Guerras do Alecrim e da Mangerona; no Sant'Anna voltou á scena o Amor molhado, e do S. Pedro despedio-se a companhia Balabrega, de poloticas e visualidades.

*

Ensaia-se:

No Recreio, Christovam Colombo, drama, para beneficio do actor Dias Braga. No Variedades, o Judeu errante, que ha um bom par de annos fez as delicias da platêa do S. Pedro. No Sant'Anna as Sorpresas do divorcio, e uma magica, o Annel de Salomão, cuja musica está sendo composta pelo *maestrino* Costa Junior.

*

Ainda não se sabe com que peça estreiará no Lucinda a companhia que se está organisando para este theatro.

*

Um dos nossos melhores actores, o Sr. Guilherme de Aguiar, está em uso das aguas de Caxambú, donde voltará para o Sant'Anna.

*

Ainda não se falla em revista de anno. Segundo estamos informados, a do nosso collega Arthur Azevedo intitular-se-á De palanque, e será firmada pelo seu pseudonymo de *Eloy, o heróe*. (A Estação, 31 out. 1888: 77)

5.4 Contos de I.S. e os de Aluizio Azevedo: a normatização do amor contra a crítica social

Sobre os contos do jornal, ficou clara a existência de duas vertentes representadas principalmente por I.S.³⁶ e por Aluizio Azevedo.

Os textos de I.S. parecem preocupar-se em ensinar às leitoras como se comportar com o sexo oposto, como conseguir um bom casamento. Neles não há a idealização do amor, ao contrário, o matrimônio é encarado como um contrato social no qual se deve ter astúcia para fechar o melhor negócio. Ou seja, não é o sentimento que leva ao casamento e sim a busca por *status* social.³⁷

Funcionando como uma cartilha para solteiras, nesses contos os personagens principais são jovens recém-casadas ou moças casamenteiras. E há sempre o perigo de ficar mal falada por ser namorada, virar uma solteirona ou ter o pretendente roubado por uma falsa amiga. Porém, nos contos, há a preocupação de saber dosar: uma mulher pode ser namorada, mas deve saber disfarçar e manter o decoro; ela deve procurar escolher um bom pretendente, mas ter cuidado para não escolher demais e ficar sem marido. Tudo isso parece ser uma economia dos afetos, na qual se deve saber medir o quanto de carinho demonstrar, a que se deve dar importância e a quem confiar certas confidências.

Já os contos de Azevedo parecem tentar mostrar o que está além do espaço doméstico, levar à leitora uma realidade não tão perfeita. Ele faz críticas àqueles que confiam cegamente na Igreja e

36 Em nenhum dos trabalhos consultados se conseguiu averiguar quem de fato era I.S.

37 Tal visão do casamento já havia sido identificada por Moreira (1992: 93) nos contos de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*.

denuncia a corrupção de seus representantes, brinca também com a ideia da sogra como fonte de discórdia no casamento e a fúria de uma mulher que se descobre mal casada.

Há ainda a introdução da figura do *outsider*³⁸, representada no conto *Rogério Brito* e em *Parizina*. Rogério Brito é um escritor pífilo que tenta a todo o custo a fama e acaba enlouquecendo. Já o segundo conto faz galhofa da inequação de um homem deslumbrado por Paris que se vê obrigado a ficar no Rio de Janeiro. Moreira, ao analisar o papel dos *outsiders* como personagens principais de alguns contos de Machado de Assis publicados no *Jornal das Famílias*, afirma que estes mostravam às leitoras que havia coisas além do seu universo restrito. De certa forma, eles traziam “mais realidade” a elas (MOREIRA, 1992: 97).

Interessante notar que o próprio personagem principal do romance de *A Estação* no ano de 1888 era um *outsider*, como será mostrado mais adiante. Num certo sentido, esse tipo de figura mostra o perigo de tentar encaixar-se num mundo fora das suas possibilidades, levando ao suicídio, morte e/ou loucura.

Um outro lado do conto *Rogério Brito*, de Azevedo, que se liga à ideia principal do conto *Versos*, de I.S., é a pouca importância prática da poesia. Esta não leva ao reconhecimento público e não é capaz de sustentar ninguém, muito menos manter um casamento. Os dois contos podem assim ser encarados como um aviso da insegurança do caminho da poesia e denúncia do pouco valor dado às Letras no país.

Resumo dos contos de <i>A Estação</i> publicados em 1888
<p>O sonho</p> <p>J. de Moraes Silva</p> <p>O conto se inicia com a visita de Alfredo à casa de Emilia. Ele conversa com esta enquanto a mãe da moça os escuta na sala ao lado, na qual costura e reza. O rapaz, melancólico e só no mundo, conta à amiga um pesadelo que teve. Depois de o jovem terminar o seu relato, Emilia afirma que este deveria amar, no que ele responde que antes precisa ser amado. Nesse momento fica claro que eles se amam e Alfredo insinua o seu desejo de casar-se com Emilia à mãe da moça.</p> <p>Publicado em 15 de janeiro, p. 3; 31 de janeiro, p. 7; e 15 de fevereiro, p. 10.</p>

38 Aquele que não se enquadra aos padrões da sociedade, não pertence a um grupo.

Argos

Arthur Azevedo

Estanislão, um homem estúpido, ao casar-se com Rozalina recebe o conselho de tio Gaudencio sobre o perigo de unir-se à uma mulher cuja mãe está viva e, o pior de tudo, de permitir que a sogra more com o casal. Contudo, a sogra se mostra um amor de pessoa, enquanto a esposa de Estanislão se transforma numa peste, chegando a dominar e esbofetear o marido sistematicamente. Uma das desculpas dadas para essa mudança de comportamento seria a desilusão que Rozalina teve no casamento. Mas o tio do rapaz luta para convencê-lo de que tudo fora obra da sogra, usando o argumento de que toda a sogra tem ódio do marido da filha por conta do intenso amor materno que se transforma em ciúme por ver a filha “roubada”.

Publicado em 5 de fevereiro, p. 12 e 15 de março, p. 17-18.

Uma ingênua

Lucio de Mendonça

Seraphina é a preocupação de sua família: é uma moça ingênua que dispensou grandes partidos para marido em nome de sua moral. Dentre os candidatos se destacam o primo que abandonara o curso de Farmácia e ganhou uma pequena fortuna na roleta e um visconde banqueiro em uma província do Norte. Depois da recusa de Seraphina, o primo se suicidou ao perder tudo no jogo; e descobriu-se que o visconde na verdade era um farsante.

Até que Carlos de Mello é enviado como intermediário para o pedido de casamento do seu primo, dono de um famoso armazém, à jovem ingênua. Desconfiada dos métodos de venda do comerciante, a jovem recusa o pedido e se insinua abertamente para Carlos de Mello, um humilde funcionário público. Depois de casar-se com a jovem, Carlos é promovido a chefe de seção pelo ministro e passa a ganhar bem, e o primo deste é preso por fraude. Todos da família passam a bendizer a jovem, que ao contrário de ser ingênua, era muito esperta.

Publicado em 29 de fevereiro, p. 15.

Rogério Brito

Arthur Azevedo

O jovem que dá nome ao conto sonha com o reconhecimento e a fama no mundo das Letras. Arrisca-se em todos os gêneros, mas não consegue patrocínio ou, quando o consegue, o resultado é píffio. Nem mesmo escrevendo para jornais, ele consegue alguma notoriedade. Só

tem o que comer por causa de umas apólices herdadas. Até que numa madrugada ele tem um delírio, e na rua do Ouvidor deserta e fria vê a multidão e os artistas lhe prestarem reverência. É preso e levado ao hospício, ficando lá por anos e ouvindo vozes a prestar-lhe homenagens.

Publicado em 30 de abril, p. 29 e 31 de maio, p. 38.

Entre estrelas

Assinado por “um defunto”

Um homem entediado com a vida e insone se assusta ao perceber que ouve duas estrelas conversando numa noite. Uma delas diz que aceitaria ser qualquer coisa para estar na Terra, enquanto que a outra afirma que só aceitaria descer do céu para ser da burguesia ou da nobreza. A última ainda diz que só se casaria com um homem rico. As duas estrelas falam mal dos que reclamam da vida na Terra e reclamam da monotonia que é o céu.

Publicado em 15 de junho, p. 41-43.

Entre duas valsas

A.Z.

Num baile, duas amigas descobrem que eram cortejadas, e apaixonadas, pelo mesmo homem. Depois disso nunca mais se falaram.

Publicado em 30 de junho, p. 45-46.

Parizina

Arthur Azevedo

Graciliano, ao receber uma herança, decide ir morar em Paris e permanece lá por três anos. Mas o dinheiro acaba e os amigos franceses passam a desprezá-lo. Ele volta ao Rio de Janeiro, mas não consegue adaptar-se: ele tenta contato com os franceses que residem na cidade, mas não os acha à altura dos de Paris, não encontra na cidade nada que lembre os encantos da capital francesa. Em pouco tempo, todos o acham pedante, e ele se isola e perde o emprego. Acaba se suicidando.

Publicado em 30 de junho, p. 47.

Mulher é o diabo

I.S.

Chiquinho Barroso se apaixona pela namorada Luiza Vasco. Ela o elege como namorado e tudo vai bem até que Chiquinho é autorizado a pedir a mão de Luiza em casamento. Porém, num ataque de ciúmes, Chiquinho pede para Luiza não ir a um baile; ela não o atende mesmo depois de ele afirmar que, se ela fosse, não a pediria. Ele sofre, não dorme, chora, e decide terminar tudo, mas ao encontrar-se com ela de novo, Luiza o convence que seu pedido fora despropositado e ele a pede em casamento.

Publicado em 15 de setembro, p. 65-66.

Chovendo

I.S.

Conta a história de Ernesto, um jovem que se apaixona perdidamente por uma mulher diferente em cada baile que vai.

Publicado em 30 de setembro, p. 69-70.

Paixão e paixão

I.S.

Ermelinda e Ernesto formam um casal desencontrado: enquanto a mulher ama o marido de forma contida e um tanto fria, Ernesto a ama intensamente e sofre com a distância da mulher. Até que, cansado, o marido passa a simular indiferença em relação à Ermelinda durante meses, provocando o desespero desta. No final, eles fazem as pazes e a esposa entende que precisa demonstrar mais carinho e atenção no casamento.

Publicado em 15 de outubro, p. 73-74.

Era uma vez um rei...

I.S.

Duas irmãs, Clara e Rosa, descobrem que se apaixonaram pelo mesmo rapaz e decidem tirar a sorte: quem tirar o rei de copas do baralho fica com o pretendente. Tentaram o método quatro vezes, não encontrando o rei durante a partida, somente depois. Então, abandonaram o esquema, mas à noite, ambas sonharam que o rei de copas lhes dizia que fugira do baralho por não querer que o rapaz ficasse com cada uma das duas, já que era um patife. Ele prometeu a cada uma um noivo: “um moço bello, virtuoso, rico, filho de boa familia, poeta e musico”, que cada uma deixasse o rapaz para a outra já que pretendente melhor já estava encomendado. Alguns pretendentes vieram, mas elas abriram mão de cada um por causa das promessas do rei de copas de que algo melhor estava por vir. Elas acabaram chegando aos cinquenta anos solteironas e sem esperanças.

Publicado em 15 de julho, p. 49-50 e 31 de julho, p. 53-54

A toalha de crivo

Arthur Azevedo

A história se passa numa cidade do interior de Minas Gerais na qual o povo é pacífico e quem manda é o padre: é ele quem escolhe o candidato a ser votado e a sua palavra nunca é questionada. Numa certa ocasião, uma mulher que enviudara grávida, vê seu bebê morrer também e faz a promessa: “Se me dás este anjo vivo, tens uma toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora!”. Depois de um ano, a toalha de crivo está no altar da igreja e a viúva aparece com uma criança no colo para ser batizada. O vigário logo explica a todos que a criança é a filha ressuscitada da viúva e que este milagre lhe fora anunciado pela Virgem Maria; e o povo acredita.

Publicado em 15 de julho, p. 51 e 31 de julho, p. 55.

Versos

I.S.

Feliciano, uma moça que adora versos, casa-se com Julião, alegando que seu principal encanto era o de ser poeta. Contudo, com os anos vêm os filhos e as responsabilidades, e cada vez mais Feliciano se irrita com a mania do marido de escrever versos. Há brigas e dois de seus filhos morrem, mas Julião só quer saber de escrever. Até que decidem separar-se amigavelmente e depois judicialmente. No final da vida, Feliciano toma verdadeiro pavor de poesia.

Publicado em 15 de agosto, p. 57-58.

Questão de carro

I.S.

O texto fala das agruras de Felicia: uma jovem que mais do que tudo queria ter um carro. Apesar de ser namorada, não conseguia arranjar marido, pois os pretendentes pobres não tinham como ter um carro, e os ricos só queriam diversão. Um pretendente rico fora roubado por uma amiga, outro falira e Felicia rompeu o compromisso. Com os anos, o número de pretendentes foi diminuindo, e a jovem abriu mão de ter carro por medo de ficar sem automóvel e sem marido. Mas nada aconteceu. Até que num baile conheceu um homem grosso, não elegante, mas que era apaixonado por ela havia um ano. Casaram-se e eram felizes: ele não era rico, mas era dono de uma cocheira de carros.

Publicado em 31 de agosto, p. 61-62.

5.5 A literatura como notícia e os perfis publicados pelo jornal

Além das crônicas de Eloy, outra fonte de notícias eram os editoriais do jornal. No ano analisado, os redatores discorreram sobre a abolição da escravidão, um prêmio dado a Machado de Assis e a alegria pela recuperação do imperador de uma grave moléstia.

É interessante notar a preocupação (e espaço dedicado) do jornal com a saúde do imperador e a publicação dos perfis de três imperadores da Alemanha: Guilherme, Frederico III e Guilherme II. Os dois primeiros morreram precocemente, deixando a Alemanha num temor de que o terceiro também falecesse, o que levaria a Alemanha à uma grave crise política em torno da sucessão. Fora esses três

perfis, o jornal só publicou o da Princesa Isabel, e não custa lembrar que um ano depois o Brasil adotou o regime republicano de governo. Ou seja, as notícias sobre o grave estado de saúde do imperador e o exemplo da Alemanha levavam ao questionamento sobre a crise que a morte de um imperador geraria num país, ressaltando a insegurança do regime monárquico.

5.6 *Quincas Borba*

Na sua análise dos contos de Machado de Assis publicados no *Jornal das Famílias*, Monteiro afirma que

Amoldando-se ao veículo e ao seu público alvo majoritário, Machado procurou, segundo Eugenio Gomes, “agradar o mundo feminino”, utilizando temas que dissessem respeito aos interesses femininos e à curiosidade transformada em disponibilidade para ler-ouvir conselhos e informações úteis para o seu cotidiano restritivo e brilhar na sociedade fluminense. (MONTEIRO, 1991: 35-36)

Monteiro afirma ainda que Machado utiliza nesses contos um narrador bem-humorado que manipula a atenção das leitoras, conquistando a sua simpatia. Há ainda as estratégias de alongamento e antecipação de fatos que criam um clima de cumplicidade entre autor e leitora: pedindo paciência, o autor explica coisas irrelevantes à leitora ou faz pausas para fazer comentários sobre o que é narrado. Já Lajolo e Zilberman afirmam que tais estratégias são usadas pelos autores do século XIX em livros e jornais para todos os públicos, e mais do que cativar a simpatia do leitor, elas teriam o intuito de auxiliar a compreensão do texto por parte de um leitor ainda pouco experiente.

No romance que produziu para *A Estação*, Machado segue essa fórmula, dando pausas para conversar diretamente com a leitora para comentar o que acontece, recapitular fatos ocorridos no início do livro etc. Na obra há elementos comuns aos textos para mulheres: um amor impossível, bailes, vestidos, casamentos, solteironas e muitas cenas em ambientes domésticos. Contudo, Machado também faz uma crítica à sociedade fluminense da época e o livro está longe de ter um final feliz.

A história gira em torno de Pedro Rubião de Alvarenga, um ex-professor primário pobre de Minas Gerais que recebe uma fortuna com a morte de seu amigo filósofo Quincas Borba, com a única condição de ter que tomar conta do cão do finado – cujo nome também era Quincas Borba. Junto com o dinheiro, Rubião também herda a filosofia Humanitas, a qual ele não entende muito bem e que a grosso modo pode ser explicada pela ideia de que a vida é um campo de batalha onde só os mais fortes sobrevivem e os fracos e ingênuos, como Rubião, são manipulados e aniquilados pelos superiores e espertos. Por isso o seu lema: “Ao vencedor, as batatas!”

Com a riqueza inesperada, o mineiro se muda para a capital e tenta adequar-se à sociedade de vaidades e interesses. No caminho para a Corte, conhece Cristiano Palha e sua mulher, Sophia – essa

ao perceber a condição de Rubião de novo-rico, é toda atenção para o mineiro. No processo de transformação de Rubião de professor pobre à capitalista e devido ao amor não correspondido por Sophia, o protagonista passa a ter delírios de grandeza, acreditando ser Napoleão III, e dissipa toda a sua riqueza, sendo abandonado por seus amigos e morrendo pobre, louco e em Barbacena com o cão Quincas Borba.

Outro personagem importante da trama é o casal Cristiano-Sophia. Enquanto Rubião cai em desgraça, eles conseguem ascender socialmente se aproveitando da sociedade feita com o mineiro enquanto essa os interessa e tecendo uma longa rede de conhecidos importantes, criando subterfúgios para tais contatos (como a campanha criada por Sophia para ajudar as vítimas das chuvas das Alagoas na qual só participavam as esposas e filhas de homens ricos). Eles agem juntos e fazem o que for necessário em prol do seu projeto de se tornarem ricos e reconhecidos. O maior exemplo disso é quando Palha dissimula não saber que Rubião se declarou à sua esposa e se mantém amigo deste só para não perder o sócio importante. Mas quando Rubião não é mais valioso para o seu projeto, ele rompe a sociedade, e não socorre o amigo quando este começa a apresentar sinais de loucura.

No anexo V, estão três passagens consideradas representativas: o questionamento de Rubião sobre o casamento; a visita dele a um amigo mais humilde e um passeio por um bairro pobre da cidade. Além de mostrarem as estratégias de linguagem relacionadas acima, esses trechos mostram a não adequação de Rubião à condição de rico e também aspectos duros da vida que supostamente não deveriam estar presentes num texto para mulheres.

6. Considerações finais

Com esta pesquisa foi possível verificar que a prática da leitura por parte das mulheres era encarada como uma questão política e social, sendo o analfabetismo usado muitas vezes como forma de controle e coerção. Por isso, foi necessária a convergência de diversos fatores para que as mulheres fossem estimuladas a ler, tais como a expansão da produção em massa, o aumento do tempo de ócio, a busca por novos nichos de leitores, a ascensão da burguesia, a busca de uma identidade nacional por meio do fortalecimento das instituições culturais do país, políticas estatais que utilizavam a mulher como disseminadora de ideias dentro do seio da família etc.

Contudo, como forma de respeitar aquilo que se dizia adequado moralmente às mulheres e também acreditando estar apostando numa fórmula que daria lucro certo, convencionou-se utilizar certos elementos textuais e de conteúdo que mais tarde foram classificados como tipicamente femininos. Como, por exemplo: a ênfase no sentimento, no amor romântico, o uso da narratividade, o predomínio de personagens planos e a construção da fantasia em torno do universo doméstico e do casamento.

Mesmo levando em consideração a pressão externa para que as mulheres aprendessem a ler e consumissem mais impressos, cabe ressaltar que a divulgação de textos voltados para elas também se beneficiou do empreendedorismo de editores que pouco a pouco foram habituando a sua clientela com jornais e traduções de romances ditos açucarados. Um ato verdadeiramente corajoso tendo-se em vista as taxas de analfabetismo entre a população brasileira em geral e principalmente o restrito público leitor do século XIX.³⁹

Além de tentar entender e desmistificar esse processo de elevação da mulher à categoria de leitora, o presente trabalho buscou colaborar com as pesquisas sobre imprensa feminina focando não só o padrão desses veículos, mas também tentando identificar mecanismos de ruptura. Isso com ênfase num ponto marcante desse tipo de imprensa: a questão da atualidade. Por meio da investigação dos textos publicados no ano de 1888 de *A Estação* ficou comprovado que tal jornal, mesmo pedindo desculpas e licença às suas leitoras, tentava além de divertir, informar o seu público sobre os problemas da cidade, a política nacional e os acontecimentos internacionais.

Embora trouxesse textos e imagens que ressaltavam o ideal de mulher-esposa-mãe da época e que poderiam levar à alienação, o periódico também trazia crônicas sociais e contos que levavam a leitora a ter contato com o mundo exterior ao universo doméstico e conhecer o lado mais duro da vida: como a morte, o vício, a violência e a pobreza.

39 Infelizmente, não há um censo confiável que mostre o número de leitores do Brasil do século XIX. Porém, Hallewell e Lajolo e Zilberman citam uma série de crônicas e relatos de viajantes que comprovam o tamanho diminuto do público leitor da época.

Além de ter sido possível ver os primórdios da indústria de impressos para mulheres (atualmente mais visível nos segmentos livro e revista) e a formação de um público leitor, pôde-se verificar a construção do mito da figura da leitora. Tal ponto se torna relevante ao se pensar que aquilo que antes era restrito ao feminino e que não extrapolava as páginas direcionadas às mulheres, agora é universal – e atualmente recebe rótulos como “autoajuda”, “qualidade de vida”, “equilíbrio interno” etc. É curioso ver como esses elementos passam a figurar na imprensa em geral e em livros e publicações voltados também para o público masculino (como a *Playboy*) (KAZ, 200?: 10-21).

O que nos leva novamente à questão do mito e o papel da pesquisa em tentar desnaturalizá-lo. Com base nos apontamentos deste trabalho caberia nos questionarmos: desde o princípio se construiu uma fórmula do que as mulheres gostam e precisam ler, mas é isso mesmo que elas querem ou necessitam? Elas compram esses impressos por que desejam ou por que foram condicionadas a gostar deles, por que foram acostumadas desde pequenas com esse tipo de leitura? Já foi comprovado que tal fórmula estimula o ideal dominante do que é ser mulher de cada época, então não caberia a denúncia de tal padrão e o estímulo à divulgação das outras formas de ser mulher? Não seria o caso de tornar mais acessíveis e divulgados os textos que questionam o *status quo* e aqueles que divulgam outros modelos do que é feminino, tirando-os do beco, não limitando-os a brechas?

Como já foi dito, o que é produzido para as mulheres obedeceu e sempre obedecerá a uma série de questões políticas, culturais, econômicas e ideológicas que estão longe de preocupar-se com os direitos e problemas das mulheres, por isso é inaceitável que os produtos culturais produzidos exclusivamente para elas sejam encarrados como não passíveis de análise por serem vistos como inferiores, descompromissados e inocentes.

REFERÊNCIAS

1808: A Corte chegou! Uma guinada no destino do Brasil. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: edição especial, ano 3, nº 28, janeiro de 2008.

A Estação. Rio de Janeiro, ano XVII, jan.-dez. 1888.

Assis, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Garnier, 1891. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=rd&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&fdn=bd3c6fb1.virtua.com.br&tdn=objdigital.bn.br&url=http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or15757/or15757.pdf> Acesso em: maio-jun. 2010.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e Início do século XX*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado – PPGRAS/MN/UFRJ, 1988. (mimeo.)

BITTONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.

_____. *Mulher de papel: a representação feminina na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. _____. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Summus, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo do Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: EdUSP, 2005.

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas". In: RIO DE JANEIRO (Cidade) Secretaria Especial de Comunicação Social. *Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: [200-]. (Cadernos da Comunicação, Série Memória, v. 4.) p. 10-21.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 30.

_____; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

LAMOUNIER, Carolina Becker; GONZALES, Luciene dos Santos. A revista NOVA/Cosmopolitan no contexto histórico da mídia impressa brasileira. In: INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ribeirão Preto, São Paulo, 2006. Disponível em:

<<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19488/1/Carolina+Lamounier-Gonzales+Lucilene.pdf>> Acesso em: 11 out. 2007

LUSTOSA, Isabel. Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MELO, José Marques de. Jornalismo feminino: a representação da mulher moderna. In: _____. *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Comunicação) cap. 10.

MONTEIRO, Dalva Maria Silva. *A ficção em revistas femininas do século XIX: Machado de Assis no Jornais das Senhoras e em A Estação*. 1º relatório científico de pesquisa da FAPERJ, pesquisa Literatura e imprensa. Pontífica Universidade Católica, orientação: Maria Helena Vicente Werneck, janeiro de 1991. (mimeo.)

MOREIRA, Sônia de Sousa. *A ficção em revistas femininas do século XIX: Machado de Assis no Jornais das Senhoras e em A Estação*. 1º relatório científico de pesquisa da FAPERJ, pesquisa Literatura e imprensa. Pontífica Universidade Católica, orientação: Maria Helena Vicente Werneck, março de 1992. (mimeo.)

SCHWARCZ, Lilia. Eram os franceses missionários? 1808: A Corte chegou! Uma guinada no destino do Brasil. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, edição especial, ano 3, nº 28, janeiro de 2008, p. 66-69.

ANEXOSANEXO I – Transcrição do editorial de *A Estação* de 15 de janeiro de 1979

Aos nossos leitores

Começa com este número o oitavo ano do nosso jornal, e foram tantas as provas de animação dispensadas a esta empresa, desde o começo, pelo respeitável público em todo o Império, que afinal, vemos os esforços constantes, as lutas de sete anos, prestes a serem coroadas do mais feliz êxito e cada vez mais nos aproximamos ao fim a que desde o princípio nos propusemos: criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica, que deseje trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época.

Acabamos de folhear a coleção completa dos números publicados sob o título **La Saison, edição para o Brasil**, e não é sem experimentarmos um intenso sentimento de satisfação que vimos as provas do pouco que temos feito, mas que muito foi, para atingirmos ao alvo que almejávamos.

Às nossas amáveis leitoras, àquelas principalmente que nos acompanham desde 1872, perguntaremos: cumprimos nós fielmente o nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau de elegância a que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade, incutindo ou fortificando-lhes o gosto para o trabalho e moralizando a família a que, por seu turno, saberão incutir sentimentos iguais?

O exame imparcial, que poderão fazer as nossas leitoras, dar-lhes-á a prova dos esforços que fizemos para agradar-lhes.

Antigamente a moda apenas mudava duas vezes ao ano. Em Paris, apareciam em outubro as pelúcias, os vestidos escuros, as fazendas de lá, os chapéus de veludo, e ao aproximar-se a Semana Santa ideavam-se novos toucados, vestuários ligeiros e cores alegres. O que daí resultava para nós era o ridículo, visto como quem queria trajar no rigor da moda tinha forçosamente de morrer de calor em janeiro e constipar-se em junho.

Hoje felizmente a moda, mesmo em Paris, altera-se de dia para dia; constantemente aparecem novas criações, variadas combinações, as quais pelo seu grande número e variedade, posto que sempre imaginados em estações contrárias, fornecem elementos para que, aplicadas com inteligência, possamos aqui trajar na última moda fugindo do contra senso.

O jornal de modas brasileiro pois, que outrora seria uma impossibilidade, é possível hoje.

A Estação será o primeiro jornal nesse gênero.

Continua a nossa folha, como até agora, no que diz respeito à parte das modas. Claro está que essa parte forçosamente parisiense só poderá colher os seus elementos na capital da moda. Ainda encontrarão as nossas leitoras nas nossas páginas pesados mantos no verão e *toilette* leves no inverno, porém junto a isso, que não podemos eliminar sob pena de não mais reproduzir a moda parisiense,

encontrarão também todas as explicações que lhes indicarão os meios de tirar alguma vantagem desses objetos, conformando-se com as exigências do nosso clima.

Por esse lado continua o nosso jornal a ser parisiense. Por outro lado, porém, na parte agradável e recreativa, decíamos torná-lo nosso, e assim o fazemos.

Confiemos a parte literária da Estação a pessoas de reconhecida habilidade, e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que especialmente para o nosso jornal a escreveu e cuja coroa brilhante vai, por este motivo, adquirir mais um luzido florão.

A parte do jornal, que hoje indevidamente ocupamos com estas observações, pertence à nossa redatora parisiense, que depois de nos dar a explicação minuciosa de todas as gravuras e moldes publicados na folha, aqui resumirá em breves palavras os fatos da moda na sua metrópole.

Uma senhora, que se acha em contato imediato e constante com a sociedade elegante e escolhida dos nossos salões fluminenses, dignou-se de tomar o encargo de quinzenalmente contar às nossas leitoras como são interpretadas pelas nossas belas patrícias os preceitos da elegância dos salões do *fauburg* St. Honoré.

Escolheremos, no que de melhor se publicar nos jornais de senhoras mais acreditados na França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra aqueles artigos cujo assunto possa interessar às nossas leitoras, cuidado esse também a cargo de pessoa muito experimentada, cuja colaboração tivemos a fortuna de adquirir.

As nossas leitoras sabem se temos sido cumpridores das nossas promessas; continuem-nos o seu favor, digne-se cada uma delas recomendar, às vezes, A Estação às suas amigas, como se pode recomendar um conhecido em quem se confia, que nós, cônscios da nossa dívida de reconhecimento, saberemos patentear-lo.

OS EDITORES

(MOREIRA, 1992: 5-6. Grifo do autor)

ANEXO II – Quadro de conteúdo da seção Litteratura de *A Estação*, em 1888

15 de janeiro	Quincas Borba	romance
	O sonho (Variedades)	conto
31 de janeiro	Quincas Borba	romance
	O sonho (Variedades)	conto
15 de fevereiro	Quincas Borba	romance
	O sonho (Variedades)	conto
	Argos (Contos)	conto
29 de fevereiro	Quincas Borba	romance
	A vida	poema
	Uma ingênua	conto

15 de março	Argos	conto
	Lady-Brassey	obituário
31 de março	Quincas Borba	romance
	Correspondencia	respostas aos leitores
15 de abril	Quincas Borba	romance
	Os sinos da tarde	poesia
30 de abril	Rogério Brito (Contos)	conto
	Machado de Assis	editorial
	Dantes e hoje (Poesia)	poesia
	Correspondencia	respostas aos leitores
15 de maio	Correspondencia	respostas aos leitores
31 de maio	Quincas Borba	romance
	A Estação	editorial
	A abelha	poesia
	Rogério Brito	conto
15 de junho	Entre estrelas	conto
	O imperador Guilherme	perfil
	A almanjarra	editorial
30 de junho	Entre duas valsas	conto
	A lágrima que cai	poesia
	Parizina	conto
15 de julho	Era uma vez um rei...	conto
	Arthur Azevedo	notícia
	A toalha de crivo	conto
	No álbum de um noivo	poesia
31 de julho	Era uma vez um rei...	conto
	Soldado bravo	poesia
	A toalha de crivo	conto
	A vingança dos passaros	poesia
	Correspondencia	respostas aos leitores
15 de agosto	Versos	conto
	Uma festa do trabalho	notícia
	Correspondencia	respostas aos leitores
	Num leque	poesia
31 de agosto	SS. MM. IPERIAES	editorial
	Questão de carro	conto
	Fugitivo do amor	poesia
	Correspondencia	respostas aos leitores
15 de setembro	Mulher é o diabo	conto
	O imperador Frederico III	perfil
	Ave Maria	poesia
	Correspondencia	respostas aos leitores
30 de setembro	Chovendo	conto
15 de outubro	Paixão e paixão	conto
	Guilherme II	perfil
31 de outubro	Quincas Borba	romance
	Correspondencia	respostas aos leitores
	Sem título	Aviso aos interessados em

		anunciar produtos no jornal
15 de novembro	Quincas Borba	romance
	A sombra	poesia
30 de novembro	Quincas Borba	romance
	Reforma de assignatura	aviso
	Correspondencia	respostas aos leitores
15 de dezembro	Quincas Borba	romance
	As nossas casas	crônica
	Reforma de assignatura	aviso
	A cruz do amor	poesia
	Industria nacional	editorial
	Correspondencia	respostas aos leitores
	Quincas Borba	romance
	Bibliographia	comentário sobre livros

ANEXO III – Editorial de *A Estação* sobre a abolição da escravidão**A ESTAÇÃO**

A Estação congratula-se especialmente com as suas leitoras pelo grande acto de treze de Maio, a Lei que aboliu a escravidão no Brasil. Essa lei de justiça implica também um sentimento de caridade, e a caridade é o característico da alma feminina, mormente na brasileira.

Sim, desde o dia treze de Maio de 1888 não ha escravos no Brasil. A alegria publica e as festas, que duraram oito dias, mostram bem que o Brasil não almejava outra coisa mais ardentemente. De toda a parte vieram noticias de regosijo nacional. Tudo isto é velho para as nossas leitoras.

A nossa folha, que, no que respeita ao principal dos seus objectos, não tem direito de ser modesta, antes se deve considerar uma especie de *Monitor* no Brasil, não sente a mesma coisa em relação a acontecimentos de ordem politica e social. Para esses, outros são os órgãos principaes e mais ouvidos. Mas uma coisa é a auctoridade, outra é o sentimento. Não compartimos a auctoridade publica dos jornaes de outra especie; mas o sentimento nacional é de todos, e ahi o nosso logar é entre os mais ardentes.

Por um encontro de circumstancias, visto que o Imperador está ainda na Europa, foi Sua Alteza Imperial a Senhora D. Isabel que assignou a Lei de treze de Maio. Outro motivo de regosijo particular para as senhoras brasileiras, que vêm assim a primeira d'entre ellas honrar o sexo, dando impulso a uma acção liberal e christã, resgatando a injustiça de seculos com uma simples pennada de ouro.

Naturalmente nem tudo serão flores e risos na nossa patria; ha de haver lagrimas e padecimentos. Mas ainda se não destruiu um mal sem dores. Esperar que este podesse eliminar-se sem abalo era esperar a morte do ultimo escravo, e uma tal politica não tinha sequer originalidade, porque a propria natureza a inventou. O que é certo, porém, é que as dores serão menores que os terrores, e menos geraes; e que a compensação virá em tresdobro. Se agora ha alguem que se esquivae ao prestimo nacional, dia virá em que ninguem faltará a elle.

Está a patria livre: esta é a verdade do momento. Não era livre antes, quando uma multidão de homens vivia dominada por outra. A escravidão era uma excepção. Não faltou quem dissesse uma lepra, e disse bem. Curada a lepra, eliminado esse principio de corrupção do organismo nacional, é de crer que vamos agora viver outra vida. Honra a este final de

seculo, que não se consentio ao sol do seculo XX a vergonha de alumiar um povo christão e honrado, com essa mancha negra do escravo. Honra aos homens resolutos que puzeram hombros á solução legislativa da questão. Honra aos que a votaram logo. Honra aos que trabalharam por ella desde annos. Honra, finalmente, á graciosa Senhora, que a natureza e a Constituição puzeram á testa da nação brasileira, para gloria sua e nossa. (*A Estação*, 31 maio 1888: 60)

ANEXO IV – Crônica de Julia Lopes D’Almeida para *A Estação***AS NOSSAS CASAS****O LAR**

No meio das diversidades da vida, nas diffíceis passagens do mundo, quando na luta das paixões, no turbilhão entontecedor dos pensamentos nos sentimos desfallecer e cahir, uma ideia suave penétrea em nosso espirito, um sentimento salvador nos anima se olhamos com atenção para essa causa tão simples e tão bella, tão moral e tão santa, – a nossa casa, refugio sagrado em que não ha mysterios e onde inteira a nossa alma se reflete. O tecto que nos cobre é um tecto amigo, as paredes que nos resguardam das intempéries parece-nos sorrirem, quando cançadas as avistamos de longe, criamos amisade ás janellas onde nos encostámos e temos as nossas flores, junto ás quaes nos sentamos a lêr nas tardes de verão, á luz do sol que se occulta além, dourando as ramarias dos jardins e os telhados dos edificios da cidade. Semelham-se-nos vivas as mais inanimadas cousas, desde que as vejamos e com ellas lidemos dia a dia; e a pouco e pouco, quasi insensivelmente, affeçoamo-nos a tudo que de perto nos rodeia.

Só se comprehende, verdadeiramente bem esta amisade quando se faz uma viagem. Então as saudades envolvem as nossas recordações colorindo-as de umas côres mysteriosas, doces; o objecto mais insignificante apresenta-se claramente ao nosso espirito, a memoria subita ou lentamente vae-lhe debuxando todos os contornos, traço a traço, até surgir n’um relevo palpavel, vivo, ao nosso olhar saudoso.

O jardim é pequeno? Que importa? É o nosso, onde plantámos roseiras, semeámos cravos, onde colhemos violetas e entretecemos as hastes de um jasmineiro com desvellado interesse, estimámos aquelles canteiros e olhámos com ar protector para as plantas todas. A nossa sala, carinhosamente enfeitada, faz-nos lembrar umas deliciosas horas rapidamente passadas, ouvindo amigos ou lendo um bom livro em commum. E o gabinete de estudo, onde a sévera forma do nosso piano se destaca sem desharmonia das dos outros moveis... e o quarto, com a sua larga janella florida a descortinar um panorama alegre... e o padrão dos papeis, a esteira do assoalho, as rendas das cortinas, a caixa de costura junta á machina de Singer, n’um recanto da sala de jantar, entre o frescor das moringas vermelhas e o gorgear dos canarios contentes... tudo, enfim, tudo vem estampar-se no nosso pensamento infiltrando-nos na alma uma leve e suave melancholia.

Infeliz d'aquelle que não sentir saudades do seu lar, do seu cantinho amigo e íntimo, em que vive sinceramente, onde expande o espirito, contrafeito muitas vezes lá fóra, no labor árduo da existencia, onde repousa das batalhas da vida, fortalecendo-se para novas luctas!

A casa, que é para o homem um ponto de paragem, é para a mulher um ponto de partida. Elle, casando-se, pensa no descanso proprio, na tranquillidade de espirito, na cessação de amores faceis e despezas inuteis, n'uma serenidade grande, absoluta, alegráda pelas caricias e os cuidados de uma companheira solícita e amavel. Ella, ao contrario, ensaia-se para a actividade e o zelo, rejubila-se imaginando que hade educar, criar, que a sua vida, deslisada até então nas doçuras descuidosas da vida solteira, se tornará numa fonte de consolações perénnes, espargindo sobre os que rodearem venturosas benções!

Se o esposo tem o encargo material de sustentar a casa, (tantas vezes desanimador e arduo!) ella o compensará dessa lucta fatigante, sustentando-a moralmente, com a lucidez do seu criterio, e a dedicação da sua alma. Quando não haja desde o primeiro dia unidade de genios e bôa harmonia, ellas virão mais tarde, logo que se respeitem e mutuamente se perdoem as pequeninas falhas, que a convivencia vá descobrindo de parte a parte, e modifiquem, com o poder da vontade, um outro defeito, uma ou outra discordancia, até á identificação dos pensamentos e completa confiança no amor.

Geralmente, o homem pensa em ter familia ao sentir-se cansado do seu viver de solteiro; a mulher não: ter casa é o sonho que nasceu com ella.

Olha-se com attenção para duas crianças que brincam: elle, o pequeno falará em cavallos, trombetas, espadas, tambores, e a corneta de caça soará pelos cantos n'umas arias atroadoras e desesperantes; a irmã não: todos os seus gostos tendem para a vida domestica, move as bonecas, fal-as dizer umas coisas naturaes e simples, mesmo como quem está a conversar em familia: discute o preço da carne, é lavadeira agora, engomadeira d'ahi a nada, e cosinheira mais tarde; é ama, muda roupa ás criancinhas e fal-as dormir n'um berço improvisado em cartas de jogar ou caixinhas de phosphoros; cose, talha; exerce todas as profissões, da mais activa á mais pobre e humilde!

Quando o menino cresce tem o lyceu, o collegio, a universidade, a vida turbulenta a distrai-o e absover-lhe o espirito; a menina que, se esteve separada foi por pouco tempo, continua a ter sempre, como theatro de todas as suas paixões, o lar.

Filha, caminha alegremente, farfejada dos mais ternos mimos, vendo um futuro brilhante, arrastada pelo poder da mocidade, cheia de enthusiasmos e de esperanças, acariciando os paes ao calor dos seus beijos, fazendo-os proseguir cautelosamente nas custosas trilhas da existencia, prolongando quanto lhes seja possivel a vida porque um rapaz

ainda póde ficar só, mas para uma menina todo o cuidado é pouco. Como esposa, compartilha tristezas e alegrias, e acha nada todos os sacrificios ao sentir-se amada; mãe... se eu pudesse dizer o que é a minha valeria um thesouro o meu escripto! mãe!... entrega-se gostosamente ao amor dos filhos, vive para elles, abrindo-lhes o coração como um cofre inexgotável de bens! E nessas transições, nessas passagens naturaes da existencia, acrysóla-se, aprofunda-se, engrandece-se o amor da nossa casa!

Ha, desgraçadamente, quem não a comprehenda; e muitos infelizes que não acharam n'ella a realisação dos seus sonhos!

Para que o lar seja aprazivel, risonho, ninho de bem estar, de socego e de calma, é preciso a base do amor nos seus chefes, a consolidação e a franqueza dos seus sentimentos, a delicadeza da educação ou a bondade natural dos seus caracteres. Desde que um delles falte ao dever, ou fuja á consagração da paz nesse altar; tudo se desmorona, ficando uma ruina indifferente, desagradavel, fria, do que deveria ser para sempre um sanctuario de prosperidades e venturas!

A casa, sobre tudo para nós mulheres, que nella encerrámos todos os nossos cuidados, é o erário da nossa felicidade, e a base da moral social; veneremol-a, pois é nella que encontrámos os mais sinceros afagos, onde ouvimos vozes amigas, risos animadores; onde ao cahirmos prostadas pela doença sentimo-nos desveladamente tratadas, onde as nossas gargalhadas tem um echo, e as nossas maguas um consolo! E', portanto, nella que nos deve chegar menos dolorosamente a velhice, vendo surgir em torno a nós a vida do futuro nas doiradas cabeças dos netinhos graciosos, compensadores de quanta dôr soffrer a avó, ou de quanta rabugice tiver a tia velha que ficou solteira...

Julia Lopes D'Almeida.

Rubião pensa em se casar, não se sente completo

LXXXVI

Sim, leitor profundo. A vida de Rubião carecia de unidade. Sem o perceber, o que elle buscava no casamento era a unidade que a vida não tinha. Sentia-se disperso e confuso; era como um morador de hospedaria, que passa, que está aqui dous dias, acolá quatro; tem de visitar hoje um museo, amanhã, uma ruína, para a semana outra cidade. Não convive, não mora; falla ao inglez, ao francez, ao italiano, ao allemão, ao russo, a toas as nações, de todas as maneiras, a pé, de carro, fumando, comendo.

Mas, ainda assim, a vida pode ter unidade, – ou na alma ou na situação do homem. Nem a situação nem a alma do nosso homem estava em tal caso. A vida partira-se-lhe. Vivera mais de metade em outro logar, com outras gentes, outros meios, outros horizontes. Não tinha aqui familia; as relações eram de acaso e recentes, não cimentadas pelo tempo nem explicadas por outras causas mais intimas e profundas. Nenhuma fallava da existencia anterior. Também não fallava della nenhuma cousa da cidade, um marco de pedra, uma esquina, uma loja, – uma botica velha que fosse, – nada lhe trazia á memoria um passo da adolescencia ou da mocidade.

A alma era a mesma cousa. Não achava equilibrio nem alimento em si propria. Acabára o alvoroço dos primeiros tempos. A solidão, que é para outros uma janella aberta, era para elle carcere fechado. A casa, a despeito do luxo, estava núa. Dahi o ruido externo, a dispersão, os theatros sem prazer, as visitas desnecessárias, os jantares a miudo, os amigos de transito, enxame que se renovava trimestralmente, variado sempre, desde o negociante quebrado até o rapaz vadio. O rapaz lia-lhe sonetos, o fallido desvendava-lhe os mysterios do commercio, ambos pediam-lhe dinheiro, nenhum o restituia.

Rubião, ás vezes, com saudades de Minas, recompunha a existencia obscura de outro tempo. Obscura, não, senhor; era muito mais notoria que a actual, que se perdia na multidão de tantas vidas. Era simples, limitada ao pouco, mas igual a si mesma e estavel; entre o homem e o meio existia communhão de ideias, de reminiscencias, de amor ou de aversão, de nojo ou de alegria, – de habitos, ao menos. Lá, um trecho de rua ou um retalho de phrase accordava em toda a gente a lembrança do mesmo successo ou pessoa. Cá tudo era novo; nada fazia sentir nada.

Crê, leitor, tal foi a origem secreta e inconsciente da ideia conjugal. As outras explicações são boas, por serem razoáveis e até honestas, mas a verdadeira e única é a que aqui fica. Crê ou fecha o livro. Assim, por exemplo, se o próprio Rubião dissesse que o casamento era um modo de calafetar o capital que abria água, podes aceitar essa explicação, não como causa, mas como efeito. Em verdade, elle gastára muito, ia gastando, contribuía para uma folha politica, divertia-se á larga, fazia mimos e empréstimos. Celibato não é incompatível com economia; mas Rubião não tinha força nem vontade; talvez o casamento lhe desse o segredo de viver com parcimonia, – ou tento, pelo menos.

Isso, porém, era puro efeito do acto. A causa era a que ficou dita. O matrimonio enfeixaria os esforços, recolheria em si o homem disperso, embora elle não soubesse nada dessa causa verdadeira e unica. Que sabe a aranha a respeito de Mozart? Entretanto, ouve com summo gosto a guitarra e o piano.

(Continúa) (*A Estação*, 31 jan. 1888: 5-6)

Rubião visita Freitas, um amigo sem muitas posses

LXXXIX

Felizmente (ha também um deus para os enojados) felizmente lembrou-lhe que o Freitas estava á morte, na Praia Formosa, onde residia. Rubião chamou um tilbury e foi visitá-lo.

Achou-o estirado em uma cadeira baixa, magro, pallido, com a barba crescida, os olhos meio mortos. Padecia de uma lesão do coração; dias antes foi accommettido de uma congestão pulmonar. Tinha sobre os joelhos um lençol, para esconder as úlceras das pernas inchadas. Uma das mãos, a direita, também estava ferida. Foi com a esquerda que elle apertou a do Rubião, espeitorando estas palavras:

– Como vae? Eu vou melhor, muito melhor. Para que se incomodou? Tenho-me lembrado das suas rosas... bonitas rosas, mamãe; e dos charutos também. Já não fumo, sabe? Deixei por ora o tabaco. Bonitas rosas, rosas vermelhas, brancas, amarellas...

Os olhos do doente foram parando no ar; a palavra ensurdecia-se-lhe.

– Solo... melhor solo... Dou só duas vasas, tres, uma em copas... Sete, capenga... Sim, prefiro um abacate...

Em seguida, exaltou-se um pouco, fallou da guerra do Paraguay, do duque de Caxias, inclinou a cabeça e fechou os olhos. Respirava a custo. A mãe, – uma triste velha magra e pequenina, que estava ao pé delle, – levantou os olhos medrosos para o Rubião, como a pedir-

lhe desculpa do delirio do filho. Depois, pé ante pé, foi buscar uma cadeira e offereceu-a á visita. Rubião, sentou-se, relanceando a vista pela sala; era pobre, os trastes desiguaes, muito usados e poucos. O chão estava gretado; o caio das paredes encardido.

Fez-se, durante alguns minutos, triste e profundo silencio, apenas interrompido por uma quitandeira, que passava fóra, apregoando com toda a força de pessoa sadia: “– Vae cheiro! vae abobora! vae tomate!” Afinal o doente acordou do torpor; ergueu a cabeça devagar, levantou a mão direita até á altura dos olhos, para mirar a ferida, coberta por um atilho de panno preto; em seguida, fallou outra vez ao Rubião, perguntou-lhe como estava, nomeou varios conhecidos de ambos. A mãe pediu licença; foi dar uma vista á panella.

– Já volto Chiquinho, disse ella ao filho.

Viviam sós os dous; á noite vinham alli ficar um velho compadre da mãe, revesando-se na vigilia, hoje um, amanhã outro. O mais estava a cargo della, cosinhar, lavar a roupa, curar as ulceras do doente, dar-lhe os remedios, e chorar pelos cantos. Antes da molestia do filho, trabalhava para fóra, e comia com isso, porque a casa era delles, resto da antiga mediania, que ella não consentiu nunca em alienar. Agora fazia dividas.

Rubião não tinha repugnancia á pobreza; achou-lhe até um sabor mysterioso, entre doce e amargo, – como a saudade do poeta; – lembrava-lhe tempos idos, e pode ser que bons tempos. A doença é que lhe dava asco; era tão natural estar de saude! Contudo, olhava para o enfermo, que ora cochilava, ora dizia alguma cousa, direita ou torta. Quando era direita, entretinha, porque o doente, apezar do coração e das pernas, trazia ainda a nota jovial. Contava anedoctas, ditos, com allusões brejeiras. A mãe, voltando á sala, fez suspender certas reminiscencias; mas o delirio tornou, trabalhado por essa ordem de ideias, e foi por ellas abaixo; a velha recolheu-se á cosinha. Quando estava só, não podia fugir, escutava tudo, obscenidades grossas, nomes crús, toda a lama pôdre da vida; e, por maior que fosse a vergonha, preferia ouvir-lhe isso a ouvir-o gemer.

Veiu o medico, examinou, perguntou, recomendou, comprimontou e saiu. Freitas a custo deixou-o sair; nessas occasiões a vida impunha-se-lhe violentamente, e elle pedia a saúde, como se pede um emprego ou uma joia. A mãe deu-lhe a dose do remedio, que elle bebeu sofrego e confiado, e era um palliativo; durante muito tempo esteve sem fechar os olhos.

– Elle come? perguntou Rubião.

– Come, não come muito, respondeu a velha limpando o suor do queixo com a ponta do avental de chita.

– Como, como, affirmou o doente.

Rubião consultou o relógio; era hora e meia. Começava a fazer calor.

– Onde vae? espere um pouco, disse o Freitas. Rubião inclinou-se, poz os braços sobre os joelhos, e respondeu que tinha negocios; mas o outro riu dos negocios; naturalmente, eram moças bonitas ou receber os juro das apolices. Grandes negocios; em verdade, eram os unicos valiosos deste mundo e do outro... Aqui fez-se muito serio; Rubião não viu a mudança do gesto, e endireitou o corpo, disposto a esperar ainda meia hora para não chegar cedo de mais ao centro da cidade. Essa outra parte do tempo não correu facil; mas enfim passou, e foi mais além, porque, quando elle consultou outra vez o relógio, eram duas horas e dez minutos.

– Agora vou, adeus.

Freitas não respondeu, dormia. Rubião levantou-se devagarinho, a velha tambem, e foi abrir-lhe a porta. Antes de sair, depois de um instante de silencio:

– A senhora hade ter tido grandes difficuldades de dinheiro, disse Rubião; e, vendo-a morder o beijo e baixar os olhos: Não se envergonhe; necessidade afflige, mas não envergonha. Eu o que queria era que a senhora aceitasse alguma cousa que lhe vou deixar para acudir a despeza; pagará um dia, se puder...

Tinha aberto a carteira, tirou seis notas de vinte mil reis, fez um bolo de todas ellas e deixou-lh'o na mão. Abriu a porta e saiu. A velha, espantada, nem teve alma para responder; ao ouvir o movimento do tilbury, ainda abriu a janella, mas o tilbury ia andando; ella ficou a olhar attonita.

(*continúa.*) (*A Estação*, 29 fev. 1888: 13-14)

Passeio de Rubião a um bairro pobre da cidade

XC

[...] Entretanto, a praia ia mudando de aspecto; de quando em quando, interpunham-se casas edificadas á beira d'agua. A's vezes, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo, ou na terra, fundo para o ar. Em dous logares viu meninos brincando ao pé das canoas, em camisa e descalços; viu até um homem ao pé delles, de barriga para baixo, como as canoas. As casas de ambos os lados eram modestas e deseguaes, algumas enterradas no chão. Pareciam feitas para os meninos da praia; elles eram magros e amarelllos, e as casas, com um pouco de exorço da imaginação, eram igualmente amarellas e magras.

O melhor, porém, é que, a despeito da má côr e das carnes chupadas, os pequenos riam tambem, como as ilhas de ha pouco. Um ria mais que os outros, porque não acabava de fixar no chão o pé do homem que estava de barriga para baixo. Era um pecurrucho de tres annos;

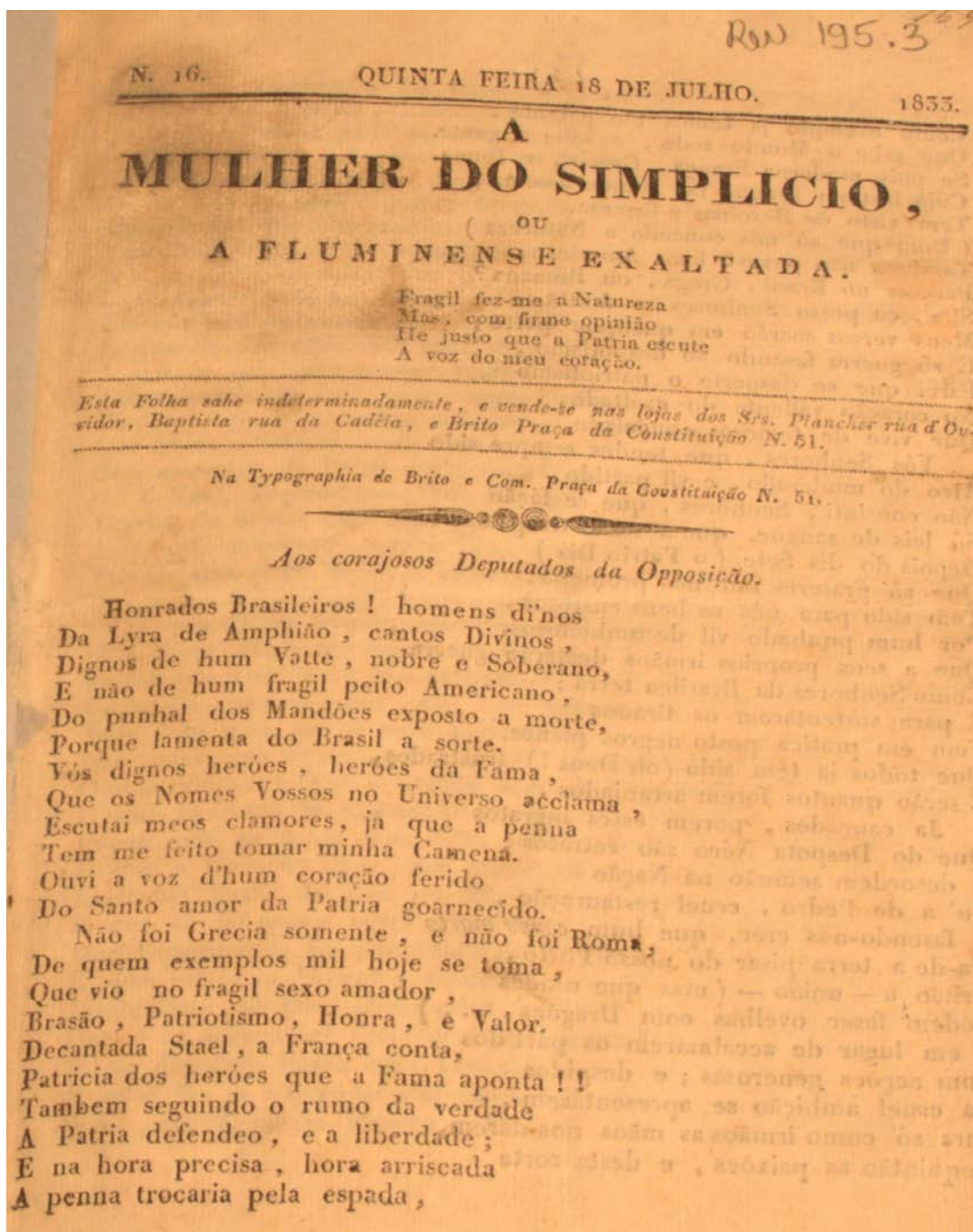
agarrava-se-lhe á perna e ia-a estendendo até nivelal-a com o chão, mas o homem fazia um gesto e levava pelo ar o pé e o menino.

Rubião deteve-se alguns minutos deante daquillo. O sujeito, vendo-se objecto de attenção, redobrou o exforço no brinco; perdeu a naturalidade. Os outros meninos mais edosos detiveram-se a olhar para elle espantados. Mas Rubião não distinguia nada; confusamente tudo aquillo e outras muitas cousas.

Andando, levou a visão consigo. Foi ainda a pé durante largo tempo; passou o Sacco do Alferes, a Gamboa, a Saude. Viu ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, beccos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, com suas grossas varandas de columnas, lembrando construcções do interior. E tudo isso lhe dava uma sensação de nostalgia... Pelo amor de Deus, não lhe atribuam nenhuma corda poetica.

Não, não. Se o nosso amigo disse algumas cousas bonitas, naquella noite no morro de Santa Thereza, é porque ha uma poesia que todo homem pôde sentir ao pé das mulheres; vulgar, convenho, mas que ha mais vulgar que os *bons-dias*? A não ser essa poesia não sei que outra podesse elle sentir, salvo a dos lenços marcados. Era uso burguez e popular, alli por 1850, metter quadrinhas nos lenços, a ponto de marca, um verso em cada lado, com uma flor ou um coração, ou qualquer cousa que indicasse onde começava a estrophe. Onde vae esse costume? Talvez expire em alguma villa interior... Poesia chilra, mas ingenua.

Não, não. A nostalgia do nosso amigo não era poetica nem profunda; não trazia nada daquella melancolia, que um classico lusitano chamou dos sabedores, e uma princeza qualificou de sentimento de almas patricias, – *des âmes bien nées*. A quem é que não nasceu bem a alma, Deus de justiça? Ao nosso Rubião, cujo sentimento era pura e simplesmente a nostalgia do farrapo, da vida escassa, acalcanhada e sem vexame; era, nos proprios termos, a visão da liberdade perdida. Que o luxo possa opprimir, e o superfluo chegue a enfastiar, cousa é de difficil comprehensão; nem eu estou agora para explicar, senão para narrar. Explicai-vos uns aos outros, dizei isto ou aquillo, tudo ou nada, mas deixai que vos conte onde é que elle tornou a entrar no tilbury, para onde foi e o que fez. (*A Estação*, 31 mar. 1888: 21-22)

ANEXO VI - Primeira página de *A Mulher do Simplicio*

N. 2.)

DOMINGO 11 DE SETEMBRO

(1859.

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO.—Aquarellas, Os fanqueiros litterarios.—Romanço, Amor de mãe.—Amor e morte (lenda).—As cabelleiras.—Revista dos theatros.—Poesias, O pranto da innocencia.—O retrato de Corina.—Chronica elegante.—Noticias á mão (Chronica da semana).

Aquarellas.

I.

OS FANQUEIROS LITTERARIOS.

Não é isto uma satyra em prosa. Esboço ligeiro apanhado nas projecções subteis dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do typo a que chamo em meu fallar secco de prosador novato — fanqueiro litterario.

A fancaria litteraria é a peor de todas as fancarias. E' a obra grossa, por vezes mofada, que se accomoda a ondulações das espaldas do paciente freguez. Ha de tudo nessa loja manufactora do talento — apezar da raridade da tela fina; e as vaidades sociaes mais exigentes podem vasar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente re-tumbantes.

A fancaria litteraria poderá perder pela elegancia suspeita da roupa feita — mas nunca pela exiguidade dos generos. Tomando a taboleta por base do syllogismo commercial é infallivel chegar logo á preposição menor, que é a prateleira guapamente atacada a fazer cubica ás modestias mais insuspeitas.

E' um lindo commercio. Desde José Daniel o apostolo da classe—esse modo de vida tem alargado a sua esphera — e, por mal de peccados, não promete ficar aqui.

O fanqueiro litterario é um typo curioso.

Fallei em José Daniel. Conheccis esse vulto historico? Era uma excellente organização que se prestava perfeitamente á autopsia. Adélo am-

bulante da intelligencia, ia *farto como um ovo*, de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfiado de suas lucubrações litterarias. Não se cultivava impunemente aquella amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Pharsalia hebdomadaria das bol-sas mal avisadas.

A audacia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco airosas, levava o atrevimento ao ponto de satyrisar os proprios freguezes — como em uma obra em que embarcava, diz elle, os tolos de Lisboa para uma certa ilha; a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. E' positiva a applicação.

Os fanqueiros modernos não vão á feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de applicação moral contra os costumes. A vereda é outra; explora-se as folhinhas e os pregões matrimoniaes e as odes chovem em louvor deste natalicio ou daquelles desposorios. Nos desposorios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitolio.

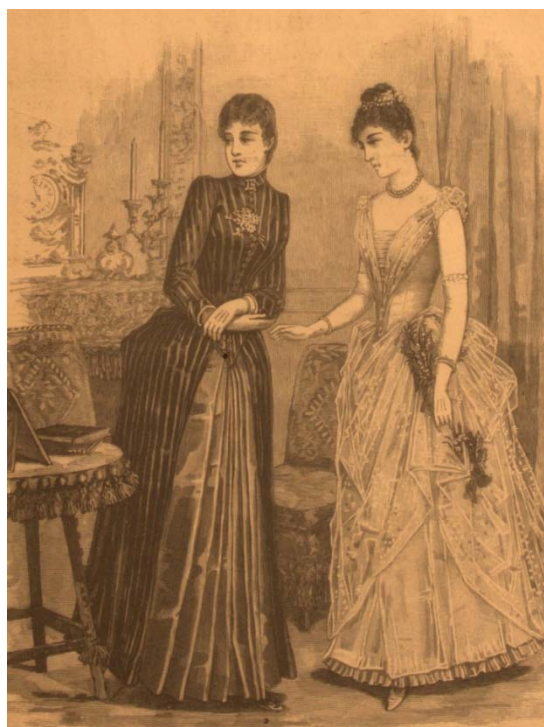
Desposorio, natalicio ou baptisado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração ás musas fanqueiras. E' um eterno *genesis* a referver por todas aquellas almas (*almas!*) rescendentes de zuarte.

Entretanto esta calamidade litteraria não é tão dura para uma parte da sociedade. Ha quem se julgue motivo de cuidados no Pindo — assim com pretensões a semi-deus da antiguidade; e um soneto ou uma allocução recheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça — sempre eriga os collarinhos a certas vaidades que por ahí pululam — sem tom nem som.

Mas entretanto — fatalidade! — por muito consistentes que sejam essas illusões cahem sempre diante das consequências pecuniarias; o fanqueiro litterario justifica plenamente o verso do poeta; *não arma ao louvor, arma ao dinhei-*

ANEXO VIII – Primeira página de *Jornal das Famílias*

ANEXO IX – Imagens do universo doméstico de *A Estação*



As imagens foram publicadas em (no sentido horário): 15 de fevereiro; 31 de março; 30 de abril.



Imagens publicadas em (no sentido horário): 31 de dezembro; 30 de junho; e 15 de agosto.

ANEXO X – Práticas de leitura nas imagens de *A Estação*



As imagens foram publicadas (no sentido horário): 15 de abril; 29 de fevereiro; e 31 de agosto.

ANEXO XI – Anúncios em cores de *A Estação*





Anúncios publicados em (no sentido horário): 15 de janeiro; 15 de fevereiro; 15 de janeiro; e 15 de abril.

ANEXO XII – Exemplar completo de *A Estação*



A ESTAÇÃO

JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA

31 de Maio de 1888

XVII^o Anno

N^o 10

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

EDITORES-PROPRIETARIOS:
H. LOMBAERTS & COMP.

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

CORTE, um anno 12 \$000
PROVINCÍAS, um anno 14 \$000

Agencia Geral para Portugal:
LIVRARIA ERNESTO CHARDRON
Lagos & Gendrons — successores — Porto

CORTE, seis meses 7 \$000
PROVINCÍAS, seis meses 8 \$000

CHRONICA DA MODA.

As Paquitos são de todas as mulheres do mundo as que se conformam com mais tacto as exigencias da moda.

Adoptam facilmente a physionomia geral do traje mas não dão attenção a esses diversos detalhes accessorios a importancia assignada que se lhes attribue algumas vezes em outras latitudes.

A moda não é nunca absolutamente muda e inflexivel, o gosto e as conveniencias pressao, tem uma grande parte na escolha e na applicação dos diversos generos e modelos de toaletes e seus accessorios.

Não ha um só chapéu de verão a não ser a minuciosa espolha, que não seja grande, minuciosamente grande, com pala e copo elevados, mas ha simultaneamente uma grande variedade nas diversas formas que cada qual escolhe adequando a sua toalette, ao seu pensamento e que se modificam incessantemente em mil formas diferentes.

Dizem entre tanto dos chapéus conhecidos sob a denominação impropria de chapéus redondos; todas as formas estão em moda, as copas são geralmente um pouco mais baixas, mas as outras namoram ainda assim como as altas largas ou estreitas, variadas, levantadas etc.

Cada qual escolherá segundo o seu gosto e as suas preferencias pessoais desde o gorro até ao grande chapéu italiano, inteiramente direito collocado átraz da cabeça ou na frente ad libitum.

Se nos disserem que uma forma faz fôrça, não acreditae; a informaçao é errada e exagerada; nada faz fôrça.

A forma tão graciosa adoptada de algum tempo para os vestidos das nossas crianças varia pouco.

Quanto á disposiçao geral a mesma, a qual se pode somar a uma variedade.

O ponto importante é com effeito, dar á criança o livre exercicio dos seus movimentos, e não contrariar nem impedir a sua desenvoltura nem o seu desenvolvimento physico com trajes estreitos e apertados.

Por isso o mesmo modelo conhecido de todas as mães com numerosas modificações a quasi exclusivamente adoptado para o costume sobre um ferro ajustado modo a formar pregas e fôrças, e a frente, os um corpo lizo, costume marujo, etc. ajustado átraz por meio de uma cintura e completado por uma faixa



1 e 2. Costume com faldas compridas. Molde: suppl., Vozes, N^o XV, fig. 77 e 84. A e O, estrellas, duplo ponto.

mentes damos neste momento uma serie de costumes ineditos esboçados entre numerosos modelos, mas entre os quaes se encontram como disse acima os mesmo types já

conhecidos que são a expressao da absoluta novidade neste genero.

Entre os tecidos de lã adoptados para este lindo costume assignalamos o voo e o cachemire leve, fazenda muito leve que se trama e um tecido de phantasia de lã ou seda estampada para os enfeites.

As mães de familia apreciarão estas lãs em que é facil tirar as noções sem risco de as fazer desbotar.

Entre os tecidos menos conhecidos eis aqui o costume de linho tão comodo, o de percale actista e para os vestidos elegantes para as meninas o failand, fazenda de seda molle e brilhante, leve e solida que se fabrica em todas as cores e em todas as generos de cores lisas.

Entretanto para estes costumes (gracia e fantasia) quer em quadros formados por riscas mais ou menos largas ou estampadas de motivos ou de florinhas de uma mesma cor, seja enfim e este genero é até aqui o mais apreciado, um enxame de minuciosos ramilhetes multicores, rosas, myosotis, flores do campo etc. sobre fundos de todos os tons e de todas as cores; o corpo e os apertados são ornados de laços de veludo de todas as cores do tecido.

Bem entendido o chapéu deve ser adequado, palha branca ou de cor, e sobretudo a palha de varias cores, mas menos mescladas do que no anno passado; vi multissimos chapéus de palha natural cuja trança não continha sendo um unico fio de uma cor, azul, cor de rosa, vermelho etc. enfeitados de fitas e com um grande laço collocado na frente ou átraz sobre a copo.

As crianças e os rapazes não usam sobretudo nos dias quentes.

Não se deve esquecer que os sobretudo de vario preservativos contra o frio não são obrigatórios como os paletots para as raparigas.

A pequena jaqueta ajustada ou semi-ajustada com uma pequena remeiza ou capuz que serve para os dias chuvosos com costume de passeio que completa é muitissimo usada.

Que poderiamos dizer mais sobre os costumes de infancia.

Qual é a mão de familia que não possue este assumpto a fundo.

Quem o estuda com mais carinho do que ella?

Façamos pois ponto aqui deixando ao gosto e ao tacto das nossas amabilissimas leitoras o cuidado de completarem o que nos não dizemos.



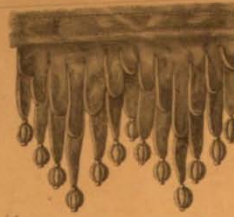
2. Costume para amazona. Molde a costas da alça: suppl., Figs. 17, 18 e 19; 1 e 2, estrellas, duplo ponto, cruz, ponto e 3; 11, fig. 19 e 20 com linha de junção, 4 e 5, estrellas, duplo ponto, cruz, ponto, 1 refugo.



12. Paletot comprido para moças de 11 a 13 annos. Molde a costas do paletot: suppl., Verso, N.º XXI, fig. 116 e 122, 1 e 2, estrellas, duplo ponto, 1 refugo.



14 e 15. Capa com romeira para criança de 2 a 4 annos. Costas do desenho 72 e 73. Molde do desenho 14: suppl., Verso, N.º 11, fig. 21 e 22, 1 e 2, estrellas, duplo ponto, cruz, ponto.



4. Enfiado para o traje. Desenho 22.

1 a 2. Costume com tunica comprida. — Molde: suppl., Verso, N.º XV, fig. 77 e 84, A e O, estrellas, duplo ponto. — Os dois modelos são de cachemir laranja e creme, a tunica diferentemente disposta; a alça do corpo e curta dividida em pontinhos atrás e a tunica ornada de pontos de pé de galinha e de ordens de pespontos de seda adequada e presa de um lado por meio de grandes botões de ornamento e no outro lado por meio de colchetes dissimulados sob fitas atadas. O corpo é alto, ajustado e o col-

lete dispõe-se sobre um ferro ajustado, fechoado no lado por meio de col-

chetes ou botões sob uma pastana. Uma linha fina indica-se: lino e lino a for-

ma do collete ou botões sob uma pastana. Uma linha fina indica-se: lino e lino a for-

ma do collete ou botões sob uma pastana. Uma linha fina indica-se: lino e lino a for-

ma do collete ou botões sob uma pastana. Uma linha fina indica-se: lino e lino a for-



13. Chapéu de palha redonda com beira voltada.

reproduz o desenho que permite apreciar as diferentes partes de molde que se tallará exactamente sobre tamanho natural. Far-se-a a saia menos comprida, mas em todo caso deixando abasto dos pés. O lado direito marca o joelho por meio de pregas, e esta parte assim como a frente formam-se de paño para reforçar o tecido. As pregas atrás são destinadas a diminuir a largura da cintura e a fig. 20 forma pontinha sobre o bico de lado. Esta saia faz-se sem cintura e a linha interrompida indica o meio da frente. As calças fazem-se da farda do costume, apertadas no joelho, botinas de couro lacadas sobre o pé, lino Derby abotoada no punho e um chapéu tradicional de seda de forma meia alta; e abas segundo a moda. O N.º II, do suppl., reproduz o molde do corpo com numerosos qua-

drados, a alça é curta, dobrada para moças de 4 a 6 annos. Molde: suppl., Verso, N.º XVIII, fig. 145, estrellas, duplo ponto.

5 a 6. Paletot com romeira para menino de 4 a 6 annos. — Molde: suppl., Verso, N.º XXVIII, fig. 145, estrellas, duplo ponto. — Os desenhos 5 e 6 mostram a frente e as costas d'este traje que se talla segundo o desenho fig. 145 do suppl., Verso da a metade da frente cruzada segundo a linha vertical e que fecha por meio de duas ordens de botões. B, a metade das costas e dos



5 a 6. Paletot com romeira para menino de 4 a 6 annos. — Molde: suppl., Verso, N.º XXVIII, fig. 145, estrellas, duplo ponto.

5 a 6. Paletot com romeira para menino de 4 a 6 annos. — Molde: suppl., Verso, N.º XXVIII, fig. 145, estrellas, duplo ponto.



10. Romeira com guiso. Costas do desenho 45. Molde: suppl., Verso, N.º VI, fig. 32 e 33, 1 e 2, estrellas, duplo ponto, cruz.

dos colletes da dupla romeira com uma costura sobre o hombro; a meia cintura presa nos dois lados, abotoada no meio atrás. O desenho 5 e 6 de paño leve lino, o desenho 6 de paño de quadriculos e ornado de numerosas ordens de pespontos; usamos com um romeira. As pontinhas dos lados tem 10 cent. de comprimento sobre 5 de largura e os canhões das mangas 5 cent. de altura.

7 a 9, 4 e 32. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.



5 a 6. Paletot com romeira para menino de 4 a 6 annos. — Molde: suppl., Verso, N.º XXVIII, fig. 145, estrellas, duplo ponto.



10. Romeira com guiso. Costas do desenho 45. Molde: suppl., Verso, N.º VI, fig. 32 e 33, 1 e 2, estrellas, duplo ponto, cruz.



dos colletes da dupla romeira com uma costura sobre o hombro; a meia cintura presa nos dois lados, abotoada no meio atrás. O desenho 5 e 6 de paño leve lino, o desenho 6 de paño de quadriculos e ornado de numerosas ordens de pespontos; usamos com um romeira. As pontinhas dos lados tem 10 cent. de comprimento sobre 5 de largura e os canhões das mangas 5 cent. de altura.

7 a 9, 4 e 32. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.

11. Romeira para senhora idosa. Molde: suppl., Verso, N.º XIX, fig. 108 e 112, 1 e 2, estrellas. — O desenho 7 mostra a frente da romeira de lã adamanteada cinzenta, com uma manga japonesa ornada de um collete adaptado de um lado.



16 e 20. Enfiado da pala para o chapéu de palha. Molde de ornamento, desenho 20: suppl., Verso, fig. 75.



22. Interior da roda para a sala.
Tela e madeira. 22 x 40. Mado: 143.
Esp. 100. X-137. Sp. 143.
Alto. 143. 143. 143.



24. Interiorido paletot semi ajustado
desenho 3/ e 31



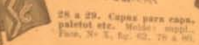
cent. de largura e 2. atrás, 4 de duas côres de palha e cercado de uma renda de palha apertadas. O desenho 81 reproduz o mesmo chapéu enfeitado. A gorta, desenhos 15, 16 e 17, são de Elandres graneis com alças de palha em toda a volta. O desenho 20 e o fig. 75 têm um chapéu para primavera de palha fina, enfeitado na frente sobre a pala muito larga de uma renda de palha apertada, e pontas de renda de fio de mesma cor. A fig. 75 superior reproduz o motivo d'este lindíssimo bordado; e o desenho 47, a desenhada.



24. Sala com tábua bordada a cordão, Costas de desenho 47. Molde e gótiço de ornamento suppl., Facs. N.º XIV, fig. 7
A 79.



26. *Fapa comprida*. Costas de decalho 27, *Mallo* e *medido* de ornamento: *suppl.* Fano, S- V, fig. 27 a 33, 1 a 11, *adrelia*, *duplo* *posto*, *praga* 1.



27. *Capa comprida.* Frente do Sombro: Maldo e motivo de ornamento: supel. Pa-
No V. fig. 27 a 31. 1 a 11. entrela. do
ponto, página 1.



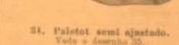
28 a 29. Capuz, para capuz paletot etc.
— Molde: supli.



ho 27.
Fano,
dopo



pun
pas



28 a 29. Capuz, para capuz paletot etc.
— Molde: supli.



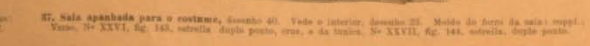
32. Bomeira
para senhora.
Venda = destino
4 x 7. Molde:



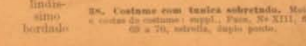
fronte; o rebução
é marcado no
molde por meio
de uma linha



10. *Journal of the American Medical Association*, 2000; 284: 2689-2694.



fronte; o rebução
é marcado no
molde por meio
de uma linha



100

a machina de seda preta, sobre as costas, a frente, a aba e os casacos das mangas de 10 cent. de largura. As duas pontas no fundo acabadas por meio de um esbôço da passamanaria sobre 80 cent. de comprimento.

34 e 35. **Capa comprida com manga dolman.** — Modelo e motivo do ornamento: suppl. Verso, N.º XVII, fig. 90 a 101, a e n, estrela, duplo ponto, cruz, ponto, pregas 4 a 6. — O bordado que cruza a capa que os vestidos desenhos 34 e 35 mostram de frente e de costas é executado com cordão de seda sobre os motivos desenhados no verso da folha do molde. O traje será tallado sobre a fig. 90 e 99, as partes ajustadas segundo as instruções fornecidas pelos desenhos fig. 90, a a 93. A fig. 101, representa o bordado do cunho da manga, a fig. 100 o motivo das costas e a fig. 101 o motivo da gola. O mesmo modelo e de duas peças de 12 cent. e a bainha é acabada por meio de um ponto.

36. **Costume com tunica em avental.** — Vede as costas do costume: suppl. Verso, fig. 147. — O desenho 36 de cachemir cor de castanha escura é ornado de um bordado do sotaque de seda preta; a fig. 147 mostra as costas deste costume, mas sem o bordado e com uma saia pregada na frente e ornada de um pregado de 55 cent. de altura. O lado direito da peça é pregada na cintura com excepção da parte bordada que com um lindíssimo acabamento. O esboço é do panno cor de mole, composto de tiras recortadas, prêmia por meio de duplas botões de ouro, bordado a sotaque, vede os desenhos 93 e 72.

38. **Costume com tunica sobretudo.** — Modelo e costas do costume: suppl. Face, N.º XIII, fig. 69 a 70, estrela, duplo ponto. — As portinholas dos bolsos que ornão os dois lados do corpo tem 8 cent. de altura e 14 cent. de comprimento e o laço para fechar sobre a de fita de 10 cent. de largura. O desenho fig. 69, permite de tallar facilmente esta tunica em duas partes, a e b, e fecho é preso guelto na cintura. O meio do avental é indicado por uma linha interrompida, b, as costas, pregando na cintura e dobrado sobre cada lado estrela sobre estrela, duplo ponto sobre duplo ponto; uma linha interrompida marca o meio do paif que se ate abaixo da saia. A passamanaria que ornão o corpo das duas folhas da tunica tem 3 cent. de largura; collocase em duplas linhas sobre a frente da saia. O costume de cachemir heliotrope de duas tons é ornado de passamanaria da mesma cor, mas de um tom mais escuro.

39 e 40. **Capa comprida com manga romãira.** — Modelo e frente da capa: suppl. Verso, N.º XX, fig. 113 e 115, 13 a 18, duplo ponto, estrela, cruz, 1 rebô. Tallase este traje de panno leve ou de 12 de cachemir, forrado de seda segundo o desenho, fig. 113; a, a frente, b, as costas e c, a metade das costas completada pela manga romãira e a saia atrás que se ajustará com a fig. 113, assim como é mostrado no desenho, desenhos 114. A parte superior da manga que se tallou de uma só peça e a prega na direcção indicada pela linha interrompida com a estrela sobre estrela é reduzida na cintura por meio de 3 triplas pregas; as pregas do meio são ornadas de um bordado reproduzido pela fig. 60, executado a 12 da mesma cor de um tom mais escuro e o cordão de 12 ou de seda adequada ao fundo do traje. O mesmo bordado debreza a manga forrada de seda e a gola igualmente bordada da trança; vede a fig. 113.

40, 23 e 37. **Costume com dupla tunica.** — Modelo da saia: suppl. Verso, N.º XXVI, fig. 143, estrela, duplo ponto, cruz e para a tunica, N.º XXVII, fig. 144, cruz, duplo ponto. — O modelo d'esta saia muito nova servirá para os vestidos para verão, e para os vestidos para viagem. A roda da cintura é diminuída por meio de pregas na frente e sobre os lados e atrás é tallada em fio direito pregada na cintura; os laços tem 45, 50 e 55 cent. de comprimento. A fig. 144 dá o desenho da tunica sobre o costume para verão de 12 da mesma cor de pespente de seda da mesma cor que a saia e mais escura, ornada por meio de pregas marcadas no molde e dobrada estrela sobre estrela e duplo ponto sobre duplo ponto pelas partes b e c e sobre o lado esquerdo da

saia. O corpo é ornado de uma dupla ordem de botões; a manga direita abotoa no punho e completa-se o vestido para passeio por meio de uma tripla costura ornada de ordens de pontos.

41. **Costume com tunica sobretudo.** — Modelo e costas do costume: suppl. Face, N.º XII, fig. 67 e 68, estrela, duplo ponto, cruz, ponto. — Executa-se de um bordado a sotaque sobre um fio de seda, e uma passamanaria com os seus guilões ou costas segundo um dos commoços modelos da

fig. 11 cent. de largura sobre 34 de comprimento, e do lado esquerdo, a tunica forrada pelo lado direito.

42. **Capa com saia ajustada para 9 annos.** — Modelo e costas da capa: suppl. Face, N.º XII, fig. 67 a 69, estrela, duplo ponto, cruz, ponto. — O traje que nos serve de molde é de cachemir bege e encarnado, executado de veludo de compridas, talladas de uma só peça; a de



39. **Capa comprida com manga romãira.** Vede os desenhos 113 e 115. Modelo da frente: suppl. Verso, N.º XX, fig. 113 e 115, 13 a 18, duplo ponto, estrela, cruz, 1 rebô.

40. **Costume com dupla tunica.** Vede os desenhos 143 e 144. Modelo da saia: suppl. Verso, N.º XXVI, fig. 143, estrela, duplo ponto e da tunica, N.º XXVII, fig. 144, cruz, duplo ponto.

41. **Costume com tunica sobretudo.** Modelo e costas do costume: suppl. Face, N.º XII, fig. 67 e 68, estrela, duplo ponto, cruz, ponto.

42. **Capa com saia ajustada para 9 annos.** Modelo e costas da capa: suppl. Face, N.º XII, fig. 67 a 69, estrela, duplo ponto, cruz, ponto.

jornal. O desenho do molde fig. 67 mostra os dois lados do corpo na frente; a, o lado direito pregado no pescoço e na cintura, b, o lado esquerdo e c, a tunica, pregada em grandes pregas chatas em toda a volta; dobra-se atrás, estrela sobre estrela, duplo ponto sobre duplo ponto; uma linha interrompida marca o meio da frente e das costas, a fig. 68 representa as costas do costume com as portinholas dos bolsos, ligeiramente cavadas de

não o são. Uma linha fina marca a diferença e do ferro, o collete e de veludo sobre a parte inferior das portinholas dos bolsos; agulhetas ajusta a capa na frente. A saia tem 104 cent. de roda e 104 cent. de largura; o cunho da manga sobre a fig. 43 e 44.

Capa comprida com pala aromeira. — Molde: suppl. Verso, N.º XXV, fig. 112, estrela, duplo ponto. — Talha-se sobre o molde desenhado as linhas indicadas pelo debaixo de uma escovação que a trape abetia sobre o lado. A fôrma e cossão a parte fôrta em uma fôrma fig. 130 a estrela e duplo ponto. O peitillo, a a fôrta e a fôrta do motivo fig. 138 a 140 bordada nas duas pontas e a fôrta de seda. O traje de chevieta côr de

— Este lindissimo costume é de panno cinzento e azul escuro ornado de pespontos, com os botões adequados ao panno; as calças muito curtas abetiam a um corpinho de shirting cinzento fôrta de branco e que abetia a trape; as pregas para o peitillo são muito finas, uma linha fina indica o molde fig. 129 assim como a cintura que abetia no lado direito; os rubucos são indicados sobre a fig. 127, são de panno azul escuro e a saia pregada tem 15 cent. de comprimento e 180 cent. de rola.

13 cent.; a saia prega-se a uma estreita cintura. O fôrta ajustado para o corpo talha-se sobre a fig. 47 e uma linha fina marca os contornos da jaqueta na qual se prende o peitillo cruzado em chala sobre uma camizinha pregada, fig. 48. A cintura é de velludo e fôrta sobre a fôrta; a golla alta tem 4 cent. de altura e a fôrta tem 28 cent. de largura, é embelhada nas duas pontas e a fôrta a trape.

46 e 10. Rameira com fôrta. — Molde: suppl. Face, N.º VI, fig. 32 a 36, 12 a 21, estrela, duplo ponto, cruz.

— Esta elegantissima confecção de cachemir granito, fôrta de setim preto assim como as portinholas formando abas a trape e a camizinha fôrta franzida na fôrta no pescoço e na cintura e acabase por meio de pontas e agulhas ou passamanaria. As fig. 32 a 36 do suppl. reproduzem as diferentes partes do modelo muito exacto, segundo o qual as nossas leitoras poderão executar este lindissimo traje.

47 e 24. Saia com tunica bordada e cordão. — Molde e motivo de ornamento: suppl. Face, N.º XIV, fig. 71 a 72. — A fig. 72 dá a metade dos contornos do bordado executado sobre a fôrta da tunica com cordão a costureira e transdina de seda adequada ao tecido. A fig. 71 reproduz o debaixo da tunica, a, a metade da fôrta b, a metade das costas cossida a cintura com grandes pregas cabindo do direito. A saia dos nossos modelos é de panno cinzento bege e o bordado de um tom mais escuro.

48. Costume para menino de 6 a 8 annos. — Molde: suppl. Face, N.º IX, fig. 53 a 61, 53 a 77, estrela. — O costume desenhado 48 é de chevieta azul escuro, as calças fôrta das ajustadas sobre o peitillo são ornadas com grandes botões dourados com anora assim como o resto. O collete fôrta por meio de botões preto e a veste ou jaqueta fôrta de shirting talha-se exactamente sobre os nossos moldes e a manga ornase com uma anora bordada a ouro; grande collarinho marujo de linho azul cinto pespontado a seda azul escuro e o chippe de marujo de pella azul escuro ornado de uma fôrta da mesma côr cujas pontas csem a trape.

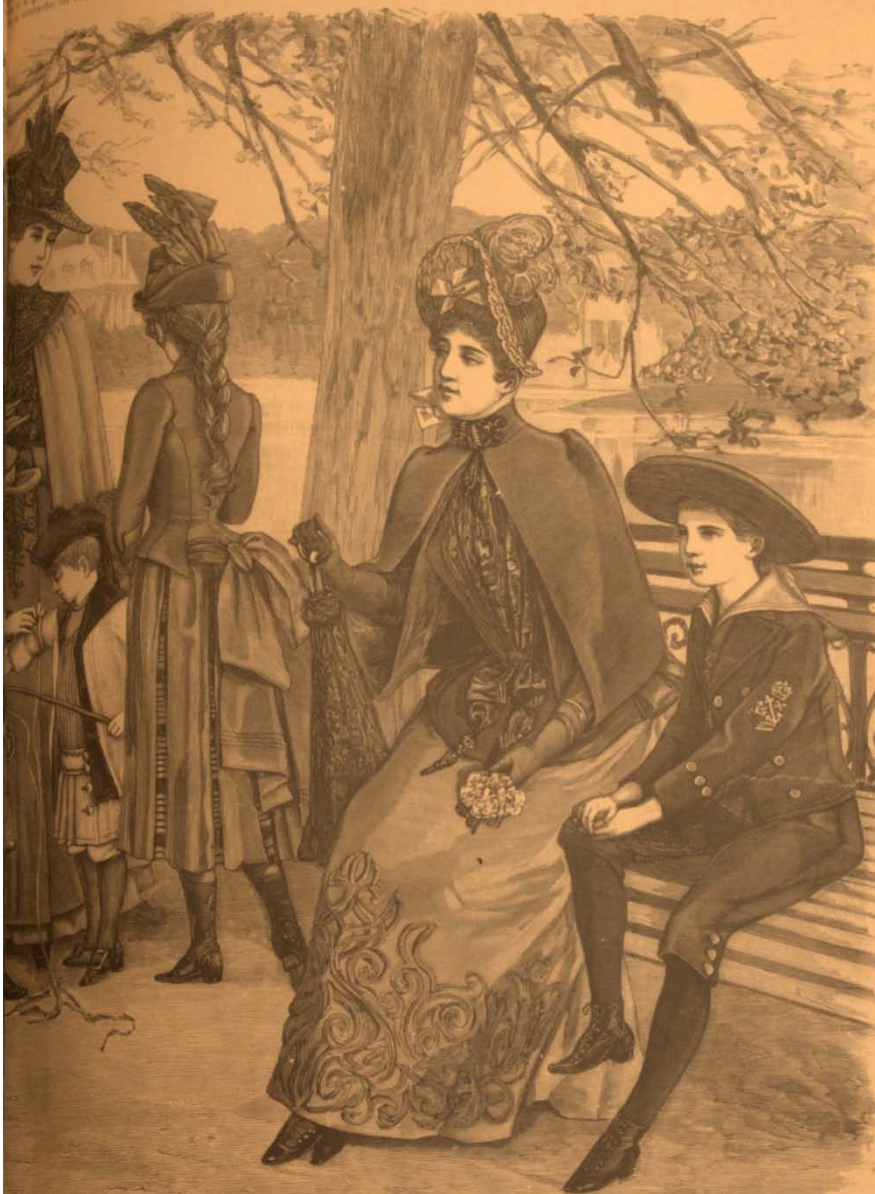
49 a 61. Cortina para vidraça. — Esta cortina é de andrinopela e o desenho 61 a reproduz em tamanho natural em linho branco cossido por um ponto de casa sobre uma tira azul que fôrta em volta da vidraça uma meddura como mostra o nosso desenho.

50. Sacco para costura ornado de bordado. — É de linho cinzento tallado sobre 27 cent. de altura e é debruado com uma fôrta encarnada; corredo de fôrta encarnada. A parte posterior do sacco é ornado de um motivo ligeiramente pintado, representando folhas mortas, flores, borboletas, acabando por meio de pontos de seda para acentuar o relevo.

51 a 52 e 62. Almofada e tapete. Bordado com applicações recortado de andrinopela. — Motivo de ornamento: suppl. Face, fig. 73 a 74 e suppl. Verso, fig. 140. — Cossido por meio de ponto a fôrta com fio cinzento claro abarcando um grossor fio encarnado do ton de andrinopela. A almofada tem 45 cent. de largura sobre 41 de altura, é ornada no meio de viraes dados pela fig. 146 e de dragões fig. 73 e no angulo de um pequeno motivo fôrta segundo a fig. 74, que mostra uma parte da cercadura do tapete que se talha segundo as dimensões da mesa e se fôrta de andrinopela. O meio poderá ser ornado com a mesma applicação.

53. Colchete de bronzo para cintura. — A cintura que dá o nosso desenho 53 é de bronze stylo russo de 8 cent. de altura, casualida e ornada de pedras finas; a cintura é de fôrta de seda.

59 a 60. Tapete de meza ornado de bordado a ponto lançado. — Motivo de ornamento: suppl. Face, fig. 146. — O tapete desenhado 59 bordase sobre um fundo de talagryta estamecha cinzenta, castanho claro a ponto lançado com seda d'Argélia de diferentes cöres; o nosso modelo tem 140 cent. de comprimento sobre 105 de largura, e fôrta de cachemir formado transparente e as pontas executadas em todos os sentidos



Capa comprida com pala aromeira. — Molde: suppl. Verso, N.º XXV, fig. 112, estrela, duplo ponto. — Talha-se sobre o molde desenhado as linhas indicadas pelo debaixo de uma escovação que a trape abetia sobre o lado. A fôrma e cossão a parte fôrta em uma fôrma fig. 130 a estrela e duplo ponto. O peitillo, a a fôrta e a fôrta do motivo fig. 138 a 140 bordada nas duas pontas e a fôrta de seda. O traje de chevieta côr de

44. Costume para menino de 2 a 4 annos. — Molde: suppl. Verso, N.º XII, fig. 123 a 130, 34 a 52, estrela.

45. Costume com corpo jaqueta para meninas de 12 a 14 annos. — Molde: suppl. Face, N.º VIII, fig. 47 a 52, 41 a 52, estrela, duplo ponto, cruz.

46. Rameira com fôrta. — Molde: suppl. Face, N.º VI, fig. 32 a 36, 12 a 21, estrela, duplo ponto, cruz.

47. Saia espanhola ornada de bordado. — Molde: suppl. Face, N.º XIV, fig. 71 a 72.

48. Costume para menino de 6 a 8 annos. — Molde: suppl. Face, N.º IX, fig. 53 a 61, 53 a 77, estrela.

49 a 61. Cortina para vidraça. — Esta cortina é de andrinopela e o desenho 61 a reproduz em tamanho natural em linho branco cossido por um ponto de casa sobre uma tira azul que fôrta em volta da vidraça uma meddura como mostra o nosso desenho.

50. Sacco para costura ornado de bordado. — É de linho cinzento tallado sobre 27 cent. de altura e é debruado com uma fôrta encarnada; corredo de fôrta encarnada. A parte posterior do sacco é ornado de um motivo ligeiramente pintado, representando folhas mortas, flores, borboletas, acabando por meio de pontos de seda para acentuar o relevo.

51 a 52 e 62. Almofada e tapete. Bordado com applicações recortado de andrinopela. — Motivo de ornamento: suppl. Face, fig. 73 a 74 e suppl. Verso, fig. 140.

— Cossido por meio de ponto a fôrta com fio cinzento claro abarcando um grossor fio encarnado do ton de andrinopela. A almofada tem 45 cent. de largura sobre 41 de altura, é ornada no meio de viraes dados pela fig. 146 e de dragões fig. 73 e no angulo de um pequeno motivo fôrta segundo a fig. 74, que mostra uma parte da cercadura do tapete que se talha segundo as dimensões da mesa e se fôrta de andrinopela. O meio poderá ser ornado com a mesma applicação.

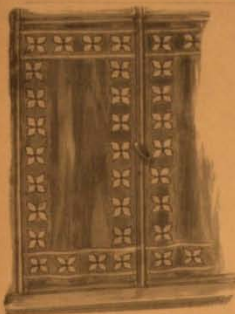
53. Colchete de bronzo para cintura. — A cintura que dá o nosso desenho 53 é de bronze stylo russo de 8 cent. de altura, casualida e ornada de pedras finas; a cintura é de fôrta de seda.

59 a 60. Tapete de meza ornado de bordado a ponto lançado. — Motivo de ornamento: suppl. Face, fig. 146. — O tapete desenhado 59 bordase sobre um fundo de talagryta estamecha cinzenta, castanho claro a ponto lançado com seda d'Argélia de diferentes cöres; o nosso modelo tem 140 cent. de comprimento sobre 105 de largura, e fôrta de cachemir formado transparente e as pontas executadas em todos os sentidos

— Este lindissimo costume é de panno cinzento e azul escuro ornado de pespontos, com os botões adequados ao panno; as calças muito curtas abetiam a um corpinho de shirting cinzento fôrta de branco e que abetia a trape; as pregas para o peitillo são muito finas, uma linha fina indica o molde fig. 129 assim como a cintura que abetia no lado direito; os rubucos são indicados sobre a fig. 127, são de panno azul escuro e a saia pregada tem 15 cent. de comprimento e 180 cent. de rola.

45 e 73. Costume com corpo jaqueta para menina de 10 a 14 annos. — Molde para 10 a 12 annos: suppl. Face, N.º VIII, fig. 47 a 52, 41 a 52, estrela, duplo ponto, cruz. — O nosso modelo é de lã lisa e o mesmo tecido riscado com estife de sarah; talha-se a saia sobre a fig. 52, alternando uma prega da fazenda lisa e um intervallo do tecido riscado. As pregas empiegan 23 cent. do tecido e o intervallo

13 cent.; a saia prega-se a uma estreita cintura. O fôrta ajustado para o corpo talha-se sobre a fig. 47 e uma linha fina marca os contornos da jaqueta na qual se prende o peitillo cruzado em chala sobre uma camizinha pregada, fig. 48. A cintura é de velludo e fôrta sobre a fôrta; a golla alta tem 4 cent. de altura e a fôrta tem 28 cent. de largura, é embelhada nas duas pontas e a fôrta a trape.



49. Cortina ornada de bordado leve. Vista e desenho 51.

de pontos de seda segundo um ponto de rebatido preparado sobre a moldura: O meio dos dentes é um ponto de renda a agulha. Pode-se reproduzir da mesma maneira todos os motivos que nos lavamos reproduzindo sob os nomes de renda (francês) e comprar lindíssimos enfeites para costureira, capa etc. com os sem perdas, costas, gulos etc.

65 a 66. Gorra para menino. — Molde: suppl. Verso, N. XXIV, fig. 133 a 134, cruz, duplo ponto, estrela. — A coroa d'esta gorra, fig. 133 é reforçada por meio de uma gaze encapada; costura-se na pala formada em toda a volta, as pregas marcadas no molde; de seda cor de creme de 133



52. Calcete para cintura de brasa.



53 a 54. Fregio de tapeceiro para o quadro, desenho 60.

67 e 68. Capota para menina. — Molde: suppl. Verso, N. XXIII, fig. 131 a 132, cruz, estrela, duplo ponto. — Reforçando as diferentes partes por meio de um ferro de gaze encapada. O chapéu meio de seda, forrado de seda leve é enfeitado de uma fita de renda de 16 cent. de largura, franja de um fio de seda de um duplo rucheado de renda sobre a coroa e de um duplo rucheado de renda de 4 cent. de largura, disposto em toda a volta e na frente em rucheado sobre a pala, entremeados de laços de fita de atar com pontinhos.

68, 64 a 65. Quadro ornado de pregos de tapeceiro. — O quadro desenho 65 pode fazer-se maior ou mais pequeno segundo o gosto de cada uma; cobre-se de pelúcia ou de velludo e ornase de motivos de pregos de tapeceiro com cabeça bronzada, nikela-da, dourada, dis-



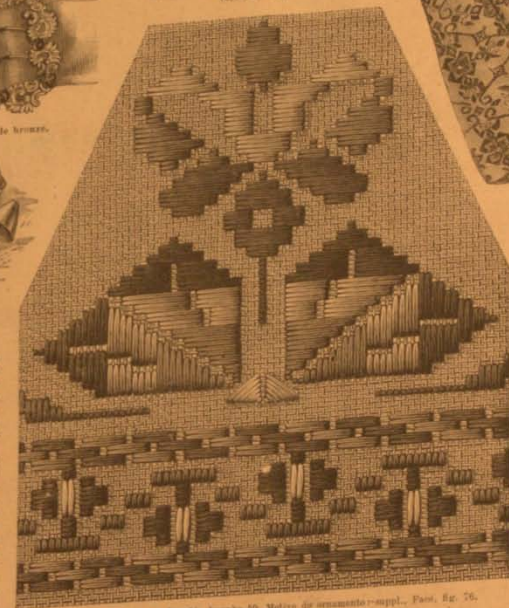
61. Bordado leve para a cortina, desenho 49.

postos nos angulos, em cercadura etc.

70 a 71. Avental para menina de 5 a 10 annos. Molde: suppl. Face, N. XI, fig. 63 a 66, 81 a 88, estrela. — É muito pratico para a escola, faz-se de alga ou de cachemir preto e as linhas indicam a prega na frente e atrás sobre a fig. 63. Pode-se tambem fazer-se de cretonne, de setim de America ou percale de cor, de linho azul ou cinzento enfeitado de fitas de cor. Tem 70 cent. de roda e é ajustado por meio de uma cintura de fazenda dupla;



51 a 52. Almofada e tapete bordado com aplicação. Vista e desenho 52. Motivo de ornamento: suppl. Face, fig. 73 a 74, suppl. Verso, fig. 140.



60. Bordado leve para o tapete, desenho 59. Motivo do ornamento: suppl. Face, fig. 76.

o transparente de setim lilas claro, coberto de tulle renda branco e delirada d'un alto folho de renda franzida; puff de renda franzida sobre a sombrinha, laços de fita cor de creme e lilas. Vede os cabos para sombrinhas, desenhos 21 a 22.

81 e 74. Paletot semi ajustado. — Molde: Costas do paletot e motivo de ornamento: suppl. Face, N. I, fig. 1 a 9, A a N, estrela, duplo ponto, cruz.

— De panno cor de moda de tom claro, bordado a cordão de seda

a pala o duplo assim como o punho da manga franzida a que se talha sobre 3 ou 4 cent. de altura.

72. Cercadura bordada a soutache. — Este trabalho pode fazer-se sobre tear de renda a soutache, prende-se do mesmo modo que os fios a lã com seda adequada; emprega-se em cercadura, costida sobre a beida a enfeitar.

73 e 14. Capa romeira com saia e portinholas para crianças de 2 a 4 annos. Molde: suppl. Face, N. IV, fig. 21 a 23, F a x, estrela, duplo ponto, cruz, ponto. — É de cachemir encarnado forrada de seda adequada e as portinholas de 11 cent. de largura são dispostas sobre um pregueiro



50. Sacco para costura ornado de bordado.

ado de renda cor de creme de 21 cent. de largura e forma um saia, esta cruzada na frente fechada por meio de cordões de botões; cintura de fita encarnada de seda, recortada em dentes grossos bordada sobre uma renda grossa de 9 cent. de altura. O traje, desenho 76 e 18.

76 e 18. Caps romeira com saia franzida para criança. — Molde: Vede os desenhos 75 e 17.

Faz-se este traje de velludo cor de creme ou de 18, de seda etc. e tallar-se a sobre o modelo. A saia tem 175 cent. de comprimento e 25 cent. de largura e o corpo encada de um bordado de

59. Bordado leve para o tapete. Vista e desenho 59, suppl. Face, fig. 76.

ter; o desenho 78, em forma de para barto de lambi de 30 cent. de comprimento e 30 cent. de largura, de seda encarnada, delirada de uma gaze e ornado de laços da mesma fita ou bordado sobre o fundo, panno, letas etc. O grande laço desenho 77 tem 45 cent. de comprimento e o setim 27 cent. O laço preto bordado, pintado de rosas com folhas e frutos, disposto em grinaldas.

79. Costume ornado de bordado. fofardi grande risado de duas tons de nas riscas brancas, ornado na frente de uma túnica faicha curta. O corpo com alça curta, acaba em ponta na frente e atrás e enfeitado muito originalmente de um riquissimo bordado cor de creme applicado sobre a manga, no punho, e emoldorando uma camisinha pregada do mesmo tecido; laços de fita granate de 2 a 3 cent. de largura.

80 e 21 a 22. Sombrinha coberta de tulle. — O cabocé de madeira natural,



62. Bordado com aplicação para a almofada, desenho 51.



64. Capota para menina. Vede o desenho 62. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

65. Chinella para interior ornada de bordado. — O de setim preto, acobreada e forrada de setim azul claro, ornada de flores de ramilhetes de flores, de rosas etc. O paletot forra-se de setim azul claro e abotoa por meio de um botão sobre a gola.

66. Sapato para passeio de duas generos de couro. — O sapato semi alto com canella de couro monoculido de duas tons de castanho tem uma ponteira de couro preto, dentada e pespontada de seda castanha; salto



66. Sapato para menina. Vede o desenho 62. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

67. Capota para menina. Vede o desenho 64. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

68. Quadro ornado de pregos de tapeçaria. Vede os pregos de tapeçaria, desenhos 54 a 56.

69. Cereadura para o abrigo, desenho 30. Bordado a cordão.

70. Avental com pala para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 71. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85.



70. Avental com pala para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 71. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85.

71. Avental para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 70. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85, estola.

72. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

73. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

74. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

75. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

76. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

77. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

78. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

da menina e de um toucas em co- pando e for- mado pelos nosas desenhos; o ornamento da gola é mon- tambo na- tural, pelo desenho 74, bordado.

por meio de duas generos de cordão assim como o traço; este detalhe é mostrado pelos diferen- tes traçados sobre a fig. 7 que reproduz uma parte do bor- dado da frente. O motivo do an- dado forma o ornamento da manga. O paletot forra-se de setim ade- quado e abotoa por meio de um botão sobre a gola.

65. Chinella para interior ornada de bordado. — O de setim preto, acobreada e forrada de setim azul claro, ornada de flores de ramilhetes de flores, de rosas etc. O paletot forra-se de setim azul claro e abotoa por meio de um botão sobre a gola.

66. Sapato para passeio de duas generos de couro. — O sapato semi alto com canella de couro monoculido de duas tons de castanho tem uma ponteira de couro preto, dentada e pespontada de seda castanha; salto



66. Sapato para menina. Vede o desenho 62. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

67. Capota para menina. Vede o desenho 64. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

68. Quadro ornado de pregos de tapeçaria. Vede os pregos de tapeçaria, desenhos 54 a 56.

69. Cereadura para o abrigo, desenho 30. Bordado a cordão.

70. Avental com pala para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 71. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85.



70. Avental com pala para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 71. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85.

71. Avental para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 70. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85, estola.

72. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

73. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

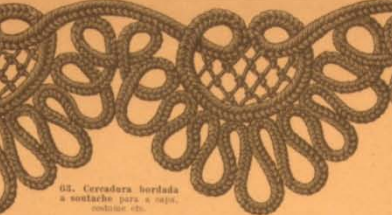
74. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

75. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

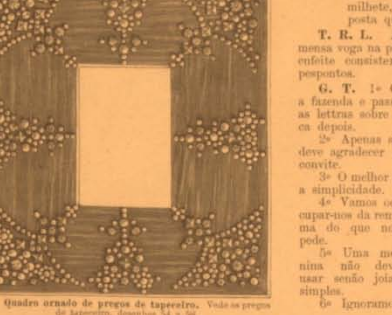
76. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

77. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

78. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.



63. Cereadura bordada a ponteira para a capa, desenho 30.



68. Quadro ornado de pregos de tapeçaria. Vede os pregos de tapeçaria, desenhos 54 a 56.



69. Cereadura para o abrigo, desenho 30. Bordado a cordão.



70. Avental com pala para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 71. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85.

71. Avental para menina de 8 a 10 annos. Vede o desenho 70. Molde: suppl. Voto, N.º XI, fig. 62 a 66, 81 a 85, estola.

72. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

73. Costure com corpo jaqueta para menina de 10 a 12 annos. Vede o desenho 73. Molde: suppl. Voto, N.º VIII, fig. 47 a 52, 51 a 55, estola, duplo ponto, cruz.

74. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

75. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

76. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

77. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

78. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

de lá cin- zenta com um collete semelhante. Chapeu redondo de palha inglesa cin- zenta. La- vas de Suecia cin- zentas.

L. J. Não conhe- cemos esse genero de fabricação. O iria colloca-se no meio da roupa branca, não ha modo especial de levar o ra- milhete, não se pode obter res- posta quanto a ultima questão.

T. R. L. As jaquetas terão im- mensa voga na primavera. O seu uni- cefeite consistirá em uma ordem de pespontos.

G. T. 1.º Colocar o fio sobre a fazenda e passar um lapis seguindo-lhe os contornos. Desenhar as letras sobre papel de seda e bordar sobre o papel que se arran- ca depois.

2.º Apenas se deve agradecer o convite.

3.º O melhor é a simplicidade.

4.º Vamos oc- cupar-nos da rem- ma do que nos pede.

5.º Uma me- nina não deve usar senão joias simples.

6.º Ignoramos



67. Capota para menina. Vede o desenho 64. Molde: suppl. Voto, N.º XIII, fig. 131 a 133, cruz, duplo ponto, estola.

opção d'este producto que de resto não se en- contra mais a renda aqui; a casa que a fabri- cava está em fallencia.

7.º O melhor é não fazer nem dizer nada. A reserva é a conducta mais digna e mais consoladora nesses casos.

T. A. O luto de viuva é de um anno, seis mezes de luto feichado e seis mezes de me- lito.

Paula e Luiza. Si em quanto ao chile de crepe da China. Não quanto ao resto.

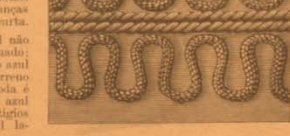
M. N. Se um medico lhe poderá dar um conselho a esse respeito.

C. D. Durante os dias quentes do verão este genero de vestidos póde-se usar para passeio ou visita.

Em todo o caso é um modelo muito mais apropriado para o campo e para as praias.

Maria e Joanna. Póde-se perfeitamente coser uma ou varias ordens de renda e de creme no interior d'essas mangas.

Com um corpo o melhor



74. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

75. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

76. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

77. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

78. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

79. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

80. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

81. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.

82. Cereadura a cordão para gola alta do paletot, desenho 31.



23. Capa com remeteira sem
sala ajustada para criança
de 2 a 4 annos. Vede o de-
senho 14. Model. simpl.
Fam. N.º 1. E. 23 a 26, 1 a
4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

24. Capa com remeteira
e sala ajustada para
criança de 2 a 4 annos.
Vede o desenho 15.
Fam. N.º 1. E. 23 a 26, 1 a
4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

Instruções para o emprego das nossas folhas de moldes.

Por meio de sumario inscripto á direita de
cada lado do supplemento dando os nomes e o
specimen das linhas de todas as fig. tal e dif-
fícil encontrar as peças entrecruzadas; copia-se
o molde por meio da varietilla sobre uma folha
de papel estendida sobre o supplemento ou em
dualque sobre um papel transparente ou gaze
colleada sobre a figura.



81. Paletot sem ajustado. Vede o desenho 74. Model. Cortes da
capa e motivo de ornato: simpl. Fam. N.º 1. E. 3 a 8, 1 a 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

Letras maiúsculas e minúsculas, algarismos e sig-
nos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

As diferentes partes das moldes são differentemente
reproduzidas no supplemento; as mais pequenas são
dadas por inteiro; mas se duas peças d'um mesmo
molde differem pouco, indicam-se por uma só figura.
Exemplo a peça superior e inferior d'uma manga, a
bente e as costas d'uma camisa, de uma calça, d'um
aventall de criança. Indica-se supplementos traçam con-
tornos differentes. Os moldes cujas dimensões excedem
as das nossas folhas são dobrados sobre si mesmos.



79. Costureira ornada de bordado.
80. Sombrião estofado de tulle. Vede os desenhos 21
a 23.

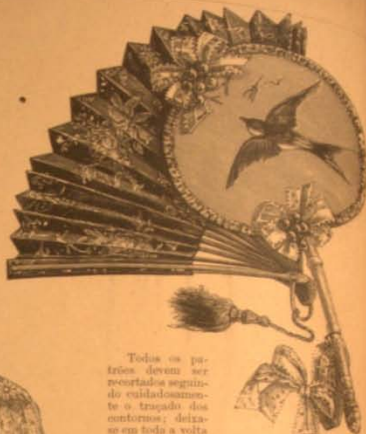
uma ou mais vezes; é necessario então fazer
primeiro o decalque da parte principal e depois
o de cada uma das partes dobradas que se re-
sumem á primeira segundo o decalque do molde
inteiro em que as linhas segundo as quaes se
fizeram as dobras estão indicadas por meio de
linhas rectas.

Certos moldes regulares não são indicados
por inteiro. Estes como peizes, saias, rompes etc.,
as linhas que se devem prolongar terminam por
uma flecha com a indicação do comprimento.
Estes moldes são acompanhados sempre de um
decalque colado no sumario e reproduzido
o molde inteiro em tamanho reduzido; o mesmo
se applica aos moldes methodo, aos apunhaes
reproduzidos por um decalque e cujas dimensões
são todas dadas por algarismos.



82. Chinelos bordados.

83. Sapato para passeio de dois
grupos de cores.



77 e 78. Loques para passeio.

Todas as pa-
trizes devem ser
recolhidas segun-
do cuidadosamen-
te o traçado dos
contornos; deixa-
se em toda a volta
as enclavagens ne-
cessarias para as
costuras, as pregas, os rebolos etc., que são os
comprehendidos em nenhuma das partes das
moldes e estes sendo colados para serem con-
sumos é necessario antes de utilizar um molde
mar medidas sobre a pessoa a que elle se applica
(largura de peito, das costas, comprimento do
braço, comprimento do hombro, das pernas e
parallos com as dimensões de molde para se
modificar as que seria necessario fazer sobre a
dar a forma e as disposições das diferentes par-
tes.



84 e 85. Chapeu sem pala
toda na frente.

84. Romeira com rebolos. Vede a Frente do desenho 11. Model. N.º
30. XVI. E. 85 a 88, 1 a 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.



PL. 727

1888, N. 10

A ESTAÇÃO
Jornal ilustrado para a família
Edição para o Brasil

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 15, Paris
Espartilhos Léoty, 8 Place de la Madeleine, Paris

LIVRARIA
UNIVERSAL
DE
BOHNIQUE & IRMÃO
1339
RUA S. MIGUEL
PELOTAS

XCIV

[illegible]

A visão foi tal, em certa ocasião, que o nosso amigo ficou a olhar para a parede, como se realmente ali estivesse a rotula da rua da Harmonia. De imaginação, fez uma porção de cousas: — bateu, perguntou pela costureira, disse-lhe que levava uma encomenda de vestidos da mulher. Uma vez lá dentro, lançou-lhe a mão ao gansete, e pediu-lhe a verdade ou a vida. A pobre mulher, ameaçada da morte, confessou tudo; levou-o a ver a dama, que era outra, não era Sophia. . . Quando Rubião voltou a si, e a tui-se vexada,

Então, ao vestir-se, disse consigo que, em verdade, a supposição era insensata.

— Não, não podia ser ella.

Vestiu-se de preto, para ir, à noite, à praia do Flamengo. Tinha enfiado as calças; agora atava a gravata, andando. Era no quarto de dormir; duas janellas abriam para a chacara, nos fundos. No meio a cama celibata. Acabou de compor a gravata e parou diante de uma das janellas, olhando para longe; depois, caindo-lhe os olhos no peitoril, deu

com uma caravana de formigas, que iam passando de fora para dentro; ficou indiferente, mas d'ahi pouco, irritado, levantou o dedo, e riscou transversalmente o peitoril, em tres lugares. Talvez alguma das formigas lhe pareceu «boa figura e bonita de corpo». A caravana desfez-se; ellas iam e vinham, abaixo e acima, de um lado para outro, ás tontas, trocando os passos. Umias doze tinham ficado esmagadas pelo dedo do Rubião.

Este, seja dito em honra da natural benignidade, saiu logo da janella, não sei se com uma ponta de remorso, — uma pontinha de nada. Estava tão melindroso que a morte de uma dúzia de formigas bastava a molestar-o. Enfiou o collete ás pressas, para não pensar naquillo. Felizmente, começou a trillar na chacara um passarinho, com tal melodia e graça que o nosso Rubião esqueceu por um instante as cogitações de outra especie. Chegou a parar no quarto botão do collete, tão namorados eram os trillos do animal: *So, so, so... fia, fia, fia... So, so, so... fia, fia, fia.*

Com um pouco de philosophia, teria Rubião agrade-
cido á natureza a precaução sublime e piedosa

XAROPÉ DE DENTIÇÃO
do Dr. DELABARRE

Xaropé sem narcóticos recomendar-se ha ja 20 annos pelas suas vantagens. Facilita a sahida das dentões, evita em fôr cessar os suffragentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egyp-to o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOUZ-ALBESPEYRES, 74, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de B^{re} BARRAL

Recommandados pelas autoridades medicas. Preparações multissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 15 ANOS de LEGISSIMO.

FUMOUZ-ALBESPEYRES, 74, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

TRATAMENTO DA GOTA
Por meio do emprego das Pílulas e do Pó do
LARTIQUE

Remedio das mais effectivas para curar que se conhece contra a GOTA e para que se alivie a dor nas articulações.

FUMOUZ-ALBESPEYRES, 74, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.



A
SUA ALTEZA A PRINCEZA IMPERIAL REGENTE

D. IZABEL, a Redemptora

HOMENAGEM DO JORNAL DE MODAS

A ESTAÇÃO

